



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**LIA BEZERRA MARTINS**

**NO ALHURES DO SENTIDO:**  
**REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO DE LACAN NO BRASIL A PARTIR DE**  
**DUAS EXPERIÊNCIAS TRADUTÓRIAS DO SEMINÁRIO 11**

**FORTALEZA**

**2020**

LIA BEZERRA MARTINS

NO ALHURES DO SENTIDO:  
REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO DE LACAN NO BRASIL A PARTIR DE  
DUAS EXPERIÊNCIAS TRADUTÓRIAS DO SEMINÁRIO 11

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marie-Hélène Catherine Torres.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

M344a Martins, Lia Bezerra.

No alhures do sentido : reflexões sobre a tradução de Lacan no Brasil a partir de duas experiências tradutórias do Seminário 11 / Lia Bezerra Martins. – 2020.  
106 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2020.

Orientação: Profa. Dra. Marie-Hélène Catherine Torres.

1. Estudos da Tradução. 2. Psicanálise. 3. Lacan. 4. Seminário 11. I. Título.

CDD 418.02

---

LIA BEZERRA MARTINS

NO ALHURES DO SENTIDO:  
REFLEXÕES SOBRE A TRADUÇÃO DE LACAN NO BRASIL A PARTIR DE  
DUAS EXPERIÊNCIAS TRADUTÓRIAS DO *SEMINÁRIO 11*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Aprovada em: 8/12/2020.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marie-Hélène Catherine Torres (Orientadora)  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

---

Prof. Dr. Walter Carlos Costa  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Souza Jr.  
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

## **AGRADECIMENTOS**

Ao psicanalista e tradutor Paulo Sérgio de Souza Jr., pela disponibilidade, pelas indicações de fontes de pesquisa e direcionamentos, e pelo diálogo constante e aberto, que muito contribuíram para a escolha e o tratamento do corpus desta dissertação.

A Raquel Sobrinho, pelo carinho, troca de experiências e sessões de escrita e distrações compartilhadas. Minha pessoa, minha inspiração.

A Hélio Grangeiro, pela companhia, colo e admiração mútua, e pelas conversas infinitas que tantas vezes serviram de estímulo à leitura e à escrita.

A meus pais, Erick e Katia Martins, pelo afeto e por proporcionarem os meios materiais que tornaram possível minha dedicação a esta pesquisa.

Ao professor Walter Carlos Costa, pela biblioteca e conhecimentos compartilhados, pela amizade e pelo incentivo à produção e à publicação.

À professora Luana de Freitas, coordenadora da POET, por ter me apresentado ao universo dos estudos da tradução tantos anos atrás, ainda na graduação, e pela generosidade da experiência partilhada durante o Estágio de Docência.

A Kelvis Santiago, secretário da POET, por todo o apoio, acolhida e solicitude.

A minha analista, Larissa Vasconcelos, por tornar possível a construção de um caminho para a sustentação da fala e do desejo.

A minha orientadora, Marie-Hélène Catherine Torres, pela liberdade e absoluta autonomia que me foram concedidas no desenvolvimento desta pesquisa.

“Mais toute langue construit ses nœuds et cherche ses possibilités de dépassement. En ce sens, la traduction est indispensable. C’est bien à travers une autre langue qu’on éprouve ses propres richesses et limites, et qu’on touche soudain à l’ailleurs du sens” (CHENG, 1982)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> “Mas toda língua constrói seus nós e busca suas possibilidades de ultrapassamento. Nesse sentido, a tradução é indispensável. É com efeito através de uma outra língua que se experimentam as próprias riquezas e limites, e que se toca, de repente, no alhures do sentido” (tradução minha).

## RESUMO

A obra do psicanalista francês Jacques Lacan, que tem na descoberta freudiana seu ponto de partida e de chegada, constrói-se como um discurso de estilo fortemente marcado, permeado por neologismos, poliglossia, intertextualidade e mistura de registros, além de uma extrema manipulação sintática – características formais que, indissociáveis do conteúdo, impõem à tradução a necessidade de um trato particular. O trabalho aqui apresentado visa a explicitar, a partir de pesquisa bibliográfica, as implicações éticas, estéticas e epistêmicas do estilo lacaniano no âmbito da transmissão da psicanálise, para então discutir seus efeitos sobre o fazer tradutório, examinando, por meio de um estudo de caso comparativo, as estratégias adotadas por M.D. Magno e Claudia Berliner ao traduzir para o português brasileiro as cinco lições iniciais do *Seminário 11*. O foco da análise situa-se, sobretudo, na posição subjetiva assumida por cada tradutor em relação à alteridade da língua, especialmente considerando as implicações da colonialidade ao se traduzir de uma língua central a uma periférica. Investiga-se, dessa maneira, que fatores determinam o projeto ético e político de cada tradução, e de que forma as estratégias adotadas repercutem sobre a textura e a legibilidade do texto de Lacan em português brasileiro.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução. Psicanálise. Lacan. Seminário 11.

## RÉSUMÉ

L'œuvre du psychanalyste français Jacques Lacan, qui prend la découverte freudienne comme point de départ et d'arrivée, est construite comme un discours de style fortement marqué, plein de néologismes, de polyglossie, d'intertextualité et de mélange de registres, en plus d'une manipulation syntaxique extrême – des caractéristiques formelles qui, inséparables du contenu, imposent à la traduction la nécessité d'un traitement particulier. Le travail présenté ici vise à expliquer, à partir d'une recherche bibliographique, les implications éthiques, esthétiques et épistémiques du style lacanien dans le domaine de la transmission de la psychanalyse, afin de discuter ensuite ses effets sur la traduction, en examinant, au moyen d'une étude de cas comparative, les stratégies adoptées par M.D. Magno et Claudia Berliner lors de la traduction des cinq premières leçons du *Séminaire XI* en portugais brésilien. L'analyse se concentre avant tout sur la position subjective assumée par chaque traducteur par rapport à l'altérité de la langue, en particulier compte tenu des implications de la colonialité lors de la traduction d'une langue centrale vers une langue périphérique. De cette manière, on étudie quels facteurs déterminent la conception éthique et politique de chaque traduction, et comment les stratégies adoptées impactent la texture et la lisibilité du texte de Lacan en portugais brésilien.

**Mots-clés:** Traductologie. Psychanalyse. Lacan. Séminaire XI.



## ABSTRACT

The work of the French psychoanalyst Jacques Lacan, who takes the Freudian discovery as a point of departure and arrival, is constructed as a discourse of strongly marked style, full of neologisms, polyglossia, intertextuality and a mixture of registers, in addition to extreme syntactic manipulation – formal characteristics which, being inseparable from the content, impose on the translation the need for a particular treatment. The work presented here aims to explain, on the basis of a bibliographical research, the ethical, aesthetical and epistemic implications of the Lacanian style in the transmission of psychoanalysis, in order to discuss its effects on translation, examining, by means of a comparative case study, the strategies adopted by M.D. Magno and Claudia Berliner in the translation of the first five lessons of *Seminar 11* into Brazilian Portuguese. The analysis focuses primarily on the subjective position assumed by each translator in relation to the otherness of language, particularly regarding the colonial implications of translating from a central language to a peripheral one. In such manner, the study examines which factors determine the ethical and political conception of each translation, and how the strategies adopted impact on the texture and readability of Lacan's text in Brazilian Portuguese.

**Keywords:** Translation Studies. Psychoanalysis. Lacan. Seminar 11.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Algoritmo fundamental da linguística saussuriana .....	27
Figura 2 – Algoritmo proposto por Lacan .....	28
Figura 3 – Sumário do <i>Séminaire 11</i> .....	58
Quadro 1 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: títulos .....	58
Quadro 2 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (a) .....	60
Quadro 3 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (b) .....	61
Quadro 4 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (c) .....	62
Quadro 5 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (d) .....	62
Quadro 6 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (e) .....	63
Quadro 7 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (f) .....	66
Quadro 8 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (g) .....	67
Quadro 9 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (h) .....	69
Quadro 10 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (i) .....	70
Quadro 11 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (j) .....	71
Quadro 12 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (a) .....	73
Quadro 13 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (b) .....	74
Quadro 14 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (c) .....	74
Quadro 15 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (d) .....	75
Quadro 16 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (e) .....	76
Quadro 17 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (f) .....	77
Quadro 18 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (g) .....	78
Quadro 19 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (h) .....	79
Quadro 20 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (i) .....	79
Quadro 21 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (j) .....	80
Quadro 22 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (k) .....	81
Quadro 23 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (l) .....	82
Quadro 24 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (m) .....	83
Quadro 25 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (a) .....	85
Quadro 26 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (b) .....	87
Quadro 27 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (c) .....	88
Quadro 28 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (d) .....	90

Quadro 29 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (e) .....	91
Quadro 30 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (f) .....	92
Quadro 31 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (g) .....	93
Quadro 32 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (h) .....	95

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
Appoa	Associação Psicanalítica de Porto Alegre
DTS	<i>Descriptive Translation Studies</i> [Estudos descritivos da tradução]
ELP	<i>École lacanienne de psychanalyse</i> [Escola Lacaniana de Psicanálise]
ENS	<i>École normale supérieure</i> [Escola Normal Superior]
IPA	<i>International Psychoanalytical Association</i> [Associação Psicanalítica Internacional]
SFP	<i>Société française de psychanalyse</i> [Sociedade Francesa de Psicanálise]

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	12
2	PSICANÁLISE, EPISTEME E LINGUAGEM .....	19
2.1	A episteme psicanalítica de Freud a Lacan .....	20
2.2	Psicanálise e antropofagia .....	24
2.3	Subversão da linguística estrutural .....	27
3	ASPECTOS ESTILÍSTICOS .....	29
3.1	Língua e estilo .....	30
3.2	Aspectos estilísticos da obra de Lacan .....	32
3.3	Motivações e consequências .....	34
4	A LETRA E SUAS IMPLICAÇÕES NA TRADUÇÃO DE LACAN .....	40
4.1	Colonialidade e lacanês .....	41
4.2	Tradução antropofágica .....	44
4.3	Transcrever e traduzir: dupla mediação .....	46
4.4	Tradução literal e transcrição .....	49
5	SEMINÁRIO 11: CINCO LIÇÕES TRADUZIDAS E RETRADUZIDAS .....	51
5.1	Dados preliminares: a obra e suas versões .....	52
5.1.1	<i>A tradução de M.D. Magno</i> .....	53
5.1.2	<i>A (re)tradução parcial de Claudia Berliner</i> .....	55
5.2	Análise comparativa .....	57
5.2.1	<i>Aspectos vocabulares</i> .....	59
5.2.2	<i>Aspectos sintáticos</i> .....	72
5.2.3	<i>Aspectos intertextuais</i> .....	84
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	96
	REFERÊNCIAS .....	99

# 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação objetiva investigar as idiosincrasias do texto de Jacques Lacan e seus efeitos sobre o ato tradutório, a partir da análise comparativa de duas traduções para o português brasileiro das cinco lições iniciais de seu *Séminaire XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*.

Proferido ao longo do ano de 1964, em Paris, o seminário foi publicado oficialmente em 1973, pelas *Éditions du Seuil*, com texto estabelecido por Jacques-Alain Miller a partir de gravações magnéticas parciais, transcrições e anotações dos participantes, somadas às intervenções do próprio Miller. As duas traduções brasileiras em circulação, que constituem o corpus desta análise, são a de M.D. Magno, que compreende a totalidade do seminário e foi publicada em formato de livro pela editora Zahar, em 1985, e a de Claudia Berliner, que compreende somente as cinco lições iniciais, e foi publicada entre julho de 2006 e janeiro de 2007 ao longo de quatro números não consecutivos do periódico *Correio da Apsopa* (editado pela Associação Psicanalítica de Porto Alegre).

A singularidade do discurso de Lacan se inicia pela imbricação entre inconsciente e linguagem que caracteriza a psicanálise. A partir de seu aforisma “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1973/2006b, p. 41), pode-se depreender a importância fulcral da linguagem para sua compreensão do inconsciente – importância que concerne não somente ao conteúdo, mas também, e de modo muito particular, à forma de sua enunciação: “Lacan mostra por sua linguagem o que traz para a psicanálise freudiana. Mais do que de estilo, poderíamos falar de uma encenação [*mise en scène*], uma formulação do inconsciente em uma linguagem que deve comentar e ilustrar a linguagem deste inconsciente” (OSEKI-DÉPRÉ, 2004, p. 68, tradução minha).

De tal estado de coisas decorre a presença de uma série de características idiossincráticas no texto, a cuja consideração cautelosa o ato tradutório não pode se furtar: variação de registros, sintaxe fragmentária, neologismos, polissemia, intertexto, superposição de línguas. O relevo dado ao significante, a partir do horizonte teórico da linguística estrutural – em verdade, de sua subversão –, resulta em uma tal materialidade da letra de que, por consequência, a verdade do texto aparece como indissociável. Se toda tradução é já uma teoria da tradução (MESCHONNIC, 1973), reconhecer que a transmissão da psicanálise não escapa a uma poética

implica a necessidade de uma abordagem particular do texto psicanalítico em função do ato tradutório.

Tendo em vista tais considerações, entende-se que não cabe, aqui, a adoção de uma teoria única da tradução como horizonte de análise, uma vez que a obra de Lacan escapa a tipificações, inscrevendo-se concomitantemente nas bordas do discurso científico e literário (e filosófico), oral e escrito – o que decerto dificultaria seu endereçamento a partir de um quadro de referência ou método rígido. Ao mesmo tempo, a forma como se estrutura esse discurso faz com que sua verdade habite a letra;

Daí a responsabilidade do tradutor de Lacan, que não pode simplesmente produzir um texto que seria uma hermenêutica do texto lacaniano em outra língua, mas que deve, em sua tradução, testemunhar a prevalência da letra e do jogo do significante, que deve fazer discurso. [...] Trata-se de fazer uma tradução que leve em conta o Real da letra como impossível (JESUINO-FERRETTO, 2011, p. 66-67).

Dessa forma, afigura-se como um horizonte possível ao texto lacaniano aquele da tradução literal<sup>2</sup>, em consonância com o que propõe Antoine Berman em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (1985/2013): uma concepção que se estrutura não a partir da relação dicotômica entre teoria e prática, mas que, ao contrário, a substitui pela dupla experiência e reflexão. O novo par significante – que, não por acaso, se inscreve no título desta dissertação – traz consigo a noção de autonomia e singularidade do saber tradutório, que emana da “experiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua” (BERMAN, 1985/2013, p. 23), distinguindo-se de qualquer saber objetivante e exterior a si.

Tal reflexão sobre o ato tradutório a partir de si mesmo, enquanto experiência, a que Berman denomina tradutologia, parece tanto mais pertinente quanto, de acordo com o autor, ela se elabora a partir da tradução bíblica, com Meschonnic, e da “experiência sempre mais decisiva que a psicanálise (na França e em outros países) faz da tradução (do destino da tradução) dos seus textos fundadores. A cada vez (e aparentemente na mesma direção), é a relação fundamental entre a tradução e a letra que se reafirma” (BERMAN, 1985/2013, p. 26-27).

Partir de tal horizonte – não propriamente teórico, mas reflexivo – implica reconhecer, para além do inessencial da comunicação – que só pode ser transmitido de forma inexata –, “o

---

<sup>2</sup> Em que pese o mal-entendido ser frequente, a tradução “literal” de Berman não se confunde em absoluto com a chamada tradução “palavra por palavra”, a que o autor denomina, em consonância com a tradição espanhola, tradução “servil” – e que é em tudo contrária a sua proposta. Em suas palavras, “há uma confusão aqui entre a ‘palavra’ e a ‘letra’. Evidentemente pode-se demonstrar [...] que traduzir a *letra* de um texto não significa absolutamente traduzir palavra por palavra” (BERMAN, 1985/2013, p. 20).

inapreensível, o misterioso, o ‘poético’” (BENJAMIN, 1923/2010, p. 203) da letra. Conforme declara o poeta e tradutor François Cheng, no trecho de sua entrevista à revista *L’Ane* que serve de epígrafe a este trabalho:

[...] toda língua constrói seus nós e busca suas possibilidades de ultrapassamento. Neste sentido, a tradução é indispensável. É com efeito através de uma outra língua que se experimentam as próprias riquezas e limites, e que se toca, de repente, no alhures do sentido (CHENG, 1982, p. 42, tradução minha).

É este imperativo de *ir além do sentido*, também aludido por Berman (1985/2013, p. 28), que guia a análise aqui empreendida, cujos objetivos são identificar as idiossincrasias que o texto de Lacan oferece à tradução, compreendendo-as no contexto do objeto da psicanálise – o inconsciente – e da estruturação desse saber, para então examinar como esse fenômeno foi tratado por dois tradutores em particular, em suas experiências com as cinco lições iniciais do *Seminário 11*, descrevendo as estratégias utilizadas por ambos e seus respectivos efeitos. O estudo se configura, quanto à abordagem, como qualitativo, uma vez que não visa à representatividade numérica, mas à caracterização de um fenômeno complexo, compreendendo suas múltiplas determinações e encadeamentos. Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, pois visa ao aprofundamento teórico – ainda que possa exercer impacto sobre novos esforços de tradução da obra lacaniana.

A escolha do corpus deu-se em razão da representatividade conceitual e política do *Seminário 11* para os rumos da psicanálise lacaniana. Primeiro seminário a ser publicado, além de demarcar o início da ruptura de Lacan com a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e sua aproximação da *École normale supérieure* (ENS) – o que implicou uma ampliação e reconfiguração de sua audiência –, considera-se que a obra abre também uma nova fase do pensamento lacaniano. No âmbito de uma categorização histórico-cronológica, é identificada como o marco inaugural do que é considerado por alguns autores como o quarto e último período da produção teórica Lacan (compreendido entre 1973 e 1981), no qual, de acordo com os psicanalistas e pesquisadores Oscar Cesarotto e Marcio Peter de Souza Leite (2010, p. 182), “a terminologia e as articulações são específicas de um esquema conceitual próprio, que seria o que se conhece, hoje, como ‘psicanálise lacaniana’”. Ademais, a escolha foi orientada também por uma razão de ordem prática: trata-se do único texto de Lacan que conheceu uma retradução, ainda que incompleta, ao português brasileiro, o que permite uma análise comparativa e também o cotejamento com o paratexto que acompanha – e compõe – ambas as experiências tradutórias.

A dissertação compreende quatro capítulos e organiza-se como segue:



No primeiro capítulo, intitulado “Psicanálise, episteme e linguagem”, inicio por uma caracterização das perspectivas teóricas de Lacan, detendo-me em seu movimento de “retorno a Freud” com vistas à compreensão das nuances políticas e epistêmicas de sua leitura particular da obra freudiana, estruturada em íntima interlocução com outros saberes. Para tanto, faz-se necessário examinar a constituição da episteme em que se inscreve a psicanálise lacaniana, delineada a partir dessas aproximações e convergências com outros campos do conhecimento, e a qual caracterizo como antropofágica, esboçando uma espécie de “discurso do método” – talvez igualmente antropofágico – a partir das noções de *bricolage* (LÉVI-STRAUSS, 1962/2008) e antropofagia (ANDRADE, 1928/1976). Partindo da própria perspectiva lacaniana acerca do lugar ocupado pela linguagem na teoria e na prática psicanalítica, busco elucidar seus usos, apropriações e subversões de conceitos da linguística estrutural de Saussure, delineando seus efeitos sobre a composição do discurso de Lacan.

No segundo capítulo, intitulado “Aspectos estilísticos”, proponho uma breve discussão teórica sobre estilo e literatura, para, a partir dessa base conceitual, examinar os aspectos estilísticos da obra de Lacan. Delineando os usos dados pelo autor aos recursos da língua na construção de seu discurso pessoal, tenciono depreender também as relações entre a forma desse discurso e o conteúdo que ele se propõe não somente a transmitir, mas também a mimetizar. Isso requer, forçosamente, uma reflexão sobre o lugar da poética na psicanálise – das relações entre inconsciente e linguagem que a fundamentam enquanto saber –, bem como o lugar da psicanálise na ciência.

Fica claro que o estilo idiossincrático adotado por Lacan tem motivações e consequências não somente estéticas ou didáticas, mas também de ordem epistêmica e política; proponho, portanto, analisar os fatores extratextuais com possível influência sobre a constituição de tal estilo, assim como os efeitos deste sobre a transmissão do saber psicanalítico e a própria categorização da obra lacaniana entre o discurso científico, literário ou filosófico. Recorro, neste primeiro estágio da pesquisa, aos *Escritos* e *Seminários* de Jacques Lacan, e também à obra de psicanalistas e acadêmicos que se dedicaram ao tema de seu estilo, bem como à compreensão da função e do campo da linguagem na psicanálise lacaniana.

No terceiro capítulo, intitulado “A letra e suas implicações na tradução de Lacan”, abordo as dificuldades específicas que a obra deste autor impõe à tradução. Para uma análise que se pretende ampla, faz-se necessário tratar da faceta política inerente à relação entre línguas, tendo em vista que a tradução não escapa aos efeitos da colonização e do imperialismo. Conforme reflete Angela Jesuino-Ferretto (1999, p. 16):

Traduzir na língua do colonizador teria incidências na própria tecedura do texto? [...] Se trouxermos esse tipo de questão para o campo da tradução de textos psicanalíticos, ou, mais precisamente, de textos lacanianos, poderíamos formular assim o impasse: Lacan deve falar português ou o português deve falar lacanês?

Demarcando o horizonte dado pela hegemonia cultural francesa e pela posição de marginalidade ocupada pela América Latina à época das traduções inaugurais de Lacan ao português brasileiro, investigam-se, muito além das relações objetivas de poder, suas implicações subjetivas, que se exprimem no projeto norteador desses primeiros esforços tradutórios. A partir do novo modelo de relação com a estrangeiridade proposto pelo movimento antropofágico, busco delinear seus desdobramentos nos estudos da tradução para então examinar o lugar da brasilidade na psicanálise lacaniana publicada no Brasil.

Em seguida, discuto as noções de tradução literal e transcrição, tais como propostas por, respectivamente, Berman (1985/2013) e Campos (1962/2011), investigando especialmente seus pontos de convergência com as demandas específicas postas pela estrutura do texto psicanalítico e, mais ainda, pela estilística particular de Lacan. Examinando como acadêmicos dos estudos da tradução e tradutores têm se posicionado diante da tarefa, busco elencar quais estratégias têm sido preconizadas, quais abordagens têm sido criticadas, e quais propostas originais têm surgido no âmbito da tradução psicanalítica e, mais especificamente, da obra de Lacan. A partir de tais reflexões e práticas descritas, analiso as hipóteses levantadas por psicanalistas e tradutores acerca da pertinência e das potencialidades de uma práxis tradutória orientada à psicanálise, isto é, de um conjunto de estratégias de tradução que leve em conta a estrutura do discurso psicanalítico em seu trato particular da linguagem.

Resta ainda, antes que se possa adentrar a análise concreta do corpus, uma questão a ser examinada: a oralidade que caracteriza os seminários – originalmente ministrados para um auditório, em formato de aulas semanais, para as quais Lacan não levava textos preparados, apenas notas e esquemas que eram desenvolvidos ao longo do ensino (REUILLARD, 2007), de uma forma que envolvia ativamente a participação da audiência. Os cinco primeiros seminários a ser ministrados, entre 1953 e 1958, conforme atesta a pesquisadora Patricia Reuillard (2007), contavam apenas com estenógrafos e estenotipistas para a transcrição, além das notas do próprio Lacan e de alguns participantes; nos seminários subsequentes realizou-se também gravação magnética, mas é apenas a partir de 1969 que se dispõe de gravações completas.

O estabelecimento do texto para publicação – esforço do qual foi incumbido Jacques-Alain Miller em 1972, com status de coautor, por designação do próprio Lacan (ROUDINESCO, 1993/1994) – trouxe consigo, assim, uma série de problemas, sendo a precariedade técnica do registro em muito agravada pela estilística lacaniana. Além da sintaxe não convencional, repleta de subordinadas maneiristas e referências obscuras, era frequente a ocorrência “frases interrompidas e não retomadas, devido a uma mudança [...] de assunto, ou a interferências do auditório, que o levam a seguir outro caminho e não concluir a frase iniciada” (REUILLARD, 2007, p. 21). A pontuação revela-se, portanto, uma questão crucial no processo de passagem dos seminários da fala à palavra escrita. É o que admite o próprio Miller (*apud* LACAN, 1973/2008, p. 269), na “Notícia” de que faz acompanhar a publicação do *Seminário 11*: “O mais escabroso é inventar uma pontuação, pois que cada escanção [sic] – vírgula, ponto, travessão, parágrafo – decide do sentido”<sup>3</sup>.

As consideráveis divergências entre a versão milleriana e as versões alternativas – que, apesar da perseguição sofrida nas décadas de 1970 e 1980, hoje têm ampla difusão via Internet, sendo consultadas sobretudo nos círculos de estudo e tradução no âmbito das escolas psicanalíticas – tornam necessária a discussão sobre os fatores de incerteza na transcrição, a dimensão do fator coautoria e, conseqüentemente, o exame das decisões tomadas por Miller quanto à forma e à apresentação do texto dos seminários para publicação.

No quarto e último capítulo, intitulado “*Seminário 11*: cinco lições traduzidas e retraduzidas”, após uma breve contextualização da obra quanto ao conjunto da produção intelectual de Lacan e aos destinos políticos da psicanálise, inicio por apresentar as duas traduções brasileiras que compõem o corpus desta dissertação, identificando seus respectivos horizontes. Ao tratar da tradução de M.D. Magno, por ser a primeira, delinco um panorama conciso das circunstâncias de ingresso e recepção da obra lacaniana no Brasil. Passando à apresentação da (re)tradução feita por Cláudia Berliner das cinco lições iniciais do mesmo seminário, busco igualmente definir seu contexto de produção para, em seguida, a partir de elementos paratextuais bem como propriamente textuais, examinar em que medida a voz do primeiro tradutor influenciou a retradução e o quanto esta se constituiu como desejo de ruptura.

---

<sup>3</sup> No texto fonte, lê-se: “*Le plus scabreux est d’inventer une ponctuation, puisque toute scansion – virgule, point, tiret, paragraphe – décide du sens.*” (MILLER *apud* LACAN, 1973, p. 249). M.D. Magno equivocadamente traduz *scansion* por “escanção”, termo oriundo do vocabulário técnico da enologia; o cognato verdadeiro seria “escansão”, referente à divisão de um verso em seus componentes métricos (AULETE, 2014). A nota de Miller, por estar localizada ao final do volume, não foi traduzida por Cláudia Berliner.

Procedo, por fim, a um estudo de caso comparativo das estratégias de tradução adotadas por M.D. Magno e Claudia Berliner, com foco no tratamento dispensado à letra ou à materialidade do significante lacaniano, examinando de que forma os aspectos vocabulares, sintáticos e intertextuais foram tratados em cada experiência tradutória – isto é, onde a “fidelidade” de cada tradutor se situa no campo disputado entre o sentido e a letra, ou, dito de outro modo, qual o projeto ético de cada tradução –, e de que maneiras, em que medida e com que grau de sucesso a língua de chegada foi manipulada para mimetizar a textura e a sistemática do discurso de Lacan.

Todos os grifos presentes nos trechos citados nesta dissertação são de autoria dos respectivos autores, a menos que o contrário seja expressamente indicado. Em consonância com as recomendações da ABNT (2002), as citações diretas, quando extraídas de obras estrangeiras sem tradução para o português, são trazidas em vernáculo, em tradução minha (fato sinalizado em todas as situações em que ocorre), sempre que o cotejamento com o texto-fonte não seja essencial à discussão – em tais casos, bem como na epígrafe, a tradução é apresentada em sequência, no corpo do texto ou em nota de rodapé. Optou-se por trazer nas citações e referências, juntamente à data da tradução ou da edição consultada, também a primeira data de publicação de cada obra em seu idioma de origem (indicada ao fim de cada referência, e anteposta à data da edição consultada, separada por uma barra, nas citações), visando a melhor situar o público leitor nos desenvolvimentos históricos da psicanálise lacaniana, e também dos estudos da tradução.

Podem-se encontrar, ao longo do texto, algumas ocorrências de *apud*; a expressão latina – que significa “junto de” (FARIA, 2003, p. 90), e não “citado por”, como muitas vezes se acredita – é aqui usada majoritariamente para fazer referência a notas e prefácios do tradutor ou editor, contidas em obras cuja autoria é atribuída, por definição, e com o perdão da tautologia, ao autor. Por fim, por uma questão de praticidade, aliada ao desejo de normalização tipográfica, todas as aspas angulares dos textos em língua francesa ou em português europeu aqui reproduzidos foram convertidas em aspas curvas, seguindo o padrão do português brasileiro.

## 2 PSICANÁLISE, EPISTEME E LINGUAGEM

Tendo iniciado seu percurso na psicanálise cerca de 40 anos após as publicações inaugurais do campo, Jacques Lacan foi considerado por muitos ainda em vida – e é reputado até o presente – como o mais destacado intérprete da teoria freudiana (ROUDINESCO; PLON, 1997/1998, p. 445), da qual foi, sob certa perspectiva, reinventor.

Constituída a partir da descoberta do inconsciente, a psicanálise revela-se, já em Freud, como indissociável da linguagem – sendo mesmo chamada por sua paciente zero, Anna O., de *talking cure* [cura pela fala] (FREUD, 1893-1895/2016, p. 53). Seu método volta-se, em síntese, à investigação das formações do inconsciente – lapsos, atos falhos, chistes, sonhos e sintomas –, as quais se caracterizam como irrupções involuntárias no discurso do sujeito que demarcam um desejo que ele desconhece e que o ultrapassa, obedecendo a processos lógicos internos à linguagem (REUILLARD, 2011, p. 401).

Devido a fatores culturais, contingências políticas e interpretações diversas por parte dos analistas de segunda e terceira gerações, o movimento psicanalítico, já então difundido para muito além de Viena e do Velho Continente, conheceu desenvolvimentos que o conduziram a direções consideradas por muitos – Lacan entre eles – como incompatíveis com o caráter original da invenção freudiana. Nos Estados Unidos, em especial, prosperou uma orientação com ênfase no controle das funções egoicas, a partir de uma abordagem adaptativa, eliminando-se o inconsciente e a dimensão histórico-discursiva do sujeito (CESAROTTO; LEITE, 2010, p. 43-44; ROUDINESCO; PLON, 1997/1998, p. 448) – a chamada “psicologia do ego”.

Na avaliação de Lacan (1973/2006a, p. 45), a dimensão do inconsciente

*estava esquecida*, como Freud previra perfeitamente bem. O inconsciente fechara-se sobre sua mensagem graças aos cuidados dos ativos ortopedistas que os analistas da segunda e da terceira geração se tornaram, analistas estes que se dedicaram, psicologizando a teoria analítica, a suturar essa hiância.

Assim, desde seus primeiros momentos, as contribuições feitas por Lacan à psicanálise colocam-se em posição de antagonismo a tal leitura, buscando superar a tendência biologizante então hegemônica por meio do recurso à filosofia e a outros campos do conhecimento, visando à construção de um aparato conceitual capaz de conferir à psicanálise uma robustez epistêmica

tal que lhe permitisse a possibilidade de constituir-se como uma ciência, “uma esperança de ciência” (LACAN, 1973/2008, p. 27) independente.

## 2.1 A episteme psicanalítica de Freud a Lacan

Freud, que não podia escapar por completo ao espírito de seu tempo – e que, ademais, em seu pleito pela aceitação da psicanálise, estava forçosamente submetido aos critérios de cientificidade então vigentes –, parecia buscar com certa premência algum fragmento da anatomia ou da fisiologia no qual pudesse amparar suas elaborações metapsicológicas – o que é responsável por alguns dos momentos mais desconcertantes de sua obra, como o *Projeto para uma psicologia científica*, de 1890, no qual o psicanalista e escritor Luiz Alfredo Garcia-Roza (2013, p. 47) aponta, de forma muito precisa, o recurso a uma neurologia e anatomia “fantásticas” para dar corpo ao seu modelo do aparelho psíquico.

Para Freud, a demonstração do vínculo da psicanálise com a ciência, isto é, a verificação de sua cientificidade, era de importância fulcral, pois disso dependiam inteiramente a validação e a sobrevivência do novo campo – a articulação com o discurso científico era, como pontuam os psicanalistas Sonia Alberti e Luciano Elia (2008, p. 785), condição *sine qua non* para a conquista de um lugar no panteão dos autores a que se daria algum crédito. A ciência era tida, em suma – e não apenas por Freud, mas também e sobretudo pela comunidade médico-científica de então –, como a única via do conhecimento e do reconhecimento (ALBERTI; ELIA, 2008, p. 785).

Lacan – a quem as revoluções paradigmáticas sucedidas nas ciências desde de Freud e o próprio reconhecimento já então conquistado pela psicanálise autorizam outras escolhas –, por sua vez, assume plenamente o caráter conjectural da episteme psicanalítica, aproximando-se de outros saberes com uma postura radicalmente diversa: o que ele visa nesses campos estrangeiros não é mais qualquer espécie de validação da psicanálise, mas sim ferramentas, isto é, conceitos que, uma vez recortados e adaptados ao objeto da investigação psicanalítica, sejam úteis à produção de discurso sobre ele, contribuindo, paradoxalmente, para o estabelecimento da psicanálise enquanto saber singular e autônomo.

Em seu estudo acerca da reflexão mitopoética, Claude Lévi-Strauss (1962/2008, p. 32) caracteriza-a como “uma espécie de *bricolage* intelectual” – o que é alçado por Jacques Derrida (1967/2009) ao status de um discurso do método das ciências humanas. Tratando do *bricoleur*,

Lévi-Strauss (1962/2008, p. 33) descreve que

seu universo instrumental é fechado, e a regra de seu jogo é sempre arranjar-se com os “meios-limites”, isto é, um conjunto sempre finito de utensílios e de materiais bastante heteróclitos, porque a composição do conjunto não está em relação com o projeto do momento nem com nenhum projeto particular, mas é o resultado contingente de todas as oportunidades que se apresentaram para renovar e enriquecer o estoque ou para mantê-lo com os resíduos de construções e destruições anteriores.

Seu conjunto de meios é determinado somente por sua instrumentalidade, sendo este o critério para a escolha e a conservação de cada elemento (LÉVI-STRAUSS, 1962/2008, p. 34). Não se trata, entretanto – é importante destacar –, de ecletismo ou de uma heterodoxia acrítica, pois, conforme aponta o antropólogo, “Assim como as unidades constitutivas do mito, cujas combinações possíveis são limitadas pelo fato de serem tomadas de empréstimo à língua, onde já possuem um sentido que restringe sua liberdade de ação, os elementos que o *bricoleur* coleciona e utiliza são ‘pré-limitados’” (LÉVI-STRAUSS, 1962/2008, p. 34) – no caso, por suas relações de oposição com os demais elementos de seus respectivos sistemas teóricos de origem.

Em razão da singularidade do caráter de seu objeto, o inconsciente, a psicanálise é desde início marcada por certo “mal-estar na cultura” – positivista – do discurso científico, no qual Freud se esforça, não obstante, por inscrever sua descoberta e sua pesquisa, apresentadas sobretudo na forma de relatos de casos clínicos e ensaios metapsicológicos, no início do século XX. Para Alberti e Elia (2008, p. 784),

A Psicanálise, neste sentido, é estritamente derivada do método inaugural da ciência moderna, e se não permanece no campo da ciência, é por operar neste método uma subversão radical, pela qual introduz, na cena (por isso dita *Outra cena*, a do *inconsciente*), precisamente, aquilo que o discurso da ciência, por ser a-semântico, universal e contingente, introduziu mas, no mesmo golpe, expeliu de seu campo operacional: o *sujeito* (e não o *homem*).

Esta espécie de não-lugar epistêmico, reservado à psicanálise pela não conformidade entre seu objeto e o paradigma dominante de ciência experimental – em cujo discurso aquele parece emergir como um furo –, força-a a buscar novas vias de elaboração de seu saber sobre o sujeito, articulado à linguagem. Por esta razão, Garcia-Roza (2013, p. 22) sustenta que “A psicanálise teria [...] operado uma ruptura com o saber existente e produzido o seu próprio lugar. Epistemologicamente, ela não se encontra em continuidade com saber algum, apesar de arqueologicamente estar ligada a todo um conjunto de saberes sobre o homem, que se formou a partir do século XIX”.

Meio século depois da publicação desses textos fundadores, Lacan defronta-se ainda com a mesma angústia de indeterminação ou incerteza quanto ao caráter epistêmico da psicanálise e sua cientificidade – uma angústia que persiste, como marca de nascença, fazendo-se presente nas elaborações psicanalíticas até os tempos atuais. Na França do pós-guerra, todavia, quando comparada à Europa eduardiana de Freud, impera uma concepção de ciência já muito menos pautada no modelo fornecido pela anatomofisiologia. Em razão dos avanços da historiografia, da sociologia, da antropologia, da linguística e também das novas possibilidades de consciência abertas pela *démarche* artística e filosófica – sabe-se que a estética surrealista, o idealismo de Hegel e a ontologia de Heidegger são influências notáveis –, para não mencionar o impacto resultante da aceitação e difusão da própria psicanálise, Lacan tem diante de si um horizonte epistêmico muito mais vasto que aquele encontrado à época da invenção freudiana.

Alberti e Elia (2008, p. 786) sustentam que “É com Lacan que o alcance da preocupação de Freud sobre a relação da Psicanálise com a Ciência pode ser definitivamente explicitada”. Na aula de abertura de seu *Seminário 13*<sup>4</sup>, cuja estenografia foi publicada nos *Escritos* sob o título “A ciência e a verdade”, o psicanalista francês denuncia a invenção de um pretenso rompimento de Freud com o cientificismo de sua época, sustentando que a via por ele aberta “nunca se desvinculou dos ideais desse cientificismo, já que ele é assim chamado, e que a marca que traz deste não é contingente, mas lhe é essencial. E que é por essa marca que ela preserva seu crédito, malgrado os desvios a que se prestou” (LACAN, 1965/1998, p. 871).

Sem abrir mão do rigor metodológico que Freud reivindica, portanto, uma vez que é a seus textos, a sua descoberta, a seus conceitos fundamentais que se propõe a retornar, Lacan não deixa de operar na psicanálise certa revolução ou, ao menos, reformulação epistêmica. Apoiando-se no leque de perspectivas que lhe é facultado por seu tempo e lugar, ele conduz sua pesquisa psicanalítica, seu esforço de construção de um lugar epistêmico apto a abrigar o inconsciente – de elaboração de um discurso capaz de produzir sobre ele um saber, fazendo avançar a descoberta de Freud –, de forma análoga ao *bricoleur*. Essa postura, ainda que levada ao limite pela orientação lacaniana, não deixa de se anunciar no próprio nascimento da psicanálise, o qual, ao mesmo tempo em que se dá como um ponto de ruptura – com a neurologia, a psiquiatria e a psicologia do século XIX –, pode também ser apresentada como “o efeito de uma série de articulações entre saberes e práticas que construíram o solo histórico

---

<sup>4</sup> O *Seminário 13* ainda não foi publicado oficialmente no Brasil; há, no entanto, uma tradução não comercial ou “pirata”, como suas revisoras o colocam (NAGEM; GUARRESCHI, 2018), que data de 2018, de autoria de Luc Matheron e revisão técnica de Glaucia Nagem e Luciana Guarreschi, destinada aos membros da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.



que possibilitou sua emergência” (GARCIA-ROZA, 2013, p. 25).

Definindo práxis como “o termo mais amplo para designar uma ação orquestrada pelo homem, seja ela qual for, que lhe dá condições de tratar o real pelo simbólico” (LACAN, 1973/2006a, p. 37) – noção que se aproxima do sentido que neste trabalho se pretende evocar pelo termo *saber* ou pela expressão *campo do conhecimento*<sup>5</sup> –, Lacan (2006a, p. 38) declara: “Não iremos, como Diógenes, nos pôr a procurar, não um homem, mas nossa psicanálise, nos vários campos, muito diversificados, da práxis. Preferimos levar conosco nossa psicanálise e, imediatamente, ela nos dirige para pontos bastante localizados, denomináveis, da práxis”.

Mais adiante no mesmo *Seminário 11*, Lacan elabora o argumento de que cabe aos traços de percepção [*Wahrnehmungszeichen*] de Freud o “verdadeiro nome” de *significantes*, e, desenvolvendo sua leitura estruturalista do aparelho psíquico como diacronia que permite a simultaneidade da cadeia significante, alude diretamente ao tensionamento epistêmico que assim introduz:

Todas essas indicações [presentes no texto freudiano] se entrecruzam, e, também para nós esses entrecruzamentos garantem que encontramos Freud – sem que possamos saber se é daí que vêm nossos fios de Ariadne, porque, claro, nós o lemos antes de formular nossa teoria do significante, mas sem poder sempre compreendê-lo no momento. Embora sem dúvida tenha sido pelas necessidades próprias de nossa experiência que pusemos no âmago da estrutura do inconsciente a hiância causal, ter encontrado sua indicação enigmática, inexplicada, no texto de Freud é para nós a marca de que progredimos no caminho de *sua* certeza. Pois o sujeito da certeza está dividido aqui – a certeza, é Freud quem a tem (LACAN, 2006c, p. 62).

Tem-se aí um dos momentos – infrequentes – de sua obra em que Lacan expressamente reconhece seus acréscimos próprios à teoria freudiana, e, fazendo-o, explicita suas razões: compreender Freud nos pontos que em outros momentos não pôde, cingir numa formulação teórica profícua o que nele é indicação enigmática, inexplicada, para, enfim, ser capaz de avançar na direção da certeza da descoberta freudiana – esta que é, a um tempo, a meta e o critério do proceder epistêmico lacaniano.

Investigando o estatuto dos discursos – em especial aqueles das ciências humanas, ou, como prefere Lacan (1973/2008), conjecturais – no jogo das significações, Derrida sustenta que uma passagem para além da filosofia (ou, como ele não diz, uma superação dialética da

---

<sup>5</sup> Mais adiante na mesma lição, Lacan permite confirmar a admissibilidade dessa hipótese de leitura ao se indagar, “sabendo que *a práxis delimita um campo*, se é no âmbito desse campo que se acha especificado o cientista da ciência moderna, que já não é um homem que sabe tudo de tudo” (LACAN, 2006a, p. 39, grifo meu).

filosofia) consistiria em “continuar a ler *de uma certa maneira* os filósofos” (DERRIDA, 1967/2009, p. 420). É disso que se trata no *bricolage*<sup>6</sup> de Lévi-Strauss, e também, em grande medida, na psicanálise lacaniana. É essa atitude que sustenta sua apropriação subversiva de conceitos da linguística de Saussure, da filosofia de Hegel, da lógica matemática de Frege, bem como da própria antropologia estrutural de Lévi-Strauss, com vistas a enriquecer uma psicanálise freudiana revisitada – a partir de uma perspectiva que não deixa de ser, ela mesma, subversiva, e, em relação aos mencionados campos do conhecimento, também antropofágica. O “retorno a Freud” proposto por Lacan é, afinal, um convite a “continuar a ler *de uma certa maneira*” – e com novas ferramentas – os textos freudianos.

## 2.2 Psicanálise e antropofagia

O termo *antropofagia* faz referência ao movimento artístico brasileiro fundado a partir do manifesto oswaldiano de 1928, e é aqui invocado sobretudo em razão de sua potência metafórica para a descrição do objeto em exame, isto é, a constituição da episteme da psicanálise lacaniana em suas relações com outros saberes. Situada no contexto do modernismo brasileiro, a vanguarda constitui o momento mais contundente deste período que, iniciado em 1922, se estende até 1945 e inaugura o século XX nas ideias, nas letras e nas artes plásticas do país. Para compreender o modernismo e, por consequência, a antropofagia, é necessário considerar ambos os fenômenos à luz das condições sócio-históricas que os informam. De acordo com o sociólogo e crítico literário Antonio Candido (2006, p. 127),

Na nossa cultura há uma ambiguidade fundamental: a de sermos um povo *latino*, de herança cultural europeia, mas etnicamente mestiço, situado no trópico, influenciado por culturas [...] ameríndias e africanas. Esta ambiguidade deu sempre às afirmações particularistas um tom de constrangimento, que geralmente se resolvia pela idealização. Assim, o índio era europeizado nas virtudes e costumes (processo tanto mais fácil quanto desde o século XVIII os nossos centros intelectuais não o conheciam mais diretamente); a mestiçagem era ignorada; a paisagem, amaneirada. O Modernismo rompe com este estado de coisas.

Em manifesta leitura psicanalítica, o crítico literário aponta que o movimento “importa

---

<sup>6</sup> Em português há o substantivo (feminino) “bricolagem”, originário do francês, que designa um “conjunto de atividades (pequenos consertos domésticos, pintura, artesanato, decoração, jardinagem etc.) desenvolvidas para o próprio uso, dispensando a contratação de mão de obra especializada” (AULETE, 2014). Optei por manter o termo em francês em razão de ser ele assim trazido na tradução brasileira da obra de Lévi-Strauss – por questões de padronização, portanto. Para o termo *bricoleur*, aquele que faz *bricolage*, não há equivalente em língua portuguesa.

essencialmente, em sua fase heroica, na libertação de uma série de recalques históricos, sociais, étnicos, que são trazidos triunfalmente à tona da consciência literária” (CANDIDO, 2006, p. 126-127). O modernismo inaugura, assim, um momento de originalidade própria na dialética do universal e do particular (CANDIDO, 2006, p. 126), afirmando o triunfo da brasilidade, no que ela tem de singular, sobre a cultura europeia que se impunha como padrão comum – mas, paralelamente, tomando de empréstimo a esta (em especial às vanguardas artísticas francesas e italianas) elementos estéticos a serem ressignificados como forma de expressão literária.

A antropofagia, no seio do movimento modernista, reivindica uma “deglutição” da cultura estrangeira (sobretudo europeia) e, ao mesmo tempo, um resgate de elementos culturais africanos e ameríndios, afirmando a partir desse caldo uma arte brasileira própria e autônoma, capaz de constituir-se como manifestação livre da autenticidade de um país de contrastes. Nas palavras da psicanalista e pesquisadora Cristiana Facchinetti (2002, p. 93), trata-se de

uma consciência estética crítica que romperia com a história nacional tornada oficial e buscaria sua reformulação de modo a incluir o que vinha sendo excluído desde o século XIX [...], tornando possível ao pensamento sobre a cultura dialetizar com o Outro europeu, numa apropriação feita a partir de seus próprios significados, estabelecendo identidades e diferenças.

Um movimento, pode-se notar, em muito análogo àquele que Lacan empreende e a que denomina “retorno a Freud” – hipótese de leitura que se apoia também no perfil dialético que Antonio Candido (2006, p. 126) traça do modernismo: “É uma retomada, porém, que aparece sobretudo como ruptura, e realmente o é se atentarmos para o fato de que o plano em que se dá é bem diverso”. Reputando a antropofagia o momento mais denso da dialética modernista, o autor caracteriza-a como “Um veemente desrecalque, por meio do qual as componentes cuidadosamente abafadas, ou laboriosamente deformadas [...] pela ideologia tradicional, foram trazidas à tona da consciência artística” (CANDIDO, 2006, p. 172) – uma descrição que, ademais de amparada nas elaborações da psicanálise, espelha o esforço empreendido por Lacan quanto ao resgate do conceito de inconsciente e à restituição do lugar da fala e da linguagem na práxis analítica.

Dessa forma, a antropofagia serve aqui não apenas a uma representação heurística da maneira como Lacan se aproxima de campos do conhecimentos estrangeiros à psicanálise, tomando de empréstimo conceitos para, ressignificando-os, articulá-los em uma perspectiva teórica original; a antropofagia também espelha seu movimento de *retomada* – da letra freudiana, da abertura infernal de sua descoberta – pela via da *ruptura* – com a tradição

egocentrada que se tornara dominante após a morte de Freud, institucionalmente respaldada pela IPA.

O enlaçamento entre psicanálise e antropofagia em solo brasileiro não se resume em uma mera semelhança de atitude de que se possa dizer fortuita; há nele, inclusive, um caráter dialético: a antropofagia se constitui em diálogo com a psicanálise (vide as menções diretas a Freud no *Manifesto antropófago* de Oswald de Andrade) e, ao mesmo tempo, por meio dos fragmentos, representações e elementos estéticos que insere no imaginário nacional – ou reinsere, em nova leitura –, contribui para “viabilizar a construção de novas trilhas para a psicanálise no país” (FACCHINETTI, 2002, p. 93).

Em sua demanda pela invenção de um pensamento, de uma cultura independente, os modernistas – poetas, romancistas, críticos de arte – aproximaram-se fortemente da psicanálise, recorrendo a ela em busca de respostas relativas não apenas ao conteúdo, mas à própria forma de sua escrita. Assim, tendo a psicanálise como influência determinante em sua própria constituição enquanto movimento artístico, o modernismo, sobretudo em sua vertente antropofágica, “acabou por produzir efeitos significativos no que se refere à implantação do saber psicanalítico no país e nas repercussões que teria no imaginário social” (FACCHINETTI, 2002, p. 93), promovendo por essa via, ademais, um deslocamento desse saber do domínio médico e sua introdução no universo cultural.

Compreendendo a antropofagia como – muito além de um movimento artístico-literário – um programa ético e estético, com dimensões políticas, de construção de uma subjetividade nacional a partir do resgate da própria história em diálogo aberto com o Outro representado pela estrangeiridade, ela pode ser adotada como um modelo não apenas para a leitura do texto psicanalítico, mas também para sua tradução – esta que é, para o tradutor Paulo Henriques Britto (2016, p. 51), “a operação de leitura mais cuidadosa que se pode imaginar”, e cuja natureza criativa e heterogênea tem também a textura do *bricolage* (VINOKUR; RÉJOUIS, 2018).

As circunstâncias de ensejo, as características e as condições de possibilidade de uma tradução antropofágica da obra lacaniana ao português brasileiro são discutidas em maior profundidade no terceiro capítulo desta dissertação, na seção dedicada ao problema da colonialidade.

### 2.3 Subversão da linguística estrutural

Em que pese ter sido contemporâneo de Ferdinand de Saussure, Freud não chegou a tomar contato com as elaborações teóricas e metodológicas do semiologista suíço, as quais propiciaram, no primeiro quartel do século XX, o surgimento da chamada linguística moderna. Na carência de uma teoria da fala e da linguagem, o fundador da psicanálise teve de arranjar seus próprios termos para tratar do funcionamento do inconsciente, o qual, de acordo com Cesarotto e Leite (2010, p. 54), em parte alguma de sua obra aparece formalizado exhaustivamente. Lacan, por seu turno, estava bastante familiarizado e mesmo inserido nos círculos estruturalistas – já bem estabelecidos na França do pós-guerra, que serve de cenário ativo a seus avanços teóricos na psicanálise.

A linguística estrutural saussuriana concebe a língua enquanto sistema – forma, e não substância –, cujos elementos são definidos por oposição, de maneira combinatória e relacional, como valores que emanam da estrutura (SAUSSURE, 1916/2006, p. 131-136). Unidade básica do sistema, o signo linguístico é caracterizado a partir de seus elementos constitutivos: o *significante* – imagem acústica, representação material – e o *significado* – conceito representado (Figura 1).

**Figura 1 – Algoritmo fundamental da linguística saussuriana**



Fonte: Saussure (1916/2006, p. 133).

Na leitura feita por Lacan (1957/1998, p. 500), a unidade do signo é desfeita e a posição dos elementos é invertida em relação a sua forma de apresentação no *Curso de linguística geral*: o significante (S) adquire proeminência sobre o significado (s), estando ambos separados pela barra do recalque – que resiste à significação, apontando para a não adequação dos termos (Figura 2).

**Figura 2 – Algoritmo proposto por Lacan**

$$\frac{S}{S}$$

Fonte: Lacan (1957/1998, p. 500).

Patricia Reuillard (2007, p. 30-31) aponta que

Ao modificar, assim, o conceito saussuriano de significante, Lacan acentua sua autonomia. O significante, no sentido psicanalítico, é separado do referente mas definível além de qualquer articulação com o significado. O que o algoritmo lacaniano permite escrever é a existência de uma barra que afeta o sujeito humano devido à existência da linguagem e que faz com que, falando, ele não saiba o que diz.

A partir da subversão que opera sobre as elaborações teóricas de Saussure, Lacan estabelece bases lógico-formais para a descrição do funcionamento do inconsciente, afastando, por consequência, a psicanálise do paradigma biologizante do qual cada vez mais se aproximava. Servindo-se da linguística estrutural como lente para seu “retorno a Freud”, Lacan (1957/1998, p. 509-519) redefine os mecanismos do inconsciente tais como formulados na obra freudiana, identificando-os com as figuras retóricas teorizadas pelo linguista russo Roman Jakobson (1963/1969, p. 37 e ss.) como os dois mecanismos distintos de funcionamento da linguagem: a metáfora – que assimila o conceito de condensação, no eixo paradigmático – e a metonímia – que subsume a noção de deslocamento, no eixo sintagmático.

A compreensão lacaniana da linguagem – considerada como a estrutura própria do inconsciente (LACAN, 1973/2006b) – depreende que “é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse momento” (LACAN, 1957/1998, p. 506). Impõe-se, então, a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante, em que “o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão” (LACAN, 1957/1998, p. 505-506). Tal deslizamento adquire, por consequência, especial relevo na constituição do discurso de Lacan, enquanto esforço duplo de transmissão e mímese da lógica do inconsciente. Vê-se que a análise de Derrida (1967/2009, p. 420) acerca do texto de Lévi-Strauss concerne também ao discurso lacaniano, uma vez que aí também se trata, ainda que não somente, de uma “linguagem sobre a linguagem”.

### 3 ASPECTOS ESTILÍSTICOS

Para uma consideração precisa dos aspectos estilísticos da obra de Lacan, faz-se necessária uma discussão teórica prévia, ainda que breve, acerca do conceito de estilo. Com o intuito de evitar quaisquer imprecisões terminológicas, partirei de algumas definições formuladas pela linguística, disciplina da qual a estilística constitui um ramo.

Linguagem, língua e discurso – três dos significantes mais recorrentes no texto desta dissertação – designam, de acordo com os gramáticos Cunha e Cintra (2016), aspectos diferentes, mas estritamente ligados, do mesmo fenômeno unitário e complexo que é a comunicação humana; sua distinção, portanto, ainda que pertinente do ponto de vista metodológico, não deixa de ser em parte artificial.

Enquanto a noção de *linguagem* compreende qualquer sistema de sinais com valores convencionalmente atribuídos e que, dessa forma, permita a comunicação entre indivíduos, a *língua* – espécie particular de linguagem que constitui o objeto da linguística – consiste na realização social da faculdade da linguagem, a partir de um sistema verbal que emana de uma coletividade, como “meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age” (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 1). O *discurso*, por sua vez, define-se como manifestação concreta e particular da língua, na teia do processo da linguagem:

Discurso é a língua no ato, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que se serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimam o gosto e o pensamento. Essa escolha entre os melhores meios de expressão que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua, denomina-se *estilo* (CUNHA; CINTRA, 2016, p. 1-2).

De acordo com os semioticistas Greimas e Courtés, o conceito de discurso pode, ademais, ser compreendido como sinônimo de *texto* ou, “num quadro teórico algo diferente – mas não contraditório em relação ao primeiro –, discurso pode ser identificado com o enunciado” (GREIMAS; COURTÉS, 1979/2013, p. 144).

Está claro, portanto, o ponto em que está situada a noção de estilo na malha conceitual elementar da linguística, bem como sua dependência do discurso. Proponho, a seguir, abordar a questão estilística, apresentando uma caracterização do fenômeno em termos gerais, de modo a possibilitar a construção de um aparato teórico adequado ao exame do caso particular do discurso de Lacan, conferindo à análise subsequente o rigor metodológico necessário. Após a

delimitação do arcabouço conceitual adotado, feita na seção 2.1, procedo a um breve inventário descritivo dos principais aspectos estilísticos presentes no texto laciano (seção 2.2), para então discutir suas motivações – pessoais, políticas e didáticas – e suas consequências – epistêmicas, sobretudo (seção 2.3).

### 3.1 Língua e estilo

Entre a língua e o estilo, há uma tensão que pode ser manifesta na dicotomia entre representação e expressão. Da língua em senso estrito “transborda o ato linguístico, que é a enunciação do termo em dadas circunstâncias. [...] O alcance representativo se desdobra num alcance expressivo, em que se integram as funções da manifestação psíquica e do apelo” (CÂMARA JR., 1977, p. 14). A estilística é, para o professor Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1977), a ciência da linguagem expressiva.

Em sua obra seminal *Stylistique comparée du français et de l'anglais*, cuja primeira publicação data de 1958, os linguistas franco-canadenses Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet argumentam que:

Na medida em que a língua nos é dada, ela é um conjunto de servidões a que somos obrigados a nos submeter. Por exemplo, o gênero de palavras, a conjugação dos verbos, a concordância das palavras entre si. Dentro destes limites é possível escolher entre os recursos existentes, e é esta liberdade que cria a fala (VINAY; DARBELNET, 1958/1972, p. 31, tradução minha).

O que os autores designam como fala, isto é, a parcela do discurso que escapa ao conceito saussuriano da língua, pode ser identificado com o estilo. Mattoso Câmara Jr. (1977, p. 13) sustenta que “Em verdade, o estilo é a definição de uma personalidade em termos linguísticos”. Tal personalidade linguística seria caracterizada pelos traços não-coletivos do sistema, isto é, pelo exercício da liberdade facultada pela língua num ou noutro ponto, que permite ao sujeito ser original sem renunciar à inteligibilidade.

Em uma formulação alternativa, porém compatível com a aqui apresentada, o linguista de orientação estruturalista Émile Benveniste, em suas “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, caracteriza a língua como “uma estrutura socializada, que a palavra sujeita a fins individuais e intersubjetivos, juntando-lhe assim um perfil novo e estritamente pessoal” (1966/1976, p. 84). Realizando-se no interior e por intermédio da língua,



sistema comum a todos, o discurso assume, por meio da palavra, configurações únicas, sendo simultaneamente portador de uma mensagem e instrumento de ação; por tal razão, Benveniste (1966/1976) conclui pela existência de uma antinomia, no sujeito, entre o discurso e a língua. É precisamente sobre este ponto de inflexão que nos debruçamos, denominando-o estilo.

A investigação do fenômeno estilístico fundamentada no sujeito, isto é, no autor, surge no século XVIII e ganha força sobretudo no XIX – nesta perspectiva, “Um exame minucioso do estilo de um autor identificaria [...] detalhes específicos que caracterizariam a percepção que aquele indivíduo tinha do mundo e da vida” (FREITAS, 2007, p. 50). É o que se encontra cristalizado na máxima do escritor francês Georges-Louis Leclerc, conhecido como Conde de Buffon, retomada pelo próprio Lacan na abertura de seus *Escritos* (1966/1998, p. 9): “*Le style est l’homme même*” [“o estilo é o próprio homem”] (BUFFON, 1894, p. 16).

A consideração do liame necessário entre estilo e subjetividade opõe-se a certo entendimento, estabelecido pela retórica clássica, do estilo como adorno, isto é, como mero desvio da forma padrão da língua por razões ornamentais, sem relação com o conteúdo do discurso. Este enfoque dualista, fundamentando na dicotomia entre pensamento e língua – e que pressupõe a noção questionável de sinonímia –, apesar de sua presença persistente nas discussões sobre tradução e estilo, demonstra toda a sua fragilidade quando defrontado com “instâncias em que há um entrelaçamento de conteúdo e forma, como na metáfora ou na ironia” (FREITAS, 2007, p. 49).

Por essa razão, a literatura, exemplo máximo de tais instâncias, se constitui como campo privilegiado para a investigação do fenômeno estilístico; conforme a asserção da tradutora e pesquisadora Luana Ferreira de Freitas (2007, p. 46),

O estilo é um fenômeno literário e linguístico – é na literatura que o estilo se manifesta e tem na língua o seu meio. [...] pode ser definido como um uso de língua que chama a atenção para si próprio, quando este uso causa um estranhamento. Este estranhamento acontece quando a língua deixa de ser mero veículo de uma mensagem, quando a leitura se vê desautomatizada por um recurso linguístico que se impõe no processo de decodificação.

No que se realiza como trato particular da linguagem, o estilo constitui-se não apenas como fator determinante da literariedade de um texto, mas também como marca da relação que a psicanálise estabelece, de saída, com o discurso. Benveniste (1966/1976, p. 93) enxerga “fecundas comparações entre a simbólica do inconsciente e certos processos típicos da subjetividade manifestada no discurso”, precisando que se trata, justamente, dos processos

estilísticos do discurso. “De fato, é no estilo, mais que na língua, que veríamos um termo de comparação com as propriedades que Freud desvendou como sinaléticas da ‘linguagem’ onírica” (BENVENISTE, 1966/1976, p. 93).

Nesse processo de estetização do discurso, a língua deixa de ser apenas um instrumento para a comunicação e passa a ocupar um papel central no processo, tornando-se indissociável da mensagem, o que resulta em uma desautomatização da leitura, associada a um uso idiossincrático da língua (FREITAS, 2007). Em consonância com esta perspectiva teórica, será apresentada a seguir uma caracterização do texto de Lacan com base na especificação de suas mais recorrentes idiossincrasias. Uma mera enumeração dos aspectos estilísticos do autor, no entanto, seria insuficiente para os propósitos desta pesquisa.

Câmara Jr. atribui à estilística três tarefas centrais:

- 1) caracterizar, de maneira ampla, uma personalidade, partindo do estudo da linguagem; 2) isolar os traços dos sistema linguístico, que não são propriamente coletivos e concorrem para uma como que língua individual; 3) concatenar e interpretar os dados expressivos [...] que se integram nos traços da língua (CÂMARA JR., 1977, p. 15).

Espero, ao longo deste capítulo, realizá-las sucintamente em relação à obra lacaniana, discutindo as possíveis motivações que sustentam a adoção de tais traços de estilo pelo psicanalista francês, caracterizando o estatuto ético dessa atitude e avaliando os efeitos epistêmicos, que dela decorrem, para a psicanálise enquanto saber – os quais, como ficará demonstrado, têm profundo impacto sobre a tradução.

### 3.2 Aspectos estilísticos da obra de Lacan

A prevalência dada por Lacan ao significante em suas elaborações adquire uma inscrição material no corpo do texto, tendo por efeito um estilo barroco e não linear, o qual rendeu por diversas vezes comparações a Góngora e Mallarmé (CAMPOS, 1989/2005; COSTA, 2016; ROUDINESCO; PLON, 1997/1998) – poetas reconhecidos pelo rebuscamento formal, pela obscuridade e pela extrema estetização da linguagem. Haroldo de Campos, em seu clássico ensaio “O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua”, explicita que “na esteira de Mallarmé, Lacan é também um *syntaxier* (um ‘sintaxista’), um exímio manipulador da sintaxe francesa até os seus extremos limites de diagramação frásica” (CAMPOS, 1989/2005, p. 5).

De fato, um dos traços mais destacados do texto de Lacan é a estrutura de seus períodos – repletos de inversões, quebras e subordinadas maneiristas –, quase sempre desviante da norma convencional da língua francesa. A complexidade daí resultante é um desafio ao leitor, cuja iniciação no campo psicanalítico não é o bastante para isentá-lo dos perigos de perder-se nos labirintos sintáticos do discurso. Outra característica peculiar do texto lacaniano em termos de estilística é a concomitância dos registros coloquial e culto da língua (REUILLARD, 2011), encontrada não raro em um mesmo período, sem qualquer indicativo quanto à razão da passagem de um a outro. É o que se pode observar na seguinte passagem do *Seminário 11*, que também ilustra a longa extensão dos períodos e o aspecto tortuoso da sintaxe:

*De même, pour dire que l'inconscient si fourre-tout, si hétéroclite, qu'élabora pendant toute sa vie de philosophe solitaire Édouard Von Hartmann, n'est pas l'inconscient de Freud, il ne faudrait pas non plus aller trop vite, puisque Freud, dans le septième chapitre de la Science des rêves, s'y réfère lui-même en note – c'est dire qu'il faut aller y voir de plus près pour désigner ce qui dans Freud s'en distingue* (LACAN, 1973, p. 27, grifo meu).<sup>7</sup>

Convivem aí lado a lado, na mesma oração, na descrição de um mesmo objeto – e, em verdade, em relação de sinonímia, ainda que M.D. Magno não o tenha captado em sua tradução para o português –, dois vocábulos pertencentes a registros linguísticos contrastantes: *fourre-tout*, termo que designa, em sua acepção literal, uma sacola de viagem e, conotativa e coloquialmente, “texto, discurso, obra etc. que contém ideias diversas em grande desordem” (LAROUSSE, 2008, tradução minha); e *hétéroclite* [heteróclito], adjetivo com o qual Lacan espelha a significação pretendida, reforçando-a, pela via do registro culto da língua. Além do ganho em expressividade, o recurso provoca, por seu efeito de quebra de expectativa, um impacto desconcertante sobre o leitor.

No âmbito lexical, há ainda uma outra peculiaridade que singulariza a obra de Lacan e, constituindo sua identidade, demarca ao mesmo tempo sua diferença em relação ao discurso

---

<sup>7</sup> Tradução de M.D. Magno: “Do mesmo modo, para dizer que o inconsciente tão intrometido, tão heteróclito, que durante toda a sua vida de filósofo solitário Eduardo von Hartmann elaborou, não é o inconsciente de Freud, também não seria preciso ir muito longe, pois Freud, no sétimo capítulo de *A Ciência dos Sonhos*, refere-se, ele próprio, a isto, em nota – quer dizer que é preciso olhar isso mais de perto para designar o que, em Freud, se distingue.” (LACAN, 1973/2008, p. 31).

Tradução de Claudia Berliner: “Tampouco deveríamos nos precipitar e dizer que o inconsciente tão saco de gatos, tão heteróclito, que Édouard Von Hartmann elaborou durante toda a sua vida de filósofo solitário não é o inconsciente de Freud, pois, no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos*, o próprio Freud faz referência a ele em nota – ou seja, é preciso examiná-lo de mais perto para designar o que, em Freud, dele se distingue.” (LACAN, 1973/2006b, p. 46).

científico: a abundância de neologismos. Conforme Patricia Reuillard, autora de uma tese sobre as criações neológicas de Lacan e suas equivalências tradutórias,

será precisamente essa importância atribuída ao significante que o levará a recorrer sem cessar aos processos de criação lexical de sua língua para sustentar seu aparato teórico. Embora a maioria dos neologismos criados se configure como um hápax, sua profusão e inventividade deixam uma marca indelével no discurso psicanalítico. [...] Nos Seminários lacanianos, a derivação – acréscimo de um afixo a uma palavra-base, com atribuição de um sentido acessório – é o processo mais produtivo de formação de neologismos; identificamos 124 neologismos assim formados, divididos em derivação sufixal, prefixal e parassintética. Na maioria dos casos, preenchem uma lacuna vocabular e uma necessidade estética, cumprindo respectivamente as funções denominativa e estilística (REUILLARD, 2011, p. 399; 402).

Além disso, a intertextualidade é uma marca não apenas do texto, mas da própria perspectiva lacaniana da psicanálise – que, conforme discutido no primeiro capítulo, se estabelece a partir da aproximação e do diálogo com outros campos das assim chamadas ciências humanas –, e não raro se faz acompanhar de uma profusa poliglossia. Conforme a descrição da linguista e tradutora Inês Oseki-Dépré (2004, p. 68):

nesse texto inteiramente “dialógico”, encontram-se, [...] além dos diferentes registros, referências a saberes distintos (jurídicos, médicos, filosóficos), citações em língua estrangeira, uma língua repleta de imagens intraduzíveis, buscando no “isso fala” ou em insinuações culturais exemplos, ilustrações de suas palavras, para as quais a nota do tradutor (a N.T.), “vergonha do tradutor”, é indispensável.

A erudição do público é testada (e constantemente superestimada) com as recorrentes referências a obras e nomes das ciências e das artes, muitas vezes sem qualquer indicação, e com as muitas ocorrências de termos freudianos e hegelianos em sua língua-fonte, bem como de trechos gregos e latinos igualmente sem tradução. Tem-se nos *Seminários* e *Escritos* de Lacan, portanto, um discurso polissêmico, poliglota, pontuado por neologismos e pleno de deslocamentos sintáticos e condensações semânticas (LACAN, 1953/1998, p. 269), que faz constante apelo à função poética da linguagem.

### 3.3 Motivações e consequências

Lacan é um autor difícil, e muito foi escrito sobre as razões e consequências dessa dificuldade, por seus simpatizantes tanto quanto por seus detratores. Enquanto aqueles apontam a qualidade mimética do inconsciente e dos delírios psicóticos (o inconsciente “a céu aberto”)

constitutiva de seu discurso, estes o reputam hermético, confuso, mal organizado, pretensamente misterioso e enigmático, em suma, antipedagógico e anticientífico, sintoma de uma “impostura intelectual” (SOKAL; BRICMONT, 1997/2010).

Foge ao escopo desta dissertação discutir em detalhes as críticas feitas por Sokal e Bricmont (1997/2010) – que se somam às acusações feitas por parte de membros da IPA e outros dissidentes –, bem como as muitas respostas elaboradas por lacanianos após a publicação, em 1997, do polêmico livro *Imposturas intelectuais*<sup>8</sup>. No entanto, parece cabível apresentar um perfil, em linhas gerais, dos argumentos usados para desqualificar Lacan a partir da autoridade institucional científica, uma vez que tais argumentos, quando não partem diretamente do estilo como questão central, são de todo modo atravessados por ele, e a contra-argumentação engendra um debate epistêmico ao qual a tradução de sua obra não pode se furtar.

A premissa fundamental de Sokal e Bricmont diz respeito a um certo abuso da ciência percebido por eles na obra não apenas de Lacan, mas de diversos outros nomes da intelectualidade francesa da segunda metade do século XX (tais como Latour, Baudrillard, Deleuze e Guattari), em razão da extrapolação de conceitos científicos de um campo do conhecimento a outro – o que, de acordo com os autores do livro, é feito sem a menor justificativa, contexto ou fundamentação.

A noção de “abuso da ciência” apresentada por Sokal e Bricmont (dois físicos teóricos), contudo, parece fundamentada em uma concepção de ciência bastante estreita e excludente, forjada a partir de seus próprios campos: as ciências ditas exatas. Sua admitida ignorância em relação aos campos em que se inserem os autores por eles criticados torna bastante questionável sua capacidade de avaliar a pertinência *para a psicanálise* dos conceitos científicos de outras áreas apropriados por Lacan, e lança a suspeita de tratar-se de uma insurgência – hostil e reacionária – da ciência ortodoxa contra os novos desenvolvimentos e paradigmas propostos pelas ciências sociais e humanidades.

Apesar de suas pretensões de cientificidade – que não se confundem com um

---

<sup>8</sup> A obra *Impostures intellectuelles*, no original em francês (também referida por seu título em inglês, *Fashionable Nonsense*) foi escrita como desdobramento da farsa que ficou conhecida como Caso Sokal, ou Escândalo Sokal, quando, no ano anterior, Allan Sokal, professor de física da Universidade de Nova York, submeteu à revista acadêmica estadunidense de estudos culturais *Social Text* um artigo intitulado “*Transgressing the Boundaries: Towards a transformative Hermeneutics of Quantum Gravity*” [“Transgredindo as fronteiras: em direção a uma hermenêutica transformativa da gravidade quântica”]. Conforme revelado logo em seguida, tratava-se de uma paródia satírica cujo objetivo era, de acordo com o que pode ser lido na orelha da edição brasileira de *Imposturas intelectuais* (SOKAL; BRICMONT, 1997/2010), “atacar o cada vez mais comum abuso da terminologia científica e a irresponsável extrapolação de ideias das ciências naturais para as ciências sociais”.

alinhamento pleno à concepção dominante de ciência –, Lacan, reconhecendo na fala e na linguagem elementos centrais à realização da práxis psicanalítica, faz de seu discurso, de seu estilo, um instrumento de transmissão em ato desse saber singular, ligado a uma ética do desejo. Nisso, evidentemente, afasta-se dos ideais de absoluta clareza, objetividade e sentido unívoco que caracterizam os imperativos “ortodoxos” do fazer científico (muito mais adequados às ciências ditas exatas, nas quais é possível um maior distanciamento em relação ao objeto, com conseqüente rebaixamento do estatuto do sujeito)<sup>9</sup>.

Essa tomada do estilo como instrumento, como parte essencial da estruturação e da transmissão do pensamento, não é característica exclusiva de Lacan, mas um traço comum ao conjunto dos autores da episteme pós-estruturalista (etiqueta que não se cola inteiramente à Lacan, mas com a qual sua obra não deixa de ter um vínculo significativo), cujo epicentro foi a França; como afirma o professor e psicanalista – e ex-analisante de Lacan – Stuart Schneiderman (1983/1988, p. 148), “Seja em Lacan ou Lévi-Strauss, em Barthes ou Foucault, existe, nos escritos da França do pós-guerra, uma qualidade poética inconfundível, um desejo de criar mitos e ficções”.

O desenvolvimento que Lacan dá a tal tendência cultural está intimamente imbricado com o tipo a concepção e o tipo de relação com a linguagem que a psicanálise inaugura, a partir da clivagem da subjetividade que resulta da introdução do conceito de inconsciente, a qual produz, de acordo com Garcia-Roza (2013, p. 22-23), uma ruptura entre o enunciado e a enunciação, entre o dizer e o ser. A linguagem, para Freud,

longe de ser o lugar transparente da verdade, é o lugar do ocultamento. O sentido que se apreende oculta um outro sentido mais importante, e essa importância será tanto maior quanto maior for a articulação entre a linguagem e o desejo. Enquanto o discurso chamado racionalista procurava afastar o desejo para que a verdade pudesse aparecer na sua pureza essencial, a psicanálise vai procurar exatamente a verdade do desejo (GARCIA-ROZA, 2013, p. 66).

Daí deriva a releitura ou retificação feita por Lacan do *cogito* de Descartes: “Penso onde não sou, logo sou onde não penso” (LACAN, 1957/1998, p. 521). Para Garcia-Roza (2013, p. 23),

---

<sup>9</sup> Que o termo “ortodoxos”, aqui, seja entendido com um sentido próximo ao de “antiquados”, uma vez que tal concepção está ligada a um estilo de raciocínio científico (MENDES, 2012) eminentemente positivista, e que já não impera – ou não impera sozinho – nas discussões sobre filosofia e história da ciência.

O que esta fórmula denuncia é a pretensa transparência do discurso perseguida pelo cartesianismo e a suposta unidade do sujeito sobre a qual ela se apoia. O sujeito do enunciado não é aquele que nos revela o sujeito da enunciação, mas aquele que produz o desconhecimento deste último. Dito de outra maneira: o *cogito* não é o lugar da verdade do sujeito, mas o lugar do seu desconhecimento.

Emerge como desdobramento disso a textura singular do discurso lacaniano, marcado pela paronomásia, formalmente distante da norma tecnocientífica e muito mais aproximado do fazer literário, que no entanto carrega em si um fundamental projeto de transmissão – visando um objeto que, por si mesmo, faz imposições próprias a esse discurso: o inconsciente. Conforme aponta Louis Althusser (1964/1985, p. 59):

[...] tendo que ensinar a teoria do inconsciente a médicos, analistas ou analisados, Lacan lhes dá, na retórica de sua fala, o equivalente mimético da linguagem do inconsciente, que é, como todos sabemos, em sua essência última, *Witz*, trocadilho, metáfora, bem ou malsucedida: o equivalente da experiência vivida em sua prática, seja ela de analista ou de analisado.

Com efeito, Lacan tinha uma posição bastante crítica em relação ao discurso dito pedagógico, alertando seu público reiteradamente quanto aos riscos de uma compreensão apressada; conforme expõem os professores e pesquisadores de teoria política Jason Glynos e Yannis Stavrakakis (2001, p. 117-118):

Por que deveria ele se dar ao trabalho de aconselhar seu público a rejeitar uma compreensão rápida demais? Exatamente porque teme que os analistas sejam tentados a compreender seus pacientes depressa demais. E o que significa “compreender”? Compreender alguma coisa significa traduzir um termo para outros termos já nossos conhecidos. Isso quer dizer, para Lacan, que ao compreender o discurso de um paciente os analistas só compreendem o que *já* conhecem. Em vez de avaliar o paciente em sua singularidade, em vez de estarem abertos para algo novo e diferente, os analistas efetivamente reforçam seu próprio autoconhecimento.

Como estratégia ética, Lacan opta consistentemente pelo que os autores denominam como a “criação sistemática de certa margem de não-compreensão” (GLYNOS; STAVRAKAKIS, 2001, p. 118) – o que ele mesmo manifesta em múltiplas ocasiões, das quais a abertura de seus *Escritos* constitui um exemplo emblemático: “Queremos, com o percurso de que estes textos são os marcos e com o estilo que seu endereçamento impõe, levar o leitor a uma consequência em que ele precise colocar algo de si” (LACAN, 1966/1998, p. 11).

Evidentemente, um tal programa pode ser desconcertante. De acordo com as críticas enunciada pela psicanalista Maria Rita Kehl (2007, p. 369),

O *lacanês* é barroco, esnobe e parece intencionalmente enigmático. [...] a leitura de Lacan deixa o leitor sempre em dúvida para com sua própria capacidade de compreensão. Explora ao extremo a ambiguidade do significante; com isso, tem-se a impressão de que o que se entendeu está aquém, muito aquém da verdade do texto.

O sentimento de vulnerabilidade intelectual deliberadamente despertado pelos *Seminários e Escritos* lacanianos decerto não angaria simpatias a seu estilo. Sokal e Bricmont denunciam em Lacan “uma verdadeira intoxicação com palavras, combinada com uma suprema indiferença por seu significado” (1997/2010, p. 19), sem se darem conta da primazia do significante nas contribuições lacanianas à psicanálise, que norteiam toda a sua relação com a linguagem; nessa acusação de impostura intelectual, trata-se fundamentalmente de uma recusa ao reconhecimento de uma outra postura possível na produção e na transmissão de um saber, que, pela sua própria especificidade de conteúdo, faz exigências específicas em relação à forma.

Muito da crítica cientificista ao estilo de Lacan parece ser, portanto, dirigida não a alguma característica particular desse estilo, mas ao ato sumamente herético de introduzir o sujeito (a singularidade) na ciência – o movimento inaugural da psicanálise. Lévi-Strauss, retomando sua dicotomia metafórica entre o engenheiro e o *bricoleur*, afirma que a diferença entre ambos “não é tão absoluta quanto seríamos tentados a imaginar; entretanto, permanece real na medida em que [...] o primeiro opera através de conceitos, e o segundo, através de signos” (LÉVI-STRAUSS, 1962/2008, p. 35).

Em tal cenário, o cientista pode ser situado no lugar do engenheiro<sup>10</sup>, enquanto o psicanalista procede como o *bricoleur* – postura que responde pela fluidez conceitual que se aponta por vezes em Lacan. Lévi-Strauss (1962/2008, p. 35) explica que, “Com efeito, pelo menos uma das maneiras pelas quais o signo se opõe ao conceito está ligada a que o segundo se pretende integralmente transparente em relação à realidade, enquanto o primeiro aceita, exige mesmo, que uma certa densidade de humanidade seja incorporada ao real”.

De forma quiçá um pouco mais precisa, em se tratando de Lacan, pode-se dizer que ele opera com o significante – por cuja cadeia flui a significação; daí o relevo da letra ou, ainda, a função e o campo da fala e da linguagem na transmissão psicanalítica. Não sendo o inconsciente acessível de forma direta (daí falar-se em formações do inconsciente), não se pode produzir sobre ele um discurso objetivo, a não ser por um artifício do cientista. Trata-se de um fenômeno

---

<sup>10</sup> De fato, o engenheiro de Lévi-Strauss é uma metonímia para o “homem de ciência” (expressão usada por ele na mesma página da qual foi extraída a citação); a metáfora do *bricolage* é invocada pelo autor para explicar as relações – de identidade e diferença – entre o pensamento mágico ou mítico (a “ciência do concreto”) dos povos ditos primitivos e a ciência em sua acepção moderna e ocidental.



ou estrutura que só se revela nas voltas da palavra, nas dependências do discurso, e a exigência de ordem da ciência não pode ser levada a cabo num saber que versa sobre o inconsciente à custa de se mutilar seu objeto – o que resultaria na perda da especificidade que sustenta todo o edifício epistêmico da psicanálise.

O paleontólogo George Gaylord Simpson (1961), citado por Lévi-Strauss em *O pensamento selvagem* (1962/2008, p. 25), afirma que “o postulado fundamental da ciência é que a própria natureza é ordenada”, e que, “em sua parte teórica, a ciência se limita a uma ordenação”. Entretanto, o inconsciente obedece a uma ordenação diversa daquela dos fenômenos diretamente observáveis que as ciências em geral acolhem como objeto, de modo que a alteridade radical da outra cena requer uma outra sistemática discursiva. Aproveitando a fórmula de Derrida (1967/2009, p. 418) acerca do discurso estrutural sobre os mitos, é possível afirmar que a psicanálise, enquanto discurso sobre o inconsciente, “deve ter a forma daquilo de que fala”.

Treinando seus leitores e ouvintes, analistas em formação, no processo de decifração do inconsciente a partir do discurso do analisante (em sua forma em geral truncada, equívoca, por vezes pontuada pelo tom de surrealismo do delírio psicótico), é possível que Lacan tenha desenvolvido um estilo “perfeitamente compatível com os seus declarados objetivos e interesses” (GLYNOS; STAVRAKAKIS, 2001, p. 120), mesmo que os efeitos desse estilo requeiram cautela por parte de seus seguidores e, especialmente, tradutores. Conforme expõe Maria Rita Kehl (2007, p. 369-370),

quem se propõe a transmitir o ensino de Lacan, muito mais do que quem se aventura a explicar Freud, corre o risco de passar por ingênuo. Freud, herdeiro da aposta iluminista no poder comunicativo da razão, teve a generosidade de ousar ser claro. Talvez por isso, muitos autores lacanianos tenham se esforçado para desenvolver um estilo tão obscuro quanto o de seu mestre. [...] O efeito dessa ética do estilo laciano, cujo objetivo pode ter sido o de impedir que os leitores aderissem irrefletidamente às palavras do mestre, acaba sendo superegoico. Há os que decoram Lacan sem compreendê-lo, temerosos de ser excluídos da seita. Se nos salões psicanalíticos essa atitude pode ser risível, na clínica ela é desastrosa. Precisamos urgentemente empreender uma cruzada *antilacânês*.

No capítulo seguinte, busco analisar mais detalhadamente as especificidades que o estilo laciano impõe ao fazer tradutório, e os efeitos possíveis da tradução em termos de combate ou reforço ao assim chamado lacânês.

## 4 A LETRA E SUAS IMPLICAÇÕES NA TRADUÇÃO DE LACAN

Em seu “Discurso de Roma” – exposição oral feita no primeiro congresso, em Roma, da SFP (escola recém-fundada por ocasião de uma ruptura na SPP, motivada justamente por questões referentes ao ensino ou transmissão da psicanálise) –, Lacan descreve o *cursus* de um ensino técnico, uma “faculdade ideal de psicanálise”, declarando que aí figuraria, “auge supremo da estética da linguagem, a *poética*, que incluiria a técnica, deixada na obscuridade, do chiste [*mot d’esprit*]” (LACAN, 1953/1998, p. 289, grifo meu).

Sintetizando a teia de particularidades de que se constitui a obra e o estilo desse autor, Angela Jesuino-Ferretto (2011, p. 65, tradução minha) se põe a questão: “Se é verdade que a transmissão da psicanálise põe em jogo a transmissão de um conhecimento inconsciente, podemos traduzir Lacan sem reivindicar o saber da língua?”. Ou, ainda: “A tradução do conceito em psicanálise escapa a uma poética?” (JESUINO-FERRETTO, 2011, p. 68, tradução minha).

Fica evidente que não, se compreendermos que o discurso lacaniano, tal como a experiência psicanalítica à qual se volta seu ensino, “maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo sua mediação simbólica” (LACAN, 1953/1998, p. 323). De fato, Lacan confere à linguagem lugar central na constituição do sujeito – ele mesmo efeito de linguagem – e na práxis analítica, enfatizando seu esforço próprio de restituir à fala, ou à palavra – o termo em francês *parole*<sup>11</sup> permite ambas as traduções –, sua “dignidade” (LACAN, 1973, p. 22) e seu “pleno valor de evocação” (LACAN, 1953/1998, p. 296).

De forma a não deixar dúvidas, o autor sentencia, referindo-se à psicanálise, que “Essa técnica exigiria, tanto para ser ensinada quanto para ser aprendida, uma profunda assimilação dos recursos de uma língua, e especialmente dos que se realizaram concretamente em seus textos poéticos” (LACAN, 1953/1998, p. 296). O desafio posto por sua obra, portanto, diremos com Jesuino-Ferretto (2011), é levar em conta a própria teoria lacaniana da linguagem na tarefa de tradução.

---

<sup>11</sup> “[...] pendant quelques années, tout mon effort a été nécessaire pour revaloriser aux yeux de ceux-ci cet instrument, la parole – pour lui redonner sa dignité, et faire qu'elle ne soit pas toujours pour eux ces mots d'avance dévalorisés, qui les forçaient à fixer leurs regards ailleurs, pour en trouver le répondant” (LACAN, 1973, p. 22, grifo meu).

Para tanto, é necessário retomar a conceituação que Lacan (1957/1998, p. 498) faz da *letra* como “este suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” – não apenas o significante, mas toda a estrutura da linguagem, que a psicanálise descobre no inconsciente, e que preexiste à entrada que cada sujeito faz nela. Este último ponto, que determina a servidão do sujeito à linguagem<sup>12</sup>, adquire especial relevo quando analisado sob o prisma da matriz colonial de poder (MIGNOLO, 2017).

#### 4.1 Colonialidade e lacanês

A despeito de nossa colonização portuguesa, é amplamente conhecida a dimensão da influência francesa não apenas sobre a cultura brasileira – por vias diretas e indiretas, visto que tal influência, à época, também se exercia sobre Portugal –, mas sobre os próprios processos históricos vividos pelo país, notadamente os que levaram à conquista do status de nação independente. A tradutora e pesquisadora Marie-Hélène Torres (2019, p. 54) aponta que “Uma longa história de atração mútua uniu o Brasil e a França, que, na esperança de conquistar esse quase continente, tentou invadi-lo várias vezes, política e economicamente falando, mas também culturalmente”.

A dita “mutualidade” da atração, no entanto, não implica qualquer espécie de equilíbrio de poder, visto que os intercâmbios culturais não se dão apartados do passado histórico das referidas nações, e tampouco de suas implicações presentes. A colonialidade, conceito introduzido pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005), denota uma codificação da diferença entre conquistadores e conquistados, que põe estes últimos em posição de subalternidade na matriz de poder tornada hegemônica pela dominação colonial, naturalizando hierarquias entre povos, culturas e línguas. A partir dos processos históricos de articulação do controle de recursos e da força de trabalho em torno do capital e do mercado mundial, que estão na origem da modernidade, emerge uma nova ordem cultural que se estrutura em torno da hegemonia europeia ou ocidental – ou, ainda, do centro ou do Norte global –, a qual concentra também as formas de controle da subjetividade e do conhecimento, das condições de produção do conhecimento (QUIJANO, 2005, p. 121).

---

<sup>12</sup> “Também o sujeito, se pode parecer servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio” (LACAN, 1957/1998, p. 498).

Dito de outro modo, as relações de poder engendradas pelo sistema colonial não se extinguem com facilidade – e seus efeitos, mais ou menos sutis, imprimem-se nas relações linguísticas e, sobretudo, na tradução. Afinal, como questiona José Lambert, pesquisador pioneiro do campo dos estudos da tradução, “Por que, em particular, a comunicação traduzida deixaria de aderir às regras do jogo do poder, dado o fato de que pelo menos o vínculo potencial entre língua e poder é bem conhecido, embora frequentemente subestimado?” (LAMBERT, 1985/2011, p. 52).

Faz-se necessário, portanto, investigar quais incidências o ato de se traduzir de uma língua central a uma periférica tem sobre o texto de chegada, no caso específico da obra de Lacan. Posto de outra maneira, quais os efeitos subjetivos da colonização na tradução de um autor que – conforme discutido no capítulo anterior – deliberadamente força o próprio idioma?

Nesse cenário, é sobretudo a posição assumida pelo tradutor em relação ao Outro da língua (JESUINO-FERRETTO, 2009) a determinar as relações de proximidade, submissão ou subversão estabelecidas pelo texto traduzido com a língua-fonte e a língua-alvo. E tal posição subjetiva não escapa à influência das relações de poder que formam e informam a cultura na qual o tradutor está inserido, e para a qual traduz.

O psicanalista Ricardo Goldenberg (1994, p. 2) aponta, nesse sentido, uma excessiva “docilidade dos brasileiros perante os abusos linguísticos perpetrados pelos seus hóspedes vindos de fora. Não apenas são tolerantes com o péssimo uso que outros fazem da língua, como parecem estar prestes a cedê-la, eles mesmos, à menor ocasião”. Trata-se, é certo, de uma impressão subjetiva, não quantificável – ainda que alguns indícios a suportem, sobretudo quando se analisam as primeiras traduções da obra lacaniana no Brasil. Neste caso específico, há em jogo algo a mais que apenas as relações objetivas de poder engendradas pela colonização e pela hegemonia cultural francesa.

O crítico literário e tradutor Maurício Santana Dias, em artigo escrito para a *Folha de S. Paulo* por ocasião do centenário de Lacan, em 2001, traça um breve panorama das circunstâncias particulares de inserção e difusão da psicanálise francesa no Brasil, cujo marco inicial ele localiza em 1975, ano de fundação das primeiras escolas lacanianas em solo nacional:

Entre os muitos brasileiros que estavam na França naqueles anos, exilados ou não do regime militar, dois deles iriam fundar ali mesmo, num bistrô de Paris, o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, uma das primeiras instituições lacanianas nacionais: os psicanalistas Betty Milan e M.D. Magno (Magno Machado Dias), ambos analisando

de Lacan. [...] Na segunda metade dos anos 70 começaram a aparecer as edições brasileiras da obra de Lacan. [...] Nos anos seguintes, Betty Milan e M.D. Magno começaram a “passar” os Seminários para o português (DIAS, 2001).

Betty Milan, que qualifica o trabalho de tradução da obra de Lacan como “particularmente difícil”, assim descreve seu processo:

Tive a sorte de poder apresentar a Lacan os problemas que surgiam à medida que eu avançava. Dava a ele a minha questão, por escrito, e relacionava os motivos que me levavam a adotar uma ou outra solução e ele depois escrevia no mesmo papel a sua observação. As soluções conceituais adotadas foram todas submetidas a Lacan e por ele aprovadas. Por outro lado, o trabalho foi difícil por se tratar da transcrição de uma fala, o que implicava não apenas escrever na nossa língua o melhor texto equivalente à transcrição, mas ainda escrever em português um texto que pudesse ser tomado pela transcrição de uma fala em português. Noutras palavras, era preciso imaginar como Lacan teria falado no Brasil. Hoje, quando considero a tradução, eu me digo que ela tem as qualidades e os defeitos de um trabalho pioneiro (MILAN, 1994/2018, p. 300).

A partir desse trecho, pode-se entender que os efeitos transferenciais da relação analítica não passam despercebidos nas traduções. Ao descrever os textos resultantes dos primeiros empreendimentos de tradução da obra lacaniana no Brasil, o psicanalista e tradutor Paulo Sérgio de Souza Jr. caracteriza-os como

escritos num português alquímico aceito quase que irrestritamente pelos iniciados nos grimórios editados, para não dizer outra coisa, à base de poucos esforços tradutórios – facilitados, muitas vezes, pelo *lacanaditisme*: textos repletos de frases sem cabimento, mas cujos pecados são remidos pelo brasão “Jacques Lacan”: *Já-que* Lacan falou, tudo bem! (SOUZA JR., 2016, p. 19).

O francês – e não qualquer francês, mas o francês idiossincrático lacaniano, em particular – é para seus primeiros tradutores do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro não apenas língua de partida, mas língua de imigração e também de análise. Ter sido analisante de Lacan é algo à qual a própria Betty Milan (2014) se refere como uma certa experiência de exílio em sua relação com a língua brasileira. Que implicações pode ter isto sobre a forma de traduzir?

Para Jesuino-Ferretto, é a posição assumida pelo tradutor relativamente ao Outro (da língua, do mestre), da qual seu bilinguismo é tributário, que determina a variabilidade de tal bilinguismo, “para além das questões relacionadas ao conhecimento das línguas, e de toda teoria construída a partir do velho debate em torno do privilégio a ser concedido à língua-alvo ou à língua-fonte” (JESUINO-FERRETTO, 2009, p. 355). Não cabe ao escopo desta dissertação especular em que medida o fato de a análise pessoal dos primeiros tradutores da obra lacaniana no Brasil, incluindo o próprio M.D. Magno, ter se realizado com Lacan, em território e em

língua francesa, informa suas escolhas de tradução. No entanto, trata-se de uma circunstância que, por ter efeitos sobre o texto, não deve ser desconsiderada. Jesuino-Ferretto (1999, p. 16) postula que, nesse cenário, “as ‘escolhas’ de tradução talvez se encontrem reduzidas: ou se mantém uma fidelidade absoluta à língua do mestre, o que implica num certo estilo de tradução, ou então se escolhe um estilo antropofágico de traduzir”.

Cumpra aqui resgatar, no entanto, a boa expressão importada por Freud a Bleuler para tratar do fenômeno da transferência<sup>13</sup>: “ambivalência” (FREUD, 1912/2017), conceito que descreve certa separação em pares opostos da vida pulsional, opostos estes que convivem em concomitância no sujeito e assim se exprimem em suas relações com o Outro. Tal parece ser a ordem do fenômeno que se observa nos primeiros esforços tradutórios da obra de Lacan no Brasil, oscilando entre o compromisso com a fidelidade e o desejo de deglutição.

## 4.2 Tradução antropofágica

Betty Milan (1994/2018, p. 298-299) qualifica Lacan como “o mais brasileiro dos franceses”,

sobretudo pelo modo como elaborava a sua teoria, valendo-se de todos os saberes do seu tempo e os reinventando conforme as necessidades da sua elaboração. Ora, esse modo de operar caracteriza a nossa cultura, que é dita antropófaga, porque devora o que é produzido pelas outras culturas e modifica o que assimila em função das suas necessidades.

Para a tradutora, “Nós brasileiros brincamos e tendemos a assimilar reinventando” (MILAN, 1994/2018, p. 296) – o que seria, numa certa visada, a essência da proposta antropofágica a que ela se refere, e que está intimamente ligada à recepção da psicanálise no Brasil, conforme discutido no primeiro capítulo (seção 1.2) desta dissertação.

Em sua tentativa de construir para o pensamento lacaniano possibilidades de recepção na sociedade brasileira – estando até então o ensino de psicanálise restrito às sociedades filiadas à IPA –, o grupo do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro encontrou na imprensa um espaço de relativa abertura, o que estabeleceu uma proximidade entre meio psicanalítico, *mass media* e

---

<sup>13</sup> Conceito este, por seu turno, bastante pertinente ao fenômeno da tradução – isto é, à relação do tradutor com o autor e sua língua –, e que pode inclusive ser referido, em alemão, pela mesma palavra: *Übertragung* [transferência, tradução ou, ainda, transmissão].

sociedade bastante diversa da dinâmica observada na França.

O desejo desse primeiro grupo de adeptos e tradutores do pensamento de Lacan no Brasil, de sustentar um diálogo entre sua obra e o imaginário nacional, entre cujos elementos “mais autênticos” Betty Milan destaca a cultura do samba e do brincar, se mostra no relato da própria analista:

Além de traduzir e ensinar Lacan, nós nos valíamos do nosso conhecimento psicanalítico e da nossa escuta para saber qual era a especificidade da cultura brasileira, o que a diferenciava da cultura europeia e das outras culturas latino-americanas. [...] afirmávamos que a psicanálise não podia estar dissociada da realidade e da cultura brasileira (MILAN, 1994/2018, p. 297; 298).

De tal esforço, resultou, por exemplo,

em 1985, um grande Congresso no Rio de Janeiro, no Copacabana Palace, A *Psicanálise do Brasil*, organizado pelo Colégio Freudiano, do qual participaram artistas e intelectuais de várias áreas e [...] que se encerrou com um baile animado pela [escola de samba] Beija-Flor, então dirigida por Joãozinho Trinta (MILAN, 1994/2018, p. 297-298).

Esse movimento de retomada do acervo cultural nativo pela via da ruptura com a tradição característica da elite, isto é, de espelhamento da cultura europeia, demonstra intrínseca concatenação com o movimento da antropofagia – ainda que, em razão do conjunto de fatores circunstanciais mencionados na seção anterior, a execução de tal projeto na seara da tradução da obra lacaniana tenha se dado de modo, conforme se apontou, bastante ambivalente.

Impondo-se contra uma concepção eurocêntrica do mundo, o *Manifesto antropófago* de Oswald de Andrade (1928/1976) propõe, a partir da devoração do Outro, um novo modelo de relação com a estrangeiridade. De acordo com Marie-Hélène Torres (2014), trata-se, na antropofagia, de uma teoria pós-colonial, que se constitui, sobretudo com os irmãos Campos<sup>14</sup>, em um projeto de tradução marcadamente transcultural. A tradução antropofágica, nessa

---

<sup>14</sup> Irmãos Campos: Augusto e Haroldo de Campos, poetas e tradutores brasileiros e fundadores, junto a Décio Pignatari, do movimento artístico-literário denominado concretismo. Originado nos anos 1950, com forte influência das vanguardas europeias e do modernismo de Oswald de Andrade – dentre um conjunto mais amplo de precursores e inspirações –, o concretismo propunha, em linhas gerais, uma justaposição direta de forma e conteúdo de modo a ensinar uma linguagem artística com novas possibilidades de tensão com o espaço e o tempo (CAMPOS; PIGNATARI; CAMPOS, 1958). Ademais, em sua investida de reformulação da poética brasileira então vigente, os poetas concretos “deram-se, ao longo de suas atividades de teorização e de criação, a uma continuada tarefa de tradução” (CAMPOS, 1962/2011, p. 41), partindo de uma visada criativa da operação tradutora, a qual será discutida um pouco mais adiante neste capítulo.

perspectiva, consiste em “devorar, incorporar, digerir, para em seguida criar sua própria produção” (TORRES, 2014, p. 36).

Propondo a hipótese de que “todo tradutor é um antropófago, em diferentes graus e, por extensão, que toda cultura o é também, em graus igualmente diferentes”, Torres (2014, p. 40) sustenta que cada tradução, enquanto ato antropofágico, será ou mais naturalizada (“antropofagia etnocêntrica”) ou mais exotizada (“antropofagia inovadora”), ou ainda uma terceira via de compromisso entre ambas as tendências, a que a autora chama “antropofagia intercultural”.

Entende-se aqui que, tendo como horizonte o projeto declarado por Betty Milan em nome do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro – isto é, o de sustentar um lugar para a psicanálise que não seja dissociado da realidade e da cultura brasileira em sua especificidade –, o bom termo entre as tendências de naturalização e exotização se faz necessário no ato tradutório. A própria (est)ética antropofágica se enuncia como desejo de devoração e deglutição do outro para a criação do próprio, processo em que a interculturalidade se faz essencial. A tradução, como espaço privilegiado de aplicação desse programa, exerce um papel significativo no estabelecimento das bases a partir das quais um autor será recepcionado na cultura-alvo, informando, inclusive, os modos como seu pensamento será compreendido, apropriado e desenvolvido nas produções posteriores na língua de chegada.

### **4.3 Transcrever e traduzir: dupla mediação**

Um importante aspecto a ser considerado na tradução dos seminários lacanianos reside nos vestígios da oralidade que marca a concepção e a enunciação inaugural desses textos. Oscar Cesarotto (2007, p. 344) explica que:

A obra de Lacan desdobra-se em duas perspectivas diferentes, porém simultâneas. Na vertente da escrita, tudo o que foi redigindo e publicando a partir do começo de sua carreira, ainda na psiquiatria, e depois, já na psicanálise. No exercício da oratória, a sequência dos seminários, conferências e intervenções, cujo resultado, sua peroração ao vivo, também ficou como letra impressa. Seus seminários e textos guardam estreita relação, via de regra sendo os segundos as consequências dos primeiros. Assim, os mesmos temas, uma vez elaborados na frente dos seus discípulos, eram vertidos em artigos que, mais tarde, seriam compilados com a denominação genérica de *Escritos*.



Uma vez que Lacan não trazia textos previamente preparados para seus seminários, mas somente apontamentos sobre os temas a serem desenvolvidos ao longo das aulas semanais (REUILLARD, 2007), a questão dos primeiros registros escritos da vertente oral de sua obra torna-se premente para a compreensão dos processos pelos quais foram estabelecidos os textos “finais” para publicação em língua francesa. De acordo com Patricia Reuillard (2007, p. 19),

Dos dois primeiros Seminários – *L’homme aux loups* (1951-1952) e *L’homme aux rats* (1952-1953) – não há nenhuma transcrição, apenas notas do próprio Lacan e de alguns de seus ouvintes. No ano de 1953, contrataram-se respectivamente estenógrafos e estenotipistas para a transcrição. A partir do Seminário VI, *Le désir et son interprétation*, ou do VIII, *Le transfert*, começa-se a proceder a uma gravação magnética, mas é somente a partir de 1969 que se dispõe de gravações completas. Ao lado disso, há também as notas tomadas pelos participantes.

Em 1972, Lacan firma um contrato com as *Éditions du Seuil* para publicação do conjunto de sua obra oral – que recebe o título, proposto por ele, de *O Seminário de Jacques Lacan*, seguido número e do título de cada volume; em tal contrato, institui seu genro Jacques-Alain Miller como coautor e responsável pelo estabelecimento do texto. A partir de 1978, com base no contrato, as várias versões dos seminários – elaboradas a partir de gravações parciais, estenotípias e notas – que, nos primeiros anos, circulavam livremente com o conhecimento de Lacan, são tornadas ilegais e banidas (ROUDINESCO, 1993/1994, p. 416).

Se, como foi dito no segundo capítulo, os seminários frequentemente representam um teste dos mais exigentes à erudição do público, no texto transcrito, por outro lado, é a erudição do próprio Lacan que é posta à prova, quando o público leitor pode pesquisar as fontes e os dados do autor<sup>15</sup>. No estabelecimento do texto por Miller (cujo produto final foi transformado em vetor da teoria), diversas hesitações e trechos de sentido obscuro são suprimidos, transformando-se um discurso que é por vezes vacilante em torno da construção de uma ideia em um texto “sublinhável” – e expurgado de alguns de seus lapsos, incontornáveis em uma exposição oral. De acordo com a historiadora da psicanálise Elisabeth Roudinesco (1993/1994, p. 413):

---

<sup>15</sup> Pode ser citado como exemplo, aqui, o seguinte período da lição 3 do *Séminaire 11*, em que Lacan (1973, p. 40) emprega o termo em alemão *Preisschätzung*, referente a avaliação de preços, como se este tivesse o sentido de apreciação do que é certo ou do que não é certo: “*Or, ça ne trouble pas Freud, parce que – c’est justement ce qu’il faut qu’on comprenne, spécialement quand on lit le premier paragraphe de ce chapitre concernant l’oubli des rêves – les signes se recourent, il faudra tenir compte de tout, il faudra se libérer, dit-il, se frei machen, de toute l’échelle de l’appréciation qui s’y cherche, Preisschätzung, de l’appréciation de ce qui est sûr et de ce qui n’est pas sûr*”. O equívoco, mantido no texto estabelecido por Miller, foi apontado por Claudia Berliner em sua tradução (LACAN, 1973/2006b, p. 60), a partir do cotejamento com a transcrição do seminário atribuída a Joël Dor, na qual consta, alternativamente, o termo *Sicherheitschätzung* [avaliação ou estimativa de segurança].

Ao estabelecer o Seminário, Miller oferecia uma transcrição razoável das diferentes estenografias. Eliminava os equívocos, suprimia as redundâncias inventava uma pontuação. O principal mérito desse trabalho era tornar acessível uma fala que não era nas outras versões; seu principal inconveniente era aplinar a forma barroca e sempre em gestação da prosa lacaniana. Disso resultava um texto do qual Miller tornava-se o autor e Lacan o garante.

Um tal processo de retificação tem o potencial – mais do que frequentemente passado ao ato – de fundir as camadas de construção do pensamento e a complexidade da relação do autor com seu objeto, que só podem ser recuperadas no contato com transcrições alternativas e as notas que as acompanham.

A partir desse contexto histórico brevemente delineado, a questão que se faz pertinente, no âmbito desta pesquisa, é: qual o lugar da letra nessa dupla mediação – transcrição e tradução? Devido às imbricações já discutidas entre psicanálise e linguagem, sobretudo no pensamento de Lacan, a consideração do significante em sua materialidade gráfica e, sobretudo, fônica – isto é, a dimensão da letra – não se deixa pôr em segundo plano na tradução dos seminários.

No contexto específico da tradução psicanalítica, a antropofagia constitui também o movimento que permite a devoração do real da letra<sup>16</sup> e sua reconstrução no texto traduzido, ainda que deslocado da posição que ocupava no texto-fonte. Como aponta Angela Jesuino-Ferretto (2011, p. 67, tradução minha), “Trazer de volta à tradução do texto de Lacan o impossível como categoria lógica requer que o tradutor reconheça que o lugar do impossível não está localizado no mesmo ponto em cada língua”.

Para garantir o lugar da letra no texto traduzido, é necessário preterir, ao menos parcialmente, o fim de restituição do sentido, isto é, privilegiar a sonoridade ou mesmo a relação estabelecida entre a cadeia de significantes em detrimento da semântica; afinal, “a fidelidade ao sentido é obrigatoriamente uma infidelidade à letra” (BERMAN, 1985/2013, p. 45).

---

<sup>16</sup> O real, enquanto categoria da psicanálise lacaniana, é delineado por oposição aos registros do simbólico e do imaginário, e constituído por tudo aquilo que escapa a tais registros – dito de outro modo, e situando a questão no âmbito da linguagem, que nos concerne, trata-se do que está situado no alhures do sentido, relacionando-se àquilo a que alude Benjamin (1923/2010, p. 223) ao sustentar que “Resta em todas as línguas e em suas composições, afora o elemento comunicável, um elemento não-comunicável [...]. E o que busca expor-se, e mesmo, constituir-se no devir das línguas é aquele núcleo da pura língua”.

#### 4.4 Tradução literal e transcrição

Walter Benjamin (1923/2010, p. 221) defende que “Diante do sentido, a língua da tradução tem o direito, aliás, o dever, de desprender-se, para fazer ecoar sua própria espécie de *intentio* enquanto harmonia, complemento da língua na qual se comunica, e não sua *intentio* enquanto reprodução do sentido”. A tarefa do tradutor consistiria, assim, em “encontrar na língua para a qual se traduz a intenção a partir da qual o eco do original é nela despertado” (BENJAMIN, 1923/2010, p. 221).

Tal visada sobre a tradução está em consonância com a proposta de Antoine Berman chamada *tradução literal*, brevemente apresentada na introdução deste trabalho: tradução-da-letra, do texto enquanto letra (BERMAN, 1985/2013). Encontrar a textura da obra em sua casca sensível, em seu “corpo”, para então buscar reconstruí-la como uma nova forma, sob as condições de possibilidade determinadas por uma outra língua, eis o de que se trata.

Na tradução literal, à semelhança da descrição que fornece Lévi-Strauss do ato criador que engendra a obra de arte, “parte-se de um conjunto, formado por um ou vários objetos e por um ou vários fatos, ao qual a criação estética confere um caráter de totalidade, por colocar em evidência uma estrutura comum” (LÉVI-STRAUSS, 1962/2008, p. 41). Em outros termos, a tradução literal parte da obra enquanto objeto ou conjunto de fatos que se apresentam à experiência, e procede em busca de sua estrutura – a qual termina por evidenciar na composição do texto de chegada.

Haroldo de Campos, ainda que fazendo oposição ao significante “literal” (que ele entende como “palavra por palavra”, tal qual no uso corrente da língua), avizinha-se bastante da concepção bermaniana, em sua visada da tradução poética como *transcrição* – isto é, recriação da informação estética da obra na língua de chegada: “Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, *traduz-se o próprio signo*, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual [...])” (CAMPOS, 1962/2011, p. 34).

Nessa perspectiva, que aproxima sobremaneira a operação tradutora da criadora (ou *trovadora*, como quer Campos, significante que incorpora também os sentidos de achado e [re]invenção), a tradução é situada “a meio caminho entre obra poética e doutrinal” (BENJAMIN, 1923/2010, p. 219).

Em razão de seu forte recurso à função poética da linguagem, e de sua instrumentalização do estilo para fins de expressão de uma experiência – a da realidade do inconsciente –, tendo como horizonte último uma intenção didática, conforme discutido no segundo capítulo desta dissertação, é exatamente entre esses limites e bordas que está situado o discurso de Lacan, o que faz com que sua prosa equivalha à poesia em problematicidade, tornando forma e conteúdo, portanto, indissociáveis.

A reinvenção da forma da obra na língua-alvo, sem perder de vista por completo o sentido, mas permitindo-se transcendê-lo em função da fidelidade à letra – isto é, sua transcrição, a partir de uma operação de *bricolage* e deglutição antropofágica –, parece, assim, ser o horizonte posto diante daquele que se propõe à tarefa de tradução da psicanálise lacaniana. “Sem opor obrigatoriamente literal e literário, podemos supor que somente a fidelidade, mas dessa vez ao efeito de metáfora, possa de fato nos guiar” (JESUINO-FERRETTO, 1999, p. 18).

Diante de todas as dificuldades que se apresentam ao esforço de desmontagem e remontagem da máquina de criação – “aquela fragílima beleza aparentemente intangível que nos oferece o produto acabado numa língua estranha” (CAMPOS, 1962/2011, p. 42) –, o professor e tradutor Paulo Rónai imputa certa “impossibilidade” à tradução literária, para daí inferir ser ela mesma uma arte; “O objetivo de toda arte não é algo impossível?” (RÓNAI, 1987, p. 14).

## 5 SEMINÁRIO 11: CINCO LIÇÕES TRADUZIDAS E RETRADUZIDAS

O objetivo deste capítulo, que constitui o ponto culminante da pesquisa aqui desenvolvida, consiste na análise das duas experiências tradutórias do *Seminário 11* de Jacques Lacan ao português brasileiro: a de M.D. Magno (1985) e a de Claudia Berliner (2006-2007). Inicialmente, faz-se necessária uma apreciação do lugar ocupado por essa obra no conjunto da produção intelectual de seu autor – considerando as condições políticas que marcaram sua elaboração, bem como seu impacto nos rumos da psicanálise –, seguida de uma exposição das traduções brasileiras e seus respectivos horizontes, o que requer também um exame sumário das circunstâncias de ingresso e recepção da obra lacaniana traduzida no Brasil, sem perder de vista as relações de poder que determinam a posição relativa de ambos os sistemas linguístico-culturais – francês e brasileiro – no mapa mundial.

A análise que se propõe a seguir é em parte amparada, metodologicamente, nos postulados da chamada teoria descritiva da tradução, nascida em meados da década de 1970 a partir do artigo seminal de James Holmes (1972/2000) e posteriormente identificada com a teoria dos polissistemas e os estudos descritivos da tradução [*Descriptive Translation Studies* (DTS)], caracterizando-se por ser uma abordagem empírica, interdisciplinar e não prescritiva, orientada ao texto e à cultura de chegada (ASSIS ROSA, 2010).

Pode-se questionar, em princípio, a congruência entre a visada dos Estudos Descritivos da Tradução, por sua orientação à cultura de chegada, e a de Berman, por sua ênfase na letra do texto-fonte. No entanto, entendo que as concepções não se contrapõem; ao contrário, têm um profundo ponto de conexão na rejeição da ideia de que traduções devam ser avaliadas com base na formulação de regras, normas ou diretrizes universais apartadas da estrutura do texto-fonte e dos limites dados pela língua e pela cultura-alvo. Visa-se, em ambas as perspectivas, apreender as traduções tal como são, no conjunto de seus aspectos observáveis, incluindo suas formas de inserção histórica e cultural no sistema de chegada, no caso, o brasileiro.

José Lambert (1985/2011, p. 213) reivindica uma análise que compreenda “todos os aspectos funcionalmente relevantes de uma determinada atividade tradutória em seu contexto histórico, inclusive o processo da tradução, suas características textuais, sua recepção e até mesmo seus aspectos sociológicos como distribuição e crítica da tradução”. Sendo uma tradução essencialmente o resultado de estratégias de seleção, a principal tarefa da análise comparativa aqui apresentada será estudar as prioridades que determinam tais estratégias –

ainda que não se contemplem, pelas limitações do escopo da pesquisa, todos os aspectos mencionados, especialmente no que toca à distribuição, isto é, ao mercado editorial em suas dimensões política e econômica.

Estabelecendo como dilema básico a questão a que chama equivalência, isto é, se a tradução é orientada ao texto-fonte (“adequada”) ou ao texto-alvo (“aceitável”), o autor entende que nenhuma atividade tradutória é completamente coerente em relação a seu posicionamento diante do problema, de modo que diferentes aspectos ou momentos da tradução podem ter diferentes orientações.

Pretendo, no estudo descritivo apresentado a seguir, identificar a tendência dominante no conjunto representado por cada tradução, bem como apontar manifestações particulares da abordagem escolhida a partir de fragmentos textuais representativos – os quais, embora talvez insuficientes para produzir ilações absolutas sobre o procedimento de cada tradutor, permitem pôr em evidência os fundamentos da estratégia adotada e os aspectos definidos como prioritários.

## 5.1 Dados preliminares: a obra e suas versões

A publicação do *Seminário 11*, em fevereiro de 1973, institui, como um ato<sup>17</sup>, uma divisão da obra lacaniana em duas vertentes: uma “anterior a Miller” e outra “posterior a Miller”<sup>18</sup> (ROUDINESCO, 1993/1994, p. 412), estabelecendo como corte a data de 1963-64, quando foi proferido este seminário – o primeiro a ser publicado – e quando se deu o primeiro encontro entre Lacan e Jacques-Alain Miller.

O traço da coautoria de Miller se inscreve já na definição do título: originalmente chamado por Lacan *Les fondements de la psychanalyse* [Os fundamentos da psicanálise], o *Seminário 11* se converteu, no texto estabelecido para publicação, em *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* [Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise] – o que

---

<sup>17</sup> Na concepção lacaniana da psicanálise, o ato é sempre um ato significativo, que permite ao sujeito – aqui, a própria psicanálise – transformar-se *a posteriori* (ROUDINESCO; PLON, 1997/1998, p. 6).

<sup>18</sup> Sem aludir diretamente a esta categorização temporal, Marco Antonio Coutinho Jorge e Nadiá Paulo Ferreira (2005, p. 25) defendem o lugar privilegiado do *Seminário 11* na trajetória do pensamento lacaniano por, além de o primeiro a ser editado, ser “também o primeiro seminário em que Lacan não trabalha exclusivamente com os textos de Freud. Nesse sentido, ele é, ao mesmo tempo, a retomada de dez anos de ensino e a abertura de uma nova fase”.

talvez atendesse a uma demanda de angariar ao pensamento lacaniano predicados de objetividade e didatismo (no que não difere muito do processo que se deu com a *Standard Edition*, primeira tradução das obras completas de Freud em língua inglesa), além de enfatizar o movimento de retorno aos princípios que Lacan se propunha a fazer em relação ao pensamento freudiano. A interferência milleriana, chancelada por Lacan, demarca não apenas a mediação existente entre a obra oral e sua versão escrita, mas também um processo de intervenção intencional que, ao mesmo tempo em que suprime algumas camadas do texto, acrescenta-lhe – fazendo colar-se a ele – uma leitura particular.

Do status de coautor conferido a Miller e plenamente exercido por ele resulta que “o Seminário não mais se assemelhava inteiramente a uma obra de Lacan, sem ser completamente uma obra de Miller. O texto estabelecido traduzia o conteúdo de uma doutrina que, embora ainda lacaniana, revelava cada vez mais marca da leitura milleriana” (ROUDINESCO, 1993/1994, p. 413). Dessa forma, o texto estabelecido foi e é objeto de profunda controvérsia, tendo sua autenticidade continuamente questionada com base em versões alternativas orais e escritas – as quais foram, poucos anos depois do início da publicação dos seminários, tornadas clandestinas.

Contribui para isso, ademais, o fato de que, devido ao desejo de simplificação da parte de Miller, aliado a uma renúncia (meramente formal) à erudição, “o Seminário começa portanto ser editado sem nenhum suporte que permitisse captar suas múltiplas significações ou suas infinitas variações: sem notas, sem índices, sem aparato crítico, sem bibliografia” (ROUDINESCO, 1993/1994, p. 414). As gravações parciais, estenotípias e transcrições proscritas tornam-se, portanto – e sobretudo por seus elementos paratextuais –, de capital importância para leituras e traduções críticas subsequentes.

### ***5.1.1 A tradução de M.D. Magno***

M.D. Magno (Magno Machado Dias) foi uma figura central no estabelecimento da psicanálise lacaniana no Brasil, e um dos porta-vozes do lacanismo nos anos seguintes. Psicanalista, pesquisador e professor aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi, com Betty Milan, membro fundador do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro – instituição criada, como vimos, não na cidade que lhe dá nome, mas num bistrô de Paris (DIAS, 2001) – e também analisante de Lacan.

Inserido e informado pelo contexto da “missão civilizatória” francesa no Brasil<sup>19</sup> a partir dos anos 1930, Magno expressa, em sua tradução, um compromisso diferente daquele que viria a marcar o projeto das retraduições mais recentes das obras de Freud e Lacan ao português brasileiro, situadas em outro momento político da teoria. O empreendimento das primeiras traduções, como a de Magno, parece levado a cabo por um “sujeito suposto traduzir” – uma suposição, aliás, muito amparada na proximidade entre o tradutor e o autor traduzido, isto é, Lacan. Aquele converte-se, assim, em porta-voz não apenas da teoria, mas também do teórico em questão.

A tradução do *Seminário 11* produzida por M.D. Magno foi publicada pela então denominada Jorge Zahar Editor (que passa, a partir de 2010, a operar sob o nome Zahar) no ano de 1985 – data que marca também a criação da editora. Seu fundador, Jorge Zahar, filho de pai libanês e mãe francesa, trabalhava desde 1940, no Rio de Janeiro, com importação e distribuição de livros, havendo fundado na década seguinte, junto aos irmãos Ernesto e Lucien, a Zahar Editores – sociedade que seria desfeita nos anos 1970. A segunda casa editorial, fundada em parceria com os filhos, inicia suas atividades em janeiro de 1985, adotando como linha editorial a publicação de ensaios – situados, de início, sobretudo nas áreas de filosofia e psicanálise.

A atuação da companhia foi guiada pelo projeto de Jorge Zahar de afirmar-se como “além de pioneiro, [...] o maior editor de livros de ciências sociais no Brasil” (ZAHAR, [2012]). Seu desempenho do ofício de editor não deixa de passar, ademais, pela herança cultural que lhe é própria, e pela valoração subjetiva que faz dela: na seção do *site* da editora dedicada à apresentação de Jorge Zahar [2012], é destacado que “A língua francesa lhe foi transmitida pela mãe, e a cultura francesa – o cinema, a poesia, a cozinha, os vinhos e até mesmo a música – sempre foi sua grande paixão, com que a muitos soube contagiar”. Uma tal francofilia – imersa no contexto da matriz colonial de poder – está inteiramente em linha com o projeto ético-político que orienta esta primeira tradução do *Seminário 11*, e das demais obras de Lacan

---

<sup>19</sup> O termo “missão civilizatória” é tomado de empréstimo – por nítida analogia – ao fenômeno característico do império colonial francês em sua dimensão cultural, que tinha como propósito a difusão da língua e da cultura (ou “civilização”) francesa, bem como da religião católica, em suas colônias e territórios de ultramar. Os efeitos da hegemonia epistêmica imposta pela Europa, como visto, não se esgotam com o processo de descolonização, e tampouco estão restritos aos países diretamente submetidos ao julgo da metrópole colonial em questão. Isso se demonstra, de forma muito representativa, na história da fundação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, concebida com base em um modelo de universidade europeia bastante debitário da influência e participação ativa da França. Para a criação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – então chamada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) –, no mesmo ano, foi solicitado ao país estrangeiro o envio de pesquisadores, que se tornariam os primeiros docentes da instituição. Entre os jovens professores que vieram ao Brasil nesse contexto – e que mais tarde seriam reconhecidos como referências em suas áreas –, estavam o historiador Fernand Braudel e o antropólogo Claude Lévi-Strauss (GALVÃO, 2020).



publicadas pela Zahar.

Embora Magno não fosse, propriamente, nem tenha se tornado um tradutor profissional ou um estudioso da tradução, há uma teoria linguística subjacente – inconsciente, talvez se possa dizer – a seu fazer tradutório, orientando as decisões tomadas por ele em relação ao texto. Ainda que haja escolhas vocabulares interessantes (como “trem” para traduzir o *truc* de Lacan, à mineira), as invenções ou inovações do tradutor estão restritas ao âmbito da palavra, enquanto a sintaxe se mantém absolutamente colada no francês – sua prática parece partir, portanto, de uma teoria que concebe as línguas enquanto conjuntos de palavras, sendo a sintaxe posta num lugar que nem passa pela reflexão.

Os efeitos disso não deixam de se fazer sentir na leitura do texto traduzido, mais do que frequentemente dificultada por uma ordenação sintática não natural e por uma curiosa resistência a, como formula Paulo Sérgio de Souza Jr. [2021], “traduzir efetivamente” do idioma estrangeiro – o pesquisador apresenta como exemplo “a escolha de ‘semblante’ (que é sinônimo de ‘rosto’, ‘fisionomia’) para traduzir *semblant* (que, em francês, denota ‘aparência enganosa’, ‘simulacro)’”. O próprio Magno admite traduzir *semblant* por “semblante” “na acepção *figurada* de ‘aparência’” (*apud* LACAN, 2008, p. 269, grifo meu), e sua justificativa de que os termos “simulacro”, “imitação” e “fingimento” “resultariam demasiado enfáticos em português” aponta para um recalque da própria língua em favor da língua do outro, dotada de um (suposto) saber-poder colonialmente instituído.

### 5.1.2 A (re)tradução parcial de Claudia Berliner

Propondo-se a “escrever Lacan em português”, a psicanalista e tradutora Claudia Berliner inicia em 2006 a publicação das cinco primeiras lições do *Seminário 11* de Lacan retraduzidas para o português brasileiro, no periódico *Correio da Appoa*. Até então, contava-se no Brasil apenas com a tradução de M.D. Magno, publicada 21 anos antes.

Como a própria Berliner ressalta, em artigo sobre sua experiência tradutória com o *Seminário 11*, “Cada tradução é não só uma nova versão, uma nova leitura do texto original em função das singularidades de seu autor (autor da tradução, bem entendido), como também vem depois de outras” (BERLINER, 2013, p. 25). Dessa forma, o contexto em que se dá a retradução não apenas difere da cena em que está situada a primeira tradução, como também a inclui no cômputo, com seus efeitos sobre a recepção da obra e do autor na cultura de chegada.

Podem-se destacar dois cortes entre as traduções de Magno e Berliner. Primeiramente, a necessidade abrandada de inserção do pensamento lacaniano na cultura-alvo, dado seu estabelecimento prévio (conquistado, em alguma medida, com o esforço de difusão dos primeiros tradutores e editor); a psicanálise hoje faz um sucesso no Brasil que já não existe na França, havendo até certa migração de psicanalistas franceses para a América Latina (TAVARES, 2011) – e é neste cenário, bastante modificado, que tem lugar a (re)tradução de Claudia Berliner.

Em segundo lugar, há a posição subjetiva dos respectivos tradutores em face dos estudos da tradução, ou da tradução como práxis; enquanto os primeiros psicanalistas a traduzir a obra lacaniana no Brasil não eram e não tencionavam ser tradutores profissionais, isto é, não haviam se submetido e nem se submeteriam extensivamente à prática tradutória, Berliner, ao contrário, inicia seu relato de experiência supracitado com um delineamento de seu longo percurso na tradução, e faz questão de destacar: “Foi, portanto, desse lugar preciso de psicanalista tradutora que, em 2006, propus-me a iniciar, por conta própria, uma tradução do *Seminário 11* de Lacan, novamente num impulso que foi ganhando sentido só depois” (BERLINER, 2013, p. 22).

Seu processo de tradução foi, assim, repleto de particularidades, como a consulta dos registros orais do seminário e o cotejamento do texto estabelecido por Miller com a versão estenografada da *École lacanienne de psychanalyse* (ELP) e duas traduções argentinas. Além disso, o desenvolvimento do texto se deu em rede:

O ritmo [da tradução] era de uma aula por mês. Enviava essa aula por e-mail para um grupo de psicanalistas, alguns dos quais deram retornos muito proveitosos, que me permitiram melhorar o texto. Pretendia com isso envolver ao menos uma pequena parte da comunidade psicanalítica nas decisões terminológicas e no aprimoramento dos textos que possam servir para a transmissão. Isso é, a meu ver, algo que se impõe no panorama atual das traduções dos grandes autores da psicanálise (BERLINER, 2013, p. 25).

A ideia do fazer tradutório enquanto processo necessariamente dialógico estende-se também na direção da tradução precedente; já em sua nota de introdução à primeira lição traduzida, Berliner (*apud* LACAN, 2006a, p. 31) faz referência à tradução de Magno, explicitando também suas motivações e a abordagem norteadora de seu empreendimento. Reproduzo aqui a nota, por considerá-la fundamental à compreensão do projeto ético-político do qual esta retradução emerge:

Por que fazer outra tradução?

Esta tradução não pretende ser nem melhor nem pior que aquela já publicada. É uma tradução de outra autoria, feita desde outra posição subjetiva e, isso, depois de a de J.D. Magno [*sic*] ter deixado sua marca na formação de tantos analistas, inclusive na minha.

Esta tradução é um convite a que outros(as) façam o mesmo com este ou outros seminários.

Se o estranhamento da tradução conhecida estava dado pela literalidade, pelo “afrancesamento” do português, o que deu lugar a um certo lacanês em nossas paragens, talvez esta versão obrigue a desnaturalizar o que passou a ser tido como o próprio Lacan, quando era apenas uma leitura dele.

Propus-me a escrever Lacan em português. Espero ter me aproximado desse objetivo. Boa leitura.

## 5.2 Análise comparativa

A partir da discussão feita, nos capítulos anteriores, dos diversos aspectos relativos à constituição e à apresentação do texto lacaniano, bem como das questões estéticas, epistêmicas e políticas que informam as escolhas de tradução, a análise concreta aqui apresentada baseia-se na observação e na descrição de ambos os processos tradutórios, de forma a identificar os padrões e tendências que os orientam.

Com base no método descritivo (LAMBERT, 1985/2011), foram escolhidos fragmentos textuais representativos de cada tradução como substrato para a comparação entre ambas, trazendo também o fragmento correspondente do texto de partida – isto é, aquele estabelecido por Jacques-Alain Miller –, confrontando-se os resultados obtidos em cada caso e comparando-os entre si e com o texto-fonte, de forma a pôr em evidência os princípios fundamentais da estratégia seguida e seus efeitos, especialmente em relação à preservação (ou recriação) do estilo do texto-fonte, à legibilidade na língua-alvo e à capacidade de transmissão do saber psicanalítico – que, conforme discutido, não está dissociada da estrutura particular da enunciação desse discurso.

Quanto à divisão do texto – no âmbito do que é chamado por Lambert (1985/2011) de macronível –, observa-se que o *Seminário II*, como todos os demais, é segmentado de acordo com as apresentações quinzenais proferidas na ENS, chamadas *leçons* – e aí já se demarca uma primeira distinção entre as traduções, uma vez que Magno verte o termo por “lições”, enquanto Berliner opta por “aulas”. Quanto aos títulos das lições, ou aulas, observam-se também algumas pequenas divergências, conforme se pode ver no Quadro 1 abaixo:

**Quadro 1 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: títulos**

LACAN (1973)	BERLINER (tradução de 2006)	MAGNO (tradução de 1985)
<i>I L'excommunication</i>	I A excomunhão	I A Excomunhão
<i>II L'inconscient freudien et le nôtre</i>	II O inconsciente e a repetição III O sujeito da certeza	II O Inconsciente Freudiano e o Nosso
<i>III Du sujet de la certitude</i>	IV A rede dos significantes	III Do Sujeito da Certeza
<i>IV Du réseau des signifiants</i>	V Tiquê e autômaton	IV Da Rede dos Significantes
<i>V Tûché et automaton</i>		V Tiquê e Autômaton

Fonte: Elaborado pela autora.

Os partitivos que iniciam os títulos na tradução de Magno (III e IV) – relativamente pouco usuais no português brasileiro corrente, porém características do que se poderia chamar de um “português filosófico” (por sua presença constante em textos de natureza ensaística) – são eliminados por Berliner em favor de artigos definidos, o que resulta em um ganho de “aceitabilidade” em detrimento de certa indeterminação que parece fazer-se presente no texto-fonte, como marca de sua dimensão filosófica.

Chamam atenção, ainda, a capitalização dos vocábulos no texto de Magno – na contramão dos usos correntes em português brasileiro e também da chamada norma francesa – provavelmente devida a escolhas editoriais que escapam ao tradutor, e também a tradução do título da segunda lição no texto de Berliner, presumivelmente decorrente de um lapso: “*L'inconscient et la répétition*” [“O inconsciente e a repetição”] é o título dado no estabelecimento do texto à seção que compreende as lições II-V (Figura 3).

**Figura 3 – Sumário do *Séminaire 11*****TABLE**

<b>I. L'excommunication</b> . . . . .	<b>7</b>
<b>L'INCONSCIENT ET LA RÉPÉTITION</b>	
<b>II. L'inconscient freudien et le nôtre</b> . . . . .	<b>21</b>
<b>III. Du sujet de la certitude</b> . . . . .	<b>31</b>
<b>IV. Du réseau des signifiants</b> . . . . .	<b>43</b>
<b>V. Tûché et automaton</b> . . . . .	<b>53</b>

Fonte: Lacan (1973, p. 6).

Percebe-se, já nesse contato inicial com o macronível dos textos, que a tradução de Magno apresenta uma orientação bem mais voltada ao sistema-fonte – “adequada”, na terminologia de Lambert (1985/2011) –, enquanto a tradução de Berliner tem sua estratégia ancorada no sistema-alvo, direcionando seus esforços à produção de um texto “aceitável”. Esta tendência será analisada mais detalhadamente a seguir, com a comparação de excertos selecionados de forma exemplificar o tratamento dado por cada tradutor ao vocabulário, à sintaxe e à intertextualidade presentes no texto lacaniano. A análise foi segmentada tomando por base tais aspectos; no entanto, é importante notar que essas questões frequentemente se entrelaçam na constituição do texto, e não raro um mesmo excerto precisa ser examinado pela lente de mais de um critério descritivo, por vezes de forma simultânea. Nesses casos, optei por situar o excerto e sua descrição na seção correspondente ao aspecto (vocabular, sintático ou intertextual) cuja manifestação foi considerada mais relevante.

### 5.2.1 *Aspectos vocabulares*

O vocabulário de Lacan – isto é, os significantes por ele articulados em cadeia – recebe especial cuidado na constituição de seu estilo. Conforme aponta Patricia Reuillard (2007, p. 210), “Por considerar que o significante pode assumir uma função diferente daquela de significar, posto que autônomo em relação à significação, Lacan lhe dá primazia”, empregando-o de modo a representar a irrupção do inconsciente na linguagem – irrupção esta que é a materialização de sua teoria no corpo sutil da língua.

Os efeitos disso se fazem sentir de múltiplas maneiras, como o já mencionado gosto por neologismos e a alternância entre registros de língua. Por se tratar de um uso consciente e motivado da linguagem – isto é, de uma estilística própria –, a escolha vocabular do autor, nesses casos, resulta em um aspecto marcado no texto-fonte (MESCHONNIC, 1973), que pede, portanto, pela atenção do tradutor.

No trecho que abre esta análise comparativa (Quadro 2), abaixo, pode-se perceber que, diante da expressão francesa “*par l’ouï-dire*”<sup>20</sup> – um exemplo representativo da mistura de registros no texto lacaniano –, Magno e Berliner adotam soluções bastante diversas entre si: o

---

<sup>20</sup> De acordo com o dicionário monolíngue do francês Larousse (2008, tradução minha): substantivo masculino invariável; “o que só se sabe através do relatório de outra pessoa ou de boatos públicos”.

primeiro opta pela versão literal “pelo ouvir-dizer”, enquanto Berliner surpreende com um “porque corre à boca miúda”<sup>21</sup>.

**Quadro 2 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (a)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>Je suis autorisé à parler ici de ce sujet devant vous, de par l’ouï-dire d’avoir fait dix ans durant ce qu’on appelait un séminaire, qui s’adressait à des psychanalystes</i>”.</p> <p>(p. 7)</p>	<p>“Estou autorizado a falar aqui, desse tema, diante de vocês, pelo ouvir-dizer ter eu feito durante dez anos o que chamavam de um seminário que se dirigia a psicanalistas” (p. 9).</p>	<p>“Estou autorizado a falar desse tema aqui, diante de vocês, porque corre à boca miúda que realizei durante dez anos o que se chamava um seminário dirigido a psicanalistas” (n. 148, p. 32).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Em que pese a expressão “ouvir dizer” ser de uso comum no português brasileiro, não foi possível encontrar registros de seu emprego com hífen ou precedido de artigo, como na tradução de Magno; além disso, o arranjo sintático dado por ele, fazendo acompanhar a expressão substantivada de um verbo com sujeito posposto, não é muito revelador do sentido pretendido. A expressão idiomática escolhida por Berliner, por outro lado, apesar de situada em um registro de língua um tanto mais informal que o *ouï-dire* francês, e de não manter com ele uma analogia formal, apresenta em relação ao texto-fonte uma correspondência semântica que, aliada à simplicidade da estrutura sintática, resulta em uma clareza, na retradução, em grande medida ausente na tradução de Magno.

Já no excerto contido no Quadro 3, a seguir, observam-se divergências significativas entre as traduções. Primeiramente, quanto à expressão *au jour*: Magno a verte por “ao claro”, que, embora compreensível, é de uso bastante escasso na língua portuguesa contemporânea; Berliner, por sua vez, a verte por “à luz do dia”, solução que, além de mais familiar e recorrente no português brasileiro, guarda uma proximidade literal com a expressão empregada no texto-fonte, em vista da presença do significante “dia”.

<sup>21</sup> Não se trata de uma locução propriamente dicionarizada, ainda que de uso corrente no português coloquial, na literatura e no jornalismo de política. O único registro encontrado de definição do termo é proveniente do projeto chamado Dicionário inFormal (2020), que se apresenta como uma iniciativa de documentar online a evolução do português, na forma de um dicionário colaborativo; a expressão “à boca miúda” é aí definida como “em segredo, nos bastidores, de ouvido a ouvido”.

**Quadro 3 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (b)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p><i>“L’examiner au jour, tel est ce que je me proposais alors, et à quoi je dois revenir, de quelque place que je doive vous le proposer aujourd’hui à nouveau”</i> (p. 8).</p>	<p>“Examiná-la ao claro é ao que me propunha então, e ao que devo retornar, de algum lugar de onde eu a deva propor a vocês hoje de novo” (p. 11).</p>	<p>“Examiná-la à luz do dia, era isso a que me propunha então, e é a isso que devo retornar, seja qual for o lugar do qual eu volte a propô-lo a vocês hoje” (n. 148, p. 34).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Já entrando em outro aspecto textual, conforme se anunciou previamente que seria necessário, merece destaque, neste excerto, também o tratamento dispensado por cada tradutor à estrutura sintática do texto-fonte. Iniciando em anacoluto – uma das marcas mais palpáveis da oralidade do seminário –, o período na língua de partida tem o sintagma pendente *“l’examiner au jour”* retomado pelo pronome demonstrativo *ce* na oração seguinte, *“tel est ce que je me proposais alors”*, enquanto o trecho subsequente contém uma elipse: *“et [tel est ce] à quoi je dois revenir”*. Em seu processo de retextualização, Magno opta pela eliminação do anacoluto, fazendo do sintagma “examiná-la ao claro” – aqui não mais sucedido por vírgula – o sujeito da primeira oração, o que o permite seguir à risca a estrutura da oração seguinte, “e ao que devo retornar”; Berliner, por seu turno, opta por manter o anacoluto, retomando o sintagma pendente “examiná-la à luz do dia” por meio do pronome demonstrativo “isso” na oração “era isso a que me propunha então” – solução que implica na eliminação da elipse de Lacan na frase subsequente, a qual se converte em “e é a isso que devo retornar”. O texto retraduzido, assim, soa mais próximo do registro oral em que foi proferido, e também mais compreensível na língua de chegada.

No excerto trazido a seguir, no Quadro 4, destaca-se o tratamento dado por ambos os tradutores à palavra *assurée*: Magno opta por traduzir o termo como “garantida” – uma acepção bastante cabível, mas que provoca estranheza nesse contexto particular, em que caracteriza o significante “dimensão”: o que seria uma “dimensão garantida”?

**Quadro 4 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (c)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>Cela me permet de faire surgir une dimension assurée – nous sommes dans le b.a. ba, mais enfin, il faut bien y être – celle de la mise en formules</i>” (p. 14-15).</p>	<p>“Isso me permite fazer surgir uma dimensão garantida – estamos no b.a. ba, mas, enfim, é preciso mesmo estar nele – a da <i>formulação</i>” (p. 17-18).</p>	<p>“Isso me permite fazer surgir uma dimensão firme – estamos no bê-á-bá, mas, enfim, é onde temos de estar –, a da <i>formulação</i>” (n. 148, p. 41).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

É possível ao leitor intuir o sentido pretendido, mas a opção imputa ao texto de chegada uma estranheza ausente na formulação lacaniana, no que concerne a essa passagem específica. Berliner, por seu turno, opta por traduzir a palavra como “firme” – uma solução menos óbvia do ponto de vista do dicionário, porém suportada pelo significante e, certamente, com um efeito de maior legibilidade na língua-alvo. A seguir, vale destacar também a grafia escolhida por cada tradutor para o “*b.a. ba*” presente no texto-fonte: Magno não faz qualquer alteração, mantendo a forma de escrita francesa, enquanto Berliner adota a grafia consagrada em língua portuguesa: *bê-á-bá* (BECHARA, 2017; DICIONÁRIO..., 2011).

Já no trecho abaixo (Quadro 5), pode-se notar uma divergência curiosa entre os tradutores, relativa ao vocábulo *parole*, muito presente no discurso de Lacan e de importância central em seus aportes à psicanálise:

**Quadro 5 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (d)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>Qu’ils sachent que, pendant quelques années, tout mon effort a été nécessaire pour revaloriser aux yeux de ceux-ci cet instrument, la parole – pour lui redonner sa dignité, et faire qu’elle ne soit pas toujours pour eux ces mots d’avance dévalorisés, qui les forçaient à fixer leurs regards ailleurs, pour en trouver le répondant</i>” (p. 22).</p>	<p>“Que elas saibam que, durante alguns anos, foi preciso todo o meu esforço para revalorizar aos olhos deles esse instrumento, <i>a fala</i> – para lhe devolver sua dignidade, e fazer com que ela não seja sempre, para eles, essas palavras desvalorizadas de antemão que os forçavam a fixar os olhos em outra parte, para lhes encontrar um fiador” (p. 26).</p>	<p>“Que soubessem que, durante alguns anos, tive de empenhar todo meu esforço para revalorizar aos olhos deles esse instrumento, <i>a palavra</i> – para lhe devolver sua dignidade e fazer com que não consistisse sempre nesses vocábulos desvalorizados de antemão, que os forçavam a fixar o olhar em outra parte para encontrar o que os caucionava” (n. 151, p. 39).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.



Enquanto Magno verte o termo por “fala”, Berliner opta por “palavra”. Trata-se das duas acepções compreendidas pelo termo em língua francesa, remetendo a primeira mais estritamente à oralidade do discurso enunciado pelo analisante no divã – e sendo também a tradução habitual para o termo quando empregado por Saussure, em seu *Curso de linguística geral*, em oposição a *langue* [língua] –, enquanto a segunda se vincula de forma possivelmente mais direta à materialidade do significante, em sua forma oral ou escrita.

No excerto reproduzido a seguir (Quadro 6), as soluções apresentadas por Magno e Berliner para o *cloche* presente no texto-fonte – respectivamente, “manca” e “claudica” – estão em relação de sinonímia, o que por si só não seria digno de nota, não fosse pela discussão conduzida por Magno no paratexto:

**Quadro 6 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (e)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
“ <i>Bref, il n’y a de cause que de ce qui cloche</i> ” (p. 25).	<p>“Em suma, só existe causa para o que manca*” (p. 29).</p> <p>—</p> <p>*N.T.: “<i>Ce qui cloche</i>, o que claudica. Preferiremos às vezes o verbo ‘mancar’ pela possibilidade de jogos fônicos que ele vai oferecer no trato do texto lacaniano – não ponto-a-ponto, mas como oportunidade de fazer funcionar a tradução no mesmo âmbito de deslizamento fônico. Assim, o <i>manquer</i>, a <i>manque</i>, no jogo da <i>falta</i> e falha, essencial ao pensamento lacaniano (e freudiano), nos darão outras oportunidades que ao francês não se oferecem, em troca de outras tantas que ao <i>brasileiro</i> não se apresentam” (p. 275).</p>	“Em suma, só há causa do que claudica” (n. 151, p. 43).

Fonte: Elaborado pela autora.

Magno oferece ao leitor, aqui, a possibilidade de acompanhar o percurso de suas escolhas, e sua justificativa para a opção pelo verbo “mancar” – propondo um deslizamento fônico a partir do verbo francês *manquer*, que aponta para a falta central às elaborações psicanalíticas – parece ir diretamente ao encontro do que propõe Jesuino-Ferretto quando, partindo da premissa de que “a transmissão da psicanálise põe em jogo a transmissão de um conhecimento inconsciente” (2011, p. 65, tradução minha), questiona-se sobre a (im)possibilidade de traduzir Lacan sem reivindicar o saber da língua.

Para a psicanalista e tradutora, à tarefa do tradutor de Lacan, além da necessidade de “manter pelo menos o sentido e as palavras”, impõe-se muito rapidamente um terceiro termo: a conservação da oralidade do texto em sua forma escrita (JESUINO-FERRETTO, 2011). Assim,

Para manter a natureza oral do texto, temos que nos curvar à lógica significante, mas também ao choque do Real da letra, que organiza a estrutura do texto, seu estilo, seu ritmo. O texto de Lacan pede uma leitura no sentido forte do termo, na medida em que tem um estilo, “uma escrita que não poupa a fala, que joga constantemente com o que se pronuncia em detrimento do que se lê”<sup>22</sup> (JESUINO-FERRETTO, 2011, p. 66, tradução minha).

No excerto em análise, o primeiro tradutor mostra-se bem-sucedido em manter o sentido do discurso de Lacan e, concomitantemente, reproduzir sua característica essencial de oralidade, mesmo na forma escrita. Ainda que o *cloche* do texto-fonte não evoque particularmente nenhum jogo fônico, a inesperada remissão do tradutor à falta [*manque*] parece levar em conta o trabalho de Lacan com o real da língua, conforme discutido no terceiro capítulo (seção 3.3) desta dissertação. Em outra passagem do texto, mais adiante na mesma página, a propósito da palavra *clocherie* – que tanto Magno quanto Berliner traduzem por “claudicação” –, ele acrescenta mais uma nota em que discute sua opção pelo verbo “mancar”, no trecho anterior, explicitando seu potencial de remissão às formações do inconsciente:

*Clocherie*. Mas o verbo “mancar” nos interessaria, por, em bom brasileiro, se apetecer ao que de inconsciente ele nos abre quanto ao ato falho (*manqué*), ao *Witz* (trocadilho, dito espirituoso, piada), ao *rébus* e todas as *méprises* (equivocações, equívocos) com que o inconsciente se nos abre por *mancadas*. Verbo, aliás, já dicionarizado, por Aurélio Buarque de Holanda, como uma importação do francês (*manquer*) (MAGNO *apud* LACAN, 2008, p. 275-276).

---

<sup>22</sup> [Nota de Jesuino-Ferretto] “WAHL, François. La mise en page de la psychanalyse. *La célibataire* (EDK), Paris, n. 6, 2002, p. 281”.

Tal abordagem no processo de tradução, vale destacar, remete ao modo como procedeu o próprio Lacan quando, em seu *Seminário 24* – intitulado *L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*, e ainda não traduzido ao português –, propôs poeticamente traduzir o conceito freudiano de inconsciente [*Unbewußte*] pela expressão (quase) homófona em francês *l’une-bévue* [um equívoco, ou, como quereria Magno, uma “mancada”]:

*L’inconscient, ça n’a rien à faire avec l’inconscience. Alors pourquoi ne pas traduire tout tranquillement par l’une-bévue? D’autant plus que ça a tout de suite l’avantage de mettre en évidence certaines choses: pourquoi est-ce qu’on s’oblige dans l’analyse des rêves, qui constituent une bévue comme n’importe quoi d’autre, comme un acte manqué, à ceci près qu’il y a quelque chose où on se reconnaît. On se reconnaît dans le trait d’esprit, parce que le trait d’esprit tient à ce que j’ai appelé lalangue, on se reconnaît dans le trait d’esprit, on y glisse... et là-dessus Freud a fait quelques considérations qui ne sont pas négligeables. Je veux dire que l’intérêt du trait d’esprit pour l’inconscient est quand même lié à cette chose spécifique qui comporte l’acquisition de lalangue (LACAN, 1976-1977, p. 3)<sup>23</sup>.*

Fica apontada, nesta passagem, a importância fulcral do trabalho do tradutor sobre o significante, sobre a letra – ligados que estão ao inconsciente –, na transmissão do saber de que se constitui a psicanálise lacaniana. É o que leva Jesuino-Ferretto a se perguntar – “A tradução do conceito em psicanálise escapa a uma poética?” (2011, p. 68, tradução minha).

No trecho mostrado no Quadro 7, abaixo, curiosamente, Magno dá ao verbo *se raccorder* [ligar-se, conectar-se com algo distinto ou separado (LAROUSSE, 2008)] uma tradução que, em verdade, corresponderia ao verbo *s’accorder* [estar em acordo ou em harmonia (com algo) (LAROUSSE, 2008)], do qual é derivado.

---

<sup>23</sup> Por se tratar de um texto ainda não traduzido, e cujo trecho citado trata diretamente de uma proposta de tradução (do alemão ao francês), optou-se excepcionalmente por reproduzi-lo no corpo do texto em sua língua “original”, ora trazendo-se, nesta nota, uma tradução possível:

“O inconsciente não tem nada a ver com a inconsciência. Então, por que não traduzimos tranquilamente por *l’une-bévue* [um equívoco]? Ainda mais que isso tem a vantagem imediata de pôr em evidência certas coisas: por que nos forçamos na análise dos sonhos, que constituem um equívoco como qualquer outro, como um ato falho, exceto que há algo em que nós nos reconhecemos. Nós nos reconhecemos no traço do espírito, porque o traço do espírito tem a ver com o que eu chamei de lalíngua, nós nos reconhecemos no traço do espírito, escorregamos nele... e sobre isso Freud fez algumas considerações que não são negligenciáveis. Quero dizer que o interesse do traço de espírito para o inconsciente ainda está, de toda forma, ligado a esta coisa específica que envolve a aquisição de lalíngua” (LACAN, 1976-1977, p. 3, tradução minha).

**Quadro 7 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (f)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>Car l’inconscient nous montre la béance par où la névrose se raccorde à un réel – réel qui peut bien, lui, n’être pas déterminé</i>” (p. 25).</p>	<p>“Pois o inconsciente nos mostra a hiância por onde a neurose se conforma a um real – real que bem pode, ele sim, não ser determinado” (p. 30).</p>	<p>“Pois o inconsciente nos mostra a hiância por onde a neurose se conecta a um real – real que bem pode, ele sim, não ser determinado” (n. 151, p. 44).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar da semelhança de sonoridade e grafia entre os verbos em língua francesa, o sentido de ambos, especialmente no dado contexto, é bastante distinto. Trata-se, provavelmente, de um lapso (ou de uma “mancada”), algo que pôde ser evitado por Berliner em grande medida por se tratar de uma retradução, feita 21 anos depois da primeira tradução – com tudo o que isto implica em termos de disponibilidade de dicionários e ferramentas de pesquisa –, e também pelo fato já mencionado de o seu processo tradutório ter se dado, ao menos parcialmente, em rede.

No parágrafo reproduzido a seguir (Quadro 8), as traduções de Magno e Berliner diferem sobremaneira no que diz respeito ao trato verbal e vocabular:

**Quadro 8 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (g)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>Au vrai dire, cette dimension de l’inconscient que j’évoque, c’était oublié, comme Freud l’avait parfaitement bien prévu. L’inconscient s’était refermé sur son message grâce aux soins de ces actifs orthopédeutes que sont devenus les analystes de la seconde et de la troisième génération, qui se sont employés, en psychologisant la théorie analytique, à suturer cette béance</i>” (p. 26).</p>	<p>“A bem dizer, essa dimensão do inconsciente, que eu evoco, <i>estava esquecida</i>, como Freud havia previsto perfeitamente bem. O inconsciente se havia refechado sobre sua mensagem graças aos cuidados desses ativos ortopedutas em que se tornaram os analistas da segunda e da terceira geração, que se dedicam, no que psicologizando a teoria psicanalítica, a suturar essa hiância” (p. 30-31).</p>	<p>“A bem dizer, essa dimensão do inconsciente que evoco <i>estava esquecida</i>, como Freud previra perfeitamente bem. O inconsciente fechara-se sobre sua mensagem graças aos cuidados dos ativos ortopedistas que os analistas da segunda e da terceira geração se tornaram, analistas estes que se dedicaram, psicologizando a teoria analítica, a suturar essa hiância” (n. 151, p. 45).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

No trecho “...de ces actifs orthopédeutes que sont devenus les analystes de la seconde et de la troisième génération”, Magno opta por “...desses ativos ortopedutas em que se tornaram os analistas da segunda e da terceira geração”, acrescentando uma preposição que, além de não ter correspondente no texto de partida, resulta em uma construção pouco usual na língua de chegada. A solução de Berliner soa mais familiar – e possivelmente mais problemática –, não só por sua escolha pela voz ativa (no que se afasta do texto-fonte em termos formais), mas também pelo trato dado por ela ao vocábulo *orthopédeutes*: “...dos ativos ortopedistas que os analistas da segunda e da terceira geração se tornaram”. Em que pese a clareza do sentido, trata-se de um neologismo lacaniano, cuja razão de ser parece pelo menos parcialmente determinada pelo propósito de evitar a aliteração entre *orthopédistes* e *analystes*, a qual se produz na versão de Berliner, em prejuízo da estética – ademais, a criação neológica é um dos traços constitutivos do estilo lacaniano, conforme discutido no segundo capítulo desta dissertação, e, como tal, não pode ser negligenciada sem prejuízo da experiência de leitura do texto traduzido.

O problema aliterativo ressurgiu com o trecho “...en psychologisant la théorie analytique”, desta vez na tradução de Magno, que o verte por “...no que psicologizando a teoria psicanalítica”; além de acrescentar vocábulos sem correspondência no texto-fonte e redundantes quanto à significação (visto que *en psychologisant* é apenas a forma gerúndio do verbo *psychologiser*, podendo ser traduzida simplesmente por “psicologizando”, sem a necessidade de preposição), o tradutor transmuta *analytique* em “psicanalítica”, acrescentando uma aliteração não pretendida, a qual, ademais do prejuízo estético, parece reduzir a distância entre os dois termos postos em oposição – a *psicologia* e a *teoria analítica* –, mitigando assim a acusação expressa no texto de Lacan.

Reencontramos a seguir (Quadro 9) a passagem já comentada no segundo capítulo desta dissertação, dedicado ao estilo de Lacan.

#### Quadro 9 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (h)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
“De même, pour dire que l’inconscient si fourre-tout, si hétéroclite, qu’élabora pendant toute sa vie de philosophe solitaire Édouard Von Hartmann, n’est pas	“Do mesmo modo, para dizer que o inconsciente tão intrometido, tão heteróclito, que durante toda a sua vida de filósofo solitário Eduardo von Hartmann elaborou, não é o	“Tampouco deveríamos nos precipitar e dizer que o inconsciente tão saco de gatos, tão heteróclito, que Édouard Von Hartmann elaborou durante toda a

<p><i>l'inconscient de Freud, il ne faudrait pas non plus aller trop vite, puisque Freud, dans le septième chapitre de la Science des rêves, s'y réfère lui-même en note – c'est dire qu'il faut aller y voir de plus près pour désigner ce qui dans Freud s'en distingue" (p. 27).</i></p>	<p>inconsciente de Freud, também não seria preciso ir muito longe, pois Freud, no sétimo capítulo de <i>A Ciência dos Sonhos</i>, refere-se, ele próprio, a isto, em nota – quer dizer que é preciso olhar isso mais de perto para designar o que, em Freud, se distingue" (p. 31).</p>	<p>sua vida de filósofo solitário não é o inconsciente de Freud, pois, no capítulo VII da <i>Interpretação dos sonhos</i>, o próprio Freud faz referência a ele em nota – ou seja, é preciso examiná-lo de mais perto para designar o que, em Freud, dele se distingue" (n. 151, p. 46).</p>
---	---	--

Fonte: Elaborado pela autora.

A expressão *fourre-tout*, empregada pelo autor em sua acepção coloquial pejorativa, designa algo como um “texto, discurso, obra etc. que contém ideias diversas em grande desordem” (LAROUSSE, 2008, tradução minha) – caracterização reforçada pelo adjetivo usado em seguida, oriundo do francês standart: *hétéroclite* [heteróclito]. Berliner traduz *fourre-tout* pela expressão coloquial do português “saco de gatos”, que veicula vivamente as noções de heterogeneidade e desordem expressas no texto-fonte. Magno, entretanto – possivelmente pela dificuldade de acesso, à época, a dicionários que recobrissem registros mais orais da língua francesa –, parece perder-se um pouco, traduzindo a expressão *fourre-tout* – talvez com base no verbo *se fourrer* isoladamente, que tem a acepção coloquial de “meter-se ou insinuar-se (em um lugar, em um meio etc.)” (LAROUSSE, 2008) – por “intrometido”.

Merece destaque também o tratamento dispensado por ambos os tradutores aos nomes de pessoas e obras presentes no texto-fonte. Em relação ao primeiro caso, Berliner opta por manter “Édouard Von Hartmann”, grafia galicizada do nome do filósofo germânico Eduard von Hartmann, enquanto Magno o trata por “Eduardo von Hartmann”, adaptando a grafia de seu nome à língua de chegada (segundo, aí, a mesma lógica de Lacan e Miller no texto estabelecido).

A questão dos nomes próprios – e sua (in)traduzibilidade – é um problema de ordem linguística e filosófica discutido em profundidade nas produções de autores como Cassirer, Derrida e, mais recentemente, Campillo; muito menos simples do que parece à primeira vista, analisá-lo adequadamente requereria uma digressão demasiado longa. Entretanto, em se tratando aqui de uma pesquisa que se propõe a levar em conta os enodamentos e furos produzidos pelo real no tecido simbólico da língua, e seus efeitos sobre o ato de traduzir,

entende-se que não é possível passar ao largo da questão. Proponho, então, um breve delineamento.

Em sua leitura do mito da Torre de Babel, fundador a um tempo da necessidade e da impossibilidade da tradução, Derrida (1987/2002, p. 13; 22) sustenta que os nomes próprios – entendidos como “referência de um significante puro a um real singular” – não pertencem propriamente à língua. Também chamados nomes singulares, estes se encontrariam, para o filósofo espanhol Antonio Campillo (1992, p. 27, tradução minha), “a meio caminho entre a designação (própria dos dêiticos) e a descrição (própria dos nomes comuns ou universais)”. O vínculo que mantêm com aquilo que nomeiam “com propriedade” não se esgota sob nenhuma das duas formas – designação ou descrição –, mas, ao contrário, é dado sob uma forma especial de identificação ou singularização que remete ao ato mesmo da enunciação, ao acontecimento discursivo como tal.

É esta também a perspectiva de Cassirer (1925/2009, p. 73), que compreende que nos nomes próprios, à maneira de uma consciência mítico-religiosa expressa na língua, “desaparece a tensão entre o mero ‘signo’ e o ‘designado’; em lugar de uma expressão mais ou menos adequada, apresenta-se uma relação de identidade, de completa coincidência entre a ‘imagem’ e a ‘coisa’, entre o nome e o objeto”.

Os nomes próprios são, nesse sentido, o que há de mais próprio, de mais *idiomático* em uma língua. Mas, ao mesmo tempo, e por isso mesmo, parecem situar-se fora – ou, mais precisamente, na borda – do sistema linguístico. Daí que sejam o que há de mais intraduzível em uma língua. São, com efeito, o que há de mais intraduzível, mas também o que menos necessita de tradução, como se seu significado fosse absolutamente universal, como se seu referente “próprio” os ancorasse diretamente no mundo (CAMPILLO, 1992, p. 27, tradução minha).

Assim, Édouard ou Eduardo não são, propriamente, traduções de Eduard, em que pese a aparente equivalência. A manutenção do nome próprio em sua forma “original”, isto é, aquela da língua-fonte, constituiria portanto menos uma recusa à tradução e mais uma apreciação conscienciosa de suas possibilidades e limites – ademais de um reconhecimento da parte que há de real na língua. Não foi este, no entanto, o caminho escolhido por nenhum dos tradutores aqui em análise.

O caso dos nomes – ou títulos – de obras, talvez mais concernente à intertextualidade que ao aspecto vocabular, exemplifica-se com a referência de Lacan a *la Science des rêves* – a seminal obra freudiana publicada em 1900 sob o título *Die Traumdeutung* [A interpretação dos sonhos]. No título em alemão, não há qualquer referência ao termo *ciência* [*Wissenschaft*], e

em língua portuguesa nunca houve uma edição da obra intitulada *A Ciência dos Sonhos*, como consta na tradução de Magno. Mesmo em língua francesa, contemporaneamente, as edições da obra recebem o título de *L'interprétation des rêves* [A interpretação dos sonhos] ou *L'interprétation du rêve* [A interpretação do sonho]. Apenas a primeira tradução francesa, publicada em 1926 por Ignace Meyerson, trazia o título *La science des rêves*; posteriormente, em 1967, tal tradução seria republicada em uma versão expandida e inteiramente revisada por Denise Berger, intitulada *L'interprétation des rêves*. Em língua portuguesa, todas as edições disponíveis da obra recebem o título *A interpretação dos sonhos*, em conformidade com a tradução de Berliner.

No trecho contido no Quadro 10, abaixo, além do trato dos nomes próprios – Theodor Reik, referido por Lacan como “Théodore”, ao gosto da tradição francesa, torna-se, analogamente, “Theodoro” na tradução de Magno, enquanto conserva seu nome de batismo, germânico, na tradução de Berliner –, evidencia-se mais que em qualquer outra passagem o gosto de Magno pelos artigos: leem-se em seu texto “um achado”, “uma solução” e “não-sei-o-quê”, enquanto em Berliner encontramos “achado”, “solução” e “não-sei-quê” – como traduções dos termos lacanianos *trouvaille*, *solution* e *je-ne-sais-quoi*, sem artigos.

#### Quadro 10 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (i)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>Trouvaille qui est as même temps solution – pas forcément achevée, mais, si incomplète qu’elle soit, elle a ce je-ne-sais-quoi qui nous touche de cet accent particulier que Théodore Reik a si admirablement détaché – seulement détaché, car Freud l’a bien fait remarquer avant lui – la surprise – ce par quoi le sujet se sent dépassé, par quoi il en trouve à la fois plus et moins qu’il n’en attendait – mais de toute façon c’est par rapport à ce qu’il attendait, d’un prix unique</i>” (p. 27).</p>	<p>“Um achado que é, ao mesmo tempo uma solução – não forçosamente acabada, mas, por mais incompleta que seja, tem esse não-sei-o-quê que nos toca com esse sotaque particular que Theodoro Reik tão admiravelmente destacou - apenas destacou, pois Freud tinha muito bem chamado a atenção para ele – <i>a surpresa</i> – aquilo pelo que o sujeito se sente ultrapassado, pelo que ele acaba achando ao mesmo tempo mais e menos do que esperava - mas que, de todo modo, é, em relação ao que ele esperava,</p>	<p>“Achado que é ao mesmo tempo solução – não necessariamente acabada, mas, por mais incompleta que seja, tem esse não-sei-quê que nos afeta com esse toque particular que Theodor Reik destacou de forma tão admirável – só destacou, pois Freud o notara claramente antes dele – <i>a surpresa</i> – aquilo pelo que o sujeito se sente ultrapassado, pelo que ele acha ao mesmo tempo mais e menos do que esperava – mas que de qualquer modo, com relação ao que ele esperava, é algo de valor único” (n. 151, p. 46).</p>



	de um valor único” (p. 31).	
--	-----------------------------	--

Fonte: Elaborado pela autora.

No trecho reproduzido a seguir (Quadro 11), merece destaque a opção de Berliner pela omissão do sujeito na primeira oração – recurso possível na língua de chegada, mas interdito na língua de partida –, o que a desincumbe da escolha entre a formalidade de “os senhores” e a informalidade de “vocês”. Em sequência, ressaltam-se as traduções dadas à palavra *formule* presente no texto lacaniano: Magno opta pelo termo “fórmula”, etimologicamente equivalente porém pouco usado em língua portuguesa com a acepção pretendida, isto é, a de um dito popular; Berliner, por seu turno, opta pelo termo mais familiar e compreensível – embora etimologicamente mais distante – “expressão”.

#### Quadro 11 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos vocabulares (j)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>En quoi, si vous me permettez d’y ajouter quelque ironie, l’inconscient se trouve au bord strictement opposé de ce qu’il en est de l’amour, dont chacun sait qu’il est toujours unique, et que la formule une de perdue, dix de retrouvées y trouve sa meilleure application</i>” (p. 28).</p>	<p>“Com o que, se vocês me permitem acrescentar alguma ironia, o inconsciente se acha na margem estritamente oposta à de que se trata no amor, do qual todo mundo sabe que é sempre único e que a fórmula <i>quem perde um encontra dez</i> encontra nele sua melhor aplicação” (p. 32).</p>	<p>“Com o que, se me permitirem acrescentar uma pitada de ironia, o inconsciente se acha na margem estritamente oposta do que ocorre com o amor, do qual todos sabem que é sempre único e que a expressão <i>quem perde uma encontra dez</i> encontra nele sua melhor aplicação” (n. 151, p. 47).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto ao dito popular em si, há uma divergência curiosa relativa à flexão de gênero: a expressão “*une de perdue, dix de retrouvées*” é traduzida por Magno como “quem perde um

encontra dez”, no masculino, enquanto Berliner, apesar de seguir a mesma formulação, mantém o gênero feminino tal como no texto-fonte: “quem perde uma encontra dez”<sup>24</sup>.

### 5.2.2 Aspectos sintáticos

A sintaxe que se imprime no texto lacaniano, conforme extensamente discutido no segundo capítulo desta dissertação, é caracterizada por uma forte manipulação dos recursos frásicos da língua francesa, resultando em um modo de expressão dito barroco ou maneirista. Marca indissociável de seu estilo, esse manejo peculiar da fala e da escrita – motivado em parte por um desejo de mímese da lógica do inconsciente – tem efeitos sobre a tradução ou a traduzibilidade de sua obra, uma vez que o real não se situa no mesmo ponto em cada língua. Inscrita nas bordas dos discursos literário, filosófico e científico, pesa sobre o tradutor ou a tradutora da obra de Lacan um duplo imperativo: o da legibilidade (por vezes um tanto fugidia já no texto-fonte, mas incontornável tendo em vista tratar-se de um texto teórico, destinado à formação de analistas) e o da transcrição da informação estética – isto é, do efeito mimético ou de metáfora – expressa no texto de partida, dispondo dos recursos facultados pela língua de chegada.

Na passagem selecionada a seguir (Quadro 12), o texto de Lacan é iniciado por uma oração que tem por sujeito o pronome *on*, o qual tem a marca distintiva de se comportar, alternativamente, como pronome indefinido ou pessoal (LAROUSSE, 2008). Comportando-se como pronome indefinido, pode traduzir-se em uma oração com sujeito indeterminado, seja ela na voz ativa – opção de Berliner, com o verbo conjugado na terceira pessoa do plural – ou passiva – opção de Magno, com o verbo conjugado na terceira pessoa do singular e o pronome “se” atuando como índice de indeterminação do sujeito.

---

<sup>24</sup> Vale notar que “quem perde um(a) encontra dez” não parece ser uma expressão consolidada em nosso idioma, ou pelo menos não uma de uso corrente, tendo sido, possivelmente, criada por Magno no momento de sua tradução – uma busca on-line pelos termos revelou como resultados apenas as traduções mencionadas do *Seminário 11*. Uma pesquisa mais detalhada pelo dito popular francês “*une de perdue, dix de retrouvées*” e por seu correlato inglês “*there are plenty of fish in the sea*” revelou a expressão de língua portuguesa “homem é igual a biscoito, vai um e vem dezoito” (há ocorrências também no gênero feminino, porém consideravelmente menos numerosas).

**Quadro 12 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (a)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>On pourrait soutenir que ma qualification n’en est pas pour autant mise en cause, pour remplir ailleurs cette même fonction</i>” (p. 7).</p>	<p>“Poder-se-ia sustentar que minha qualificação não está sendo entretanto questionada, por preencher, em outro lugar, esta mesma função” (p. 9).</p>	<p>“Poderiam afirmar que minha qualificação não se vê questionada por eu cumprir essa mesma função em outro lugar*” (n. 148, p. 32).</p> <p>_____ *N.T. (p. 32): “Outra possibilidade de leitura desta frase, que é, aliás, a das edições em espanhol: Poderiam afirmar que nem por isso se vê questionada minha qualificação para cumprir essa mesma função em outro lugar”.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Apesar da equivalência aparente de ambas as soluções, a de Magno tem o inconveniente de pedir – caso se tome a norma culta da língua como imperativo – mesóclise, forma de colocação pronominal hoje considerada antiquada, praticamente em desuso no Brasil (RODRIGUES, 2017), e cujo emprego por figuras políticas de nosso passado recente contribuiu para identificá-la com um estilo discursivo excessivamente adornado, não raro utilizado como instrumento de exclusão – o que diverge inteiramente dos usos do *on* na língua francesa.

Na parte final do período, chama atenção também a solução que ambos os tradutores dão à preposição *pour* em sua segunda aparição: “por”. Indicando geralmente finalidade (e apenas raramente causa) (LAROUSSE, 2008), a tradução mais usual de *pour* ao português seria “para”, que aparece apenas na nota de rodapé de Berliner como “outra possibilidade de leitura” adotada pelas edições em espanhol.

O Quadro 13 (abaixo), por seu turno, é bastante representativo da relação de Magno e Berliner com a língua francesa em suas respectivas traduções. Magno reproduz palavra por palavra a estrutura interrogativa do francês, resultando em um estranhamente aliterativo “o que é que a funda como praxis [*sic*]?”<sup>25</sup>; Berliner, diferentemente, verte a formulação interrogativa

<sup>25</sup> Magno traz a palavra “práxis” sem acento agudo, conforme grafada no texto-fonte, porém em contrariedade às regras de acentuação da língua portuguesa e à forma dicionarizada do vocábulo (DICIONÁRIO..., 2011).

de Lacan, de uso tão corrente no francês, por uma estrutura igualmente comum no português: “o que a funda como práxis?”. Resta, em ambos os casos, o problema da cacofonia gerada pela sequência “a funda” – que poderia ser resolvido com a substituição do verbo por um sinônimo, porém em prejuízo da letra.

### Quadro 13 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (b)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
“ <i>Ce qui veut dire – qu’est-ce qui la fonde comme praxis?</i> ” (p. 11).	“O que quer dizer – <i>o que é que a funda como praxis?</i> ” (p. 14).	“O que quer dizer: <i>o que a funda como práxis?</i> ” (n. 148, p. 37).

Fonte: Elaborado pela autora.

No trecho reproduzido abaixo (Quadro 14), repete-se a já discutida questão da mesóclise. Lacan utiliza “*s’agit-il*”, construção pronominal do verbo *s’agir* na forma interrogativa (uma das possibilidades de estruturação de perguntas na língua francesa é caracterizada pelo ordenamento da sentença, com o sujeito posposto ao verbo).

### Quadro 14 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (c)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
“ <i>S’agit-il d’un fait très surprenant dans l’histoire des sciences — que Freud serait le premier, et serait resté le seul, dans cette science supposée, à avoir introduit des concepts fondamentaux?</i> ” (p. 15).	“Tratar-se-á de um fato muito surpreendente na história das ciências – o de que Freud seria o primeiro, e permaneceria o único, nessa suposta ciência, a ter introduzido conceitos fundamentais?” (p. 18).	“Será que temos um fato muito surpreendente na história das ciências – o fato de que Freud teria sido o primeiro, e permaneceria sendo o único, nessa suposta ciência a ter introduzido conceitos fundamentais?” (n. 148, p. 42).

Fonte: Elaborado pela autora.

Enquanto “trata-se [de]” seria a tradução mais intuitiva para “*il s’agit [de]*”, a forma interrogativa impõe um desafio a mais, uma vez que a língua portuguesa não conta com o recurso de posposição do sujeito ao verbo como marca interrogativa, de modo que a solução “trata-se [de]” requereria algum modulador de sentido para ser lida com uma sentença

interrogativa. Magno, assim, recorre à flexão do verbo no futuro do presente, o que traz consigo o problema da colocação pronominal. Berliner, por seu turno, faz mais uma vez a opção por um relativo distanciamento do texto-fonte em busca de uma formulação com maior aceitabilidade em relação à língua de chegada: a solução proposta por ela, “será que temos...”, soa perfeitamente familiar em português brasileiro, imprimindo à sentença desde seu início o tom interrogativo presente no texto de Lacan.

No Quadro 15, abaixo, novamente é possível observar como a sintaxe particular de Lacan move seus tradutores em direções divergentes: enquanto Magno mantém-se o mais próximo possível da estrutura frásica do texto-fonte, mesmo que isso implique iniciar uma sentença com o pronome relativo “que” – algo não usual em língua portuguesa –, Berliner opta por uma solução com maior distanciamento formal do texto de partida, substituindo o pronome relativo solitário no início da sentença pela expressão mais completa – e mais familiar, neste contexto – “o fato de que”.

**Quadro 15 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (d)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p><i>“Que, pour guérir l’hystérique de tous ses symptômes, la meilleure façon soit de satisfaire à son désir d’hystérique – qui est pour elle de poser à nos regards son désir comme désir insatisfait – laisse entièrement hors du champ la question spécifique de ce pourquoi elle ne peut soutenir son désir que comme désir insatisfait. Aussi l’hystérie nous met-elle, dirais-je, sur la trace d’un certain péché originel de l’analyse”</i> (p. 16).</p>	<p>“Que, para curar a histérica de todos os seus sintomas, a melhor maneira seja satisfazer seu desejo de histérica – que é para ela o de colocar aos nossos olhos seu desejo como desejo insatisfeito –, deixa inteiramente fora de campo a questão do <i>por quê</i> ela só pode sustentar seu desejo como desejo insatisfeito. Também é que a histérica nos põe, eu diria, na pista de um certo pecado original da análise” (p. 19).</p>	<p>“O fato de que para curar a histérica de todos os seus sintomas a melhor maneira seja satisfazer seu desejo de histérica – que para ela consiste em expor ao nosso olhar seu desejo como desejo insatisfeito – deixa totalmente fora do campo a questão específica desse <i>por que</i> ela não pode sustentar seu desejo senão como desejo insatisfeito. Por isso, a histeria nos põe, diria eu, na pista de um certo pecado original da análise” (n. 148, p. 43).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Pode-se perceber neste ponto, como em alguns outros aqui apontados, que a tradução de Magno adota como estratégia predominante uma orientação ao texto-fonte, o que significa

dizer que é ao texto-fonte que o tradutor se submete, dobrando-se às suas normas e igualmente às da língua e da cultura de partida – daí resulta, na terminologia proposta pela teoria descritiva (LAMBERT, 1985/2011), uma tradução “adequada”. A tradução de Berliner, por seu turno, também revela neste trecho a tendência geral que prevalece em seu conjunto, caracterizando-se, ao contrário da de Magno, como orientada ao texto-alvo: a tradutora dobra-se às normas do sistema receptor, produzindo uma tradução “aceitável” no que concerne à língua e à cultura do sistema de chegada – no caso, o brasileiro.

Na passagem reproduzida a seguir (Quadro 16), a oposição entre as estratégias que orientam os respectivos processos de retextualização mais uma vez se faz sentir. Observa-se que a estrutura frásica do período de Lacan é alterada na retradução, o que resulta na supressão do anacoluto presente no texto-fonte – “*je le sais*” –, que é deslocado para o início da sentença e integrado a ela – “sei que...”. Berliner opta, ademais, por verter o verbo pronominal *s'introduire* como “iniciar-se” (em lugar do “introduzir-se” de Magno).

**Quadro 16 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (e)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
“ <i>Il y en a ici quelques-uns, je le sais, qui s'introduisent à mon enseignement. Ils s'y introduisent par des écrits qui sont déjà datés</i> ” (p. 22).	“Há algumas pessoas aqui, eu sei disso, que se estão introduzindo ao meu ensino. Elas se introduzem através de escritos que já fizeram época” (p. 26).	“Sei que há aqui algumas pessoas que estão se iniciando no meu ensino. Iniciam-se nele por escritos já datados” (n. 151, p. 39).

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao final da passagem, entretanto, algo de curioso parece ocorrer: diante do trecho “*par écrits qui sont déjà datés*”, Berliner produz uma tradução que lhe corresponde quase palavra por palavra, mantendo-lhe também o sentido: “por escritos já datados”; Magno, por outro lado, apresenta a solução “através de escritos que já fizeram época”, que chama atenção por seu distanciamento sintático e vocabular relativo ao texto-fonte. A expressão “fazer época”, pouco comum no português brasileiro atual, é definida pelo lexicógrafo Francisco da Silva Borba (1990) como “ter sido notável”; há nela, portanto, uma conotação positiva ausente no texto de partida, e que parece ser-lhe, inclusive, contrária.

Já no Quadro 17, observa-se, ainda uma vez, a tendência predominante no trabalho de cada tradutor expressa em sua sintaxe: Magno reproduz o mais possível a estrutura frásica de Lacan, fazendo adequar-se a ela a gramática da língua-alvo, enquanto Berliner orienta-se primariamente à produção de um enunciado aceitável em língua portuguesa, fazendo por vezes sacrifícios parciais do estilo do texto-fonte em prol da legibilidade. Nesse processo de mediação, algumas nuances parecem ser apagadas: o que em Lacan é formulado com a conjunção *si* [se] seguida do verbo no presente do indicativo, Berliner traduz pelo advérbio de concessão “embora” seguido do verbo no presente do subjuntivo, o que parece mitigar em parte o caráter de incerteza presente no texto-fonte.

**Quadro 17 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (f)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>Si le concept se modèle en effet d’une approche à la réalité qu’il est fait pour saisir, ce n’est que par un saut, un passage à la limite, qu’il s’achève à se réaliser. Dès lors, nous sommes requis de dire en quoi peut s’achever – je dirais, sous forme de quantité finie – l’élaboration conceptuelle qui s’appelle l’inconscient. De même pour la répétition</i>” (p. 23).</p>	<p>“Se o conceito se modela, com efeito, por uma aproximação da realidade que ele foi feito para apreender, só por um salto, por uma passagem ao limite, que ele chega a se realizar. Daí somos requisitados a dizer ao que pode dar – direi, sob a forma de quantidade finita – a elaboração conceitual que se chama o inconsciente. Igualmente para a repetição” (p. 27).</p>	<p>“Embora o conceito se modele de fato por uma aproximação da realidade que ele foi feito para captar, é apenas por um salto, por uma passagem ao limite, que ele termina de se realizar. A partir daí, exige-se que digamos em que pode se completar – diria, na forma de quantidade finita – a elaboração conceitual que se chama o inconsciente. O mesmo vale para a repetição” (n. 151, p. 40-41).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação ao trecho “*qu’il s’achève à se réaliser*”, há entre os tradutores uma divergência de interpretação: Berliner parece compreender que está em causa o término da realização do desejo, quando se trata de sua realização por inteiro, indivisível entre princípio e fim; sua solução seria possível de ser mantida fazendo-se uma pequena troca relativa à preposição: em lugar de “que ele termina *de* se realizar”, “que ele termina *por* se realizar” – ou ainda a solução de Magno, “que ele chega a se realizar”, a qual tem apenas a desvantagem de afastar-se do sentido original do verbo *s’achever*, que está ligado, ainda que não

exclusivamente, à ideia de fim (LAROUSSE, 2008). Quanto à última frase do excerto, Berliner tem êxito ao encontrar uma formulação que seja a um tempo adequada e aceitável: “*De même pour la répétition*” converte-se, na retradução, em “O mesmo vale para a repetição” – o que se afigura como um enunciado inteligível e familiar em língua portuguesa, sem afastar-se da letra do texto-fonte.

No excerto contido no Quadro 18, abaixo, as traduções divergem diametralmente, invertendo a ordem dos termos da substituição referida por Lacan: “*substituer l'ordre de mystère le plus courant à un mystère particulier*”, para Magno, é “substituir a ordem do mistério mais corrente por um mistério particular” – o que contraria a lógica da estrutura engendrada pelo verbo *substituer* em francês: conforme explicita o dicionário monolíngue Larousse (2008), “*substituer un rivet [rebite] à une vis [parafuso]*” significa “substituir um parafuso por um rebite”. Assim, devido à mudança da preposição em torno da qual se organizam os termos da substituição em cada língua, a ordem de tais termos tem de ser invertida na tradução, de modo que, neste trecho, apenas a tradução de Berliner, “substituir um mistério particular pela ordem de mistério mais corrente”, capta o sentido justo expresso no texto-fonte.

#### Quadro 18 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (g)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>Il ne suffit certes pas de dire que l'inconscient est un concept dynamique, puisque c'est substituer l'ordre de mystère le plus courant à un mystère particulier – la force, ça sert en général à désigner un lieu d'opacité</i>” (p. 24).</p>	<p>“Certamente não basta dizer que o inconsciente é um conceito dinâmico, pois isto é substituir a ordem do mistério mais corrente por um mistério particular – a força, isto serve em geral para designar um lugar de opacidade” (p. 28).</p>	<p>“Certamente não basta dizer que o inconsciente é um conceito dinâmico, pois isso seria substituir um mistério particular pela ordem de mistério mais corrente – a força serve em geral para designar um lugar de opacidade” (n. 151, p. 42).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Na passagem reproduzida no Quadro 19, a seguir, a orientação de cada tradutor parece exprimir-se, para além da sintaxe, nas imagens evocadas pelos respectivos textos-alvo: a frase de Magno “Só existe aqui, se quiserem, apenas um titular” – exemplo de sua resistência a descolar-se da sintaxe da língua-fonte – soa praticamente incompreensível em português brasileiro, e seu complemento “Um não anda sem o outro”, em que pese menos ilegível, é quase



igualmente infamiliar. Berliner, ao contrário, mediante um afastamento maior da sintaxe e do vocabulário do texto-fonte, alcança – com “É, por assim dizer, uma coisa só. Uma não existe sem a outra” – um efeito de familiaridade e clareza que permite distinguir seu projeto de retradução da experiência precedente de Magno.

### Quadro 19 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (h)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>Pour l'exemplifier, pensez à ce qui s'image dans la loi de l'action et de la réaction. Il n'y a ici, si vous voulez, qu'un seul tenant. L'un ne va pas sans l'autre</i>” (p. 25).</p>	<p>“Para exemplificar, pensem no que se figura na lei de ação e reação. Só existe aqui, se quiserem, apenas um titular. Um não anda sem o outro” (p. 29).</p>	<p>“Para exemplificar, pensem na imagem da lei da ação e reação. É, por assim dizer, uma coisa só. Uma não existe sem a outra” (n. 151, p. 43).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

No excerto contido no Quadro 20, abaixo, a tradução de Magno – especialmente quanto à expressão “*garder dans la main*” – parece ter sido feita palavra por palavra (o que é bastante diferente da tradução literal proposta por Berman, conforme discutido no terceiro capítulo desta dissertação). Isto explicaria construções pouco familiares, bordejando a ilegibilidade, tais como “Se guardarem na mão esta estrutura inicial [...]” ou “vocês se conterão de se livrar de tal ou tal aspecto parcial [...]”. A tradução de Berliner, longe de ser uma exegese, guarda ainda muito do hermetismo da formulação lacaniana, que se deve, em parte, a aspectos estilísticos como sua sintaxe tortuosa, com frases longuíssimas, e sua escolha lexical maneirista – aspectos mantidos pela tradutora, a qual, no entanto, parece esforçar-se para não impingir ao leitor dificuldades adicionais decorrentes do emprego de estruturas inexistentes na língua de chegada.

### Quadro 20 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (i)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>Si vous gardez dans la main cette structure initiale, vous serez retenus de vous livrer à tel ou tel aspect partiel de ce dont il s'agit concernant l'inconscient – comme</i>”</p>	<p>“Se guardarem na mão esta estrutura inicial, vocês se conterão de se livrar a tal ou tal aspecto parcial do que se trata no que concerne ao inconsciente – como,</p>	<p>“Se conservarem essa estrutura inicial, isso os impedirá de se entregarem a esse ou aquele aspecto parcial do que está em questão no que concerne ao</p>

<i>par exemple que c'est le sujet, en tant qu'aliéné dans son histoire, au niveau où la syncope du discours se conjoint avec son désir</i> " (p. 28).	por exemplo, de que é o sujeito, enquanto alienado na sua história, no nível em que a síncope do discurso se conjuga com seu desejo" (p. 33).	inconsciente – como, por exemplo, que é o sujeito, enquanto alienado em sua história, no plano onde a síncope do discurso se une com seu desejo" (n. 151, p. 48).
---	---	---

Fonte: Elaborado pela autora.

No Quadro 21, a seguir, vê-se que a solução de Magno, por sua forte adesão à adequação enquanto estratégia tradutória, afigura-se como quase incompreensível no trecho que contém a caracterização do inconsciente:

#### Quadro 21 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (j)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<i>“Vous verrez que, plus radicalement, c'est dans la dimension d'une synchronie que vous devez situer l'inconscient – au niveau d'un être, mais en tant qu'il peut se porter sur tout, c'est-à-dire au niveau du sujet de l'énonciation, en tant que, selon les phrases, selon les modes, il se perd autant qu'il se retrouve, et que, dans une interjection, dans un impératif, dans une invocation, voire dans une défaillance, c'est toujours lui qui vous pose son énigme, et qui parle [...]”</i> (p. 28).	“Vocês verão que, mais radicalmente, é na dimensão de uma sincronia que vocês devem situar o inconsciente – no nível de um ser, mas enquanto pode se portar sobre tudo, isto é, no nível do sujeito da enunciação, enquanto segundo as frases, segundo os modos, se perdendo como se encontrando, e que, numa interjeição, num imperativo, numa invocação, mesmo num desfalecimento, é sempre ele que põe seu enigma, e que fala [...]” (p. 33).	“Verão que, mais radicalmente, é na dimensão de uma sincronia que devem situar o inconsciente – no plano de um ser, mas na medida em que pode se aplicar a tudo, ou seja, no plano do sujeito da enunciação, na medida em que, conforme as frases, conforme os modos, ele tanto se perde quanto se acha, e em que, numa interjeição, num imperativo, numa invocação, ou até num desfalecimento, é sempre ele que lhes coloca seu enigma e que fala [...]” (n. 151, p. 48).

Fonte: Elaborado pela autora.

Berliner, ao contrário, parecendo guiar-se pela legibilidade, encontra formulações que, por vezes equidistantes do texto-fonte em comparação às de Magno, soam, por outro lado, mais inequívocas ao público leitor brasileiro no dado contexto – é o caso, por exemplo, de sua opção por “na medida em que” para verter “*en tant que*” (no lugar do “enquanto” de Magno, que

remete a um aspecto temporal ausente no texto-fonte); ou ainda de sua tradução de *selon* por “conforme” (onde Magno opta por “segundo”, termo que, por seu uso corrente no contexto de autoria, requer maior esforço para ser reconhecido na acepção de conformidade ou consonância)<sup>26</sup>. Observa-se também na retradução, novamente, a elipse do pronome pessoal de segunda pessoa do plural no início da primeira oração – recurso que, tal como apontado no comentário feito ao Quadro 11 (p. 71), é possível apenas na língua-alvo, e desincumbe a tradutora de escolher entre a formalidade (“os senhores”, como na tradução de Magno) e a informalidade (“vocês”), ambas possíveis diante do uso de *vous*, no texto-fonte, para se referir à audiência do seminário.

Quanto ao trecho reproduzido abaixo (Quadro 22), destaca-se o tratamento dado ao vocábulo latino *lēvis*; Berliner traz em nota de rodapé suas diversas acepções, incluindo também, no corpo do texto, a grafia alternativa dicionarizada *laevis*, demarcando assim a distinção do termo, já apontada por Lacan no texto-fonte, em relação ao vocábulo *levis*, com *e* curto, que significa “leve, ligeiro” (FARIA, 2003, p. 560). Pode-se destacar, ademais, e ainda no âmbito vocabular, a pouca atenção demonstrada em relação ao sinal diacrítico chamado mácron (̄), indicativo de vogal longa em palavras latinas, que é em ambas as traduções substituído por um acento agudo (´)<sup>27</sup>.

#### Quadro 22 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (k)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
“Oblivium, <i>c'est lēvis avec le e long – poli, uni, liss</i> ” (p. 28).	“ <i>Oblivium</i> , é <i>lévis</i> com <i>e</i> longo – polido, unido, liso” (p. 33).	“ <i>Oblivium</i> é <i>lévis</i> [ <i>laevis</i> ] com o <i>e</i> agudo – polido, unido, liso*” (n. 151, p. 48). — *N.T.: “ <i>Laevis</i> significa: 1) Liso, plano, igual, polido, acepilhado. 2) Pelado, que não tem pêlo, gasto (com o roçar). 3) Escorregadio,

<sup>26</sup> Nenhum desses termos, destaque-se, caso isoladamente considerado, seria suficiente para obscurecer de fato a compreensão de um texto. Entretanto, há em Lacan diversos fatores que confluem para uma dificuldade de leitura, de modo que qualquer “contribuição” a isto por parte da tradução põe o texto de chegada em considerável risco de ilegibilidade.

<sup>27</sup> Não há acentuação gráfica em latim, de modo que para se saber a tonicidade de uma palavra é necessário conhecer a duração de sua penúltima sílaba: quando esta é longa, converte-se em sílaba tônica, e tem-se uma paroxítone; quando é breve, a tonicidade recai sobre a sílaba anterior, resultando em uma proparoxítone (não existem oxítonas em latim). Assim, para orientar a pronúncia, costumam-se assinalar as sílabas longas com o diacrítico mácron (̄), em oposição à braquia (˘), que demarca as sílabas breves. O recurso ao acento agudo por parte das traduções é, portanto, impreciso.

		que faz escorregar. 4) Mole, efeminado” (p. 48).
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

No parágrafo contido no Quadro 23, abaixo, pode-se observar um ponto de divergência entre as duas versões do texto-fonte, e que encontra espelho nas traduções; trata-se da pesquisa ou investigação mencionada por Lacan: *métapsychique* [metapsíquica], como no texto estabelecido por Miller e na tradução de Berliner, ou *métaphysique* [metafísica], como na transcrição Staferla<sup>28</sup> e na tradução de Magno? As pronúncias e grafias, note-se, são bem mais próximas em francês que em português – proximidade que não se estende de todo ao sentido, uma vez que, sendo Freud o autor dos *Ensaio de metapsicologia*, é lícito entender que seria da ordem do sem-sentido chamar “investigação metapsíquica” às práticas místicas ocultistas com as quais sua descoberta não fez aliança.

### Quadro 23 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (I)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>Mais il est indicatif également que ce qui s’annonçait aussi délibérément comme une ouverture sur un monde inférieur, n’ait fait nulle part, sauf exception très rare, alliance sérieuse avec tout ce qui a existé – existe encore maintenant, mais moins qu’à l’époque de la découverte freudienne – de recherche métapsychique, comme on disait, voire de pratique spirite, spiritiste, évocatoire, nécromantique, telle la</i></p>	<p>“Mas é igualmente indicativo que o que se anunciava tão deliberadamente como abertura para um mundo inferior, não tenha feito em parte alguma, salvo raríssima exceção, aliança séria com tudo que existiu – ainda existe agora, menos porém do que na época da descoberta freudiana – de pesquisa metafísica, como se dizia, se não de prática espírita, espiritista, evocatória, necromântica, tal como a</p>	<p>“Mas é igualmente chamativo que o que se anunciava tão deliberadamente como abertura para um mundo inferior não tenha feito em nenhum lugar, salvo raras exceções, uma aliança séria com tudo o que existiu – ainda existe, embora menos que na época da descoberta freudiana – de investigação metapsíquica, como se dizia, ou de prática espírita, espiritista, evocatória, necromântica, tal como a</p>

<sup>28</sup> “Il est curieux, il est indicatif aussi, que ce qui s’annonçait aussi délibérément comme ouverture sur un ‘monde inférieur’ n’ait en somme – sauf exception très rare – n’ait trouvé nulle part sa conjonction, n’ait fait nulle part alliance sérieuse avec tout ce qui pourtant – encore maintenant, mais surtout à l’époque où la découverte freudienne apparut – a existé à travers le monde de ‘recherche métaphysique’ comme on disait, voire de pratiques, disons spirite, spiritiste, évocatoire, nécromantique, la psychologie gothique de Myers, celle qui s’astreignait à suivre à la trace le fait de télépathie” (LACAN, 1964, p. 16).

<i>psychologie gothique de Myers, qui s'astreignait à suivre à la trace le fait de télépathie</i> ” (p. 32).	psicologia gótica de Myers, que se restringia a seguir à risca do fato da telepatia” (p. 37).	psicologia gótica de Myers, que se impunha seguir a pista dos fatos telepáticos” (n. 151, p. 52).
--	---	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto à oração final, a solução de Magno resulta ilegível: que significa dizer de algo que “se restringia a seguir à risca do fato da telepatia”? Trata-se de um equívoco no entendimento da expressão – dicionarizada – “*suivre à la trace*”, que significa rastrear, guiando-se por vestígios (LARROUSSE, 2014), “seguir a pista” de algo, como na tradução de Berliner; Magno a transforma em “seguir à risca” e, por consequência, compromete toda possibilidade de compreensão do trecho.

No período que inicia o excerto reproduzido a seguir (Quadro 24), observa-se novamente a maior adesão de Magno à sintaxe da língua-fonte, desta vez sem prejuízo da legibilidade na língua-alvo – ainda que o final deste mesmo período evidencie o apreço do tradutor pela construção “é do inconsciente que se trata” (em vez da forma direta “quando se trata do inconsciente”, presente na tradução de Berliner e mais aproximada não apenas do uso corrente no português brasileiro, mas também da própria formulação de Lacan).

#### Quadro 24 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos sintáticos (m)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<i>“Il parait, à juste titre, nouveau que je me sois référé au sujet quand il s'agit de l'inconscient. J'ai cru avoir réussi à vous faire sentir que tout cela se passe à la même place, à la place du sujet, qui – de l'expérience cartésienne réduisant à un point le fondement de la certitude inaugurale – a pris une valeur archimédique, si tant est que c'ait été bien là le point d'appui qui a permis la tout autre</i>	“É justo que pareça novo que eu me tenha referido ao sujeito, quando é do inconsciente que se trata. Acreditei ter conseguido fazer vocês sentirem que tudo isto se passa no mesmo lugar, no lugar do sujeito que – da experiência cartesiana, reduzindo a um ponto o fundamento da certeza inaugural – tomou um valor arquimédico, se é que foi esse mesmo o ponto de apoio que permitiu a direção inteiramente outra que tomou a	“Com razão parece novidade eu me referir ao sujeito quando se trata do inconsciente. Contudo, pensei ter conseguido fazer vocês sentirem que tudo isso se dá no mesmo lugar, o lugar do sujeito, que, pela experiência cartesiana que reduz a um ponto o fundamento da certeza inaugural, adquiriu um valor arquimediano, se é que aquele foi de fato o ponto de apoio que possibilitou a direção

<i>direction qu'a prise la science, nommément à partir de Newton" (p. 44).</i>	ciência, nominalmente a partir de Newton" (p. 46).	totalmente diferente que a ciência tomou, sobretudo a partir de Newton" (n. 152, p. 57).
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

No período seguinte, destaca-se a presença, na tradução de Berliner, da conjunção adversativa “contudo”, que não encontra paralelo no texto estabelecido por Miller; no entanto, recorrendo-se à transcrição Staferla, revela-se de pronto sua origem:

*Il peut paraître... il paraît – à juste titre – nouveau que je me sois référé au sujet quand il s'agit de l'inconscient. J'ai cru pourtant avoir pu vous faire sentir valablement que, de ce qu'il est du sujet, de ce qu'il est de l'inconscient, cela se passe à la même place: à cette place qui – quant au sujet – a eu par l'expérience de Descartes, une valeur qu'on pourrait dire "archimédique", si tant est que ç'ait été là le point d'appui qui ait permis cette toute autre direction qu'a prise la science, et nommément à partir de Newton, réduisant en quelque sorte à un point, le fondement de la certitude inaugurale (LACAN, 1964, p. 21, grifo meu).*

Outro ponto que merece destaque é o tratamento dado por ambos os tradutores ao vocábulo *archimédique*: enquanto Magno opta por “arquimédico”, Berliner verte o termo por “arquimediano”. Ainda que ambas as formas sejam reconhecidas pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (BECHARA, 2017), apenas o vocábulo “arquimediano” encontra registro nos dicionários Aulete (2014) e Michaelis (2020).

### 5.2.3 Aspectos intertextuais

A intertextualidade, como se pode depreender da discussão apresentada no primeiro capítulo desta pesquisa, manifesta-se como não apenas uma característica, mas uma condição de possibilidade para a constituição da psicanálise enquanto discurso próprio. A psicanálise lacaniana, mais ainda, enquanto proposta de retorno a Freud pela via de outros discursos – da filosofia, da arte e das ciências sociais –, estabelece um diálogo constante com a obra freudiana e outros textos formativos, além de referências culturais nem sempre explicitadas. Analisam-se adiante os modos como Magno e Berliner lidam, em seus respectivos processos de retextualização da obra de Lacan, com alguns desses casos de intertextualidade.

No Quadro 25, a seguir, destaca-se o tratamento dado pelos tradutores à palavra em hebraico *schibbolet*. Claudia Berliner não inclui nenhuma nota de rodapé ao termo, como o faz Magno; em vez disso, acrescenta a palavra “senha” no corpo do texto.

**Quadro 25 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (a)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>Eh bien, permettez-moi d'énoncer, et même à l'adresse des pouvoirs publics pour qui ce terme de recherche, depuis quelque temps, semble servir de schibbolet pour pas mal de choses – le terme de recherche, je m'en méfie</i>” (p. 12).</p>	<p>“Muito bem, permitam-me enunciar, e mesmo me dirigindo aos poderes públicos para quem este termo pesquisa, há algum tempo, parece servir de senha* para muitas coisas – o termo pesquisa, eu desconfio dele” (p. 15).</p> <p>—</p> <p>N.T.: “<i>Schibbolet</i>, como está no texto. <i>Schibbolet</i> – termo hebreu de que se servia a gente de Galaad para reconhecer a gente de Efraim que pronunciava <i>sibboleth</i>, e que eles degolavam imediatamente” (p. 275).</p>	<p>“Pois bem, permitam-me enunciar, dirigindo-me inclusive aos poderes públicos para quem o termo pesquisa parece, faz algum tempo, servir de <i>schibbolet</i>, de senha, para não poucas coisas, que desconfio do termo pesquisa” (n. 148, p. 38).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

No já mencionado artigo sobre sua experiência tradutória com o *Seminário 11*, discorrendo sobre o papel das primeiras traduções de Lacan na criação do dialeto lacanês, ela sustenta que:

Nesse sentido, o que vimos criar-se foi um verdadeiro *schibbolet*. Lacan emprega essa palavra, assim, sem tradução, na 1ª aula do *Seminário 11* ao expor o que entende por pesquisa. Xibolete – é assim que nossos dicionários registram o verbete – é uma palavrinha que vem de um dos muitos episódios sangrentos da Bíblia e foi responsável, segundo consta, pela morte de 42.000 efraimitas (Jz, 12, 1-7). Curiosamente, na tradução de que dispomos, a palavra foi relegada a uma nota de fim, desaparecendo do texto. Segundo o episódio bíblico, quem fosse efraimita e portanto inimigo era identificado pela incapacidade de pronunciar *xibolete* – apenas conseguiam dizer *sibolete*. Assim, o termo passou a designar qualquer teste arbitrário ou costume que distingue um grupo de outro, que identifica determinado grupo ou facção. Devolvi-o ao corpo do texto e procurei escrever o seminário em bom português para que o lacanês não se transforme no xibolete da hora (BERLINER, 2013, p. 23).

É importante notar – como nenhum dos dois tradutores o faz – que a referência ao vocábulo está presente já em “Contribuição à história do movimento psicanalítico” – texto freudiano de 1914 em que o autor afirma ser o sonho “esse xibolete da psicanálise” (FREUD, 1914/2012, p. 314) – e também em seu ensaio posterior “O Eu e o Id”, de 1923, em que, tratando da diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente, Freud afirma: “Se eu pudesse imaginar que todos os interessados em psicologia leriam este trabalho, esperaria que já neste ponto um bom número de leitores parasse e não seguisse adiante, pois aqui está o primeiro xibolete da psicanálise” (FREUD, 1923/2011, p. 15). À palavra “xibolete”, o tradutor Paulo César de Souza (*apud* FREUD, 1914/2012, p. 314) ajunta uma definição em nota de rodapé:

“Xibolete”: “[Do hebr. *shibolet*, ‘espiga’.] S.m. 1. Palavra pela qual os soldados de Jefté reconheceram os efraimitas, que pronunciavam como *s* o dígrafo inicial (*sh*). 2. P.ext. Sinal, senha” (*Dicionário Aurélio Eletrônico*, Nova Fronteira, 2000); cf. Juízes, 12, 5-6.

No mesmo excerto do seminário, ademais, merecem destaque as escolhas feitas pelos tradutores diante da locução pronominal indefinida “*pas mal de*”: Magno a verte simplesmente por “muitas”, enquanto Berliner opta por “não poucas”, mantendo a negativa presente no texto-fonte e, desse modo, garantindo maior fidelidade à letra – e também ao sentido – do texto em língua francesa. Quanto à estrutura sintática, a situação se inverte: diante de mais um anacoluto, ao fim do período, Magno opta por manter as veredas típicas da expressão lacaniana, reproduzindo a pontuação (–) e a quebra frasal (“o termo pesquisa, eu desconfio dele”); Berliner, ao contrário, suprimindo o travessão que introduzia e destacava a assertiva que Lacan, no início do período, pede permissão para enunciar, suprime também o anacoluto, resultando em uma sintaxe bem mais regular que a observada no texto de partida: “Pois bem, permitam-me enunciar [...] que desconfio do termo pesquisa”.

Na passagem contida no Quadro 26, abaixo, o texto estabelecido por Jacques-Alain Miller e a transcrição Staferla divergem.



**Quadro 26 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (b)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>En effet, on y voit comme surgir, sous les pas de quiconque trouve, ce que j'appellerai la revendication herméneutique, qui est justement celle qui cherche – qui cherche la signification toujours neuve et jamais épuisée, mais menacée d'être coupée en herbe par celui qui trouve</i>” (p. 12).</p>	<p>“Com efeito, vê-se aí como surgir, sob os vãos de quem quer que ache, o que chamarei a <i>reivindicação hermenêutica</i>, que é justamente a que procura – que procura a significação sempre nova e jamais esgotada, mas ameaçada de ter suas asinhas cortadas por aquele que acha*” (p. 15).</p> <p>—</p> <p>*N.T.: “<i>Couper l'herbe sous les pieds de quelqu'un, le frustrer d'un avantage en le devançant, en le supplantant</i>”. Na tradução, substituímos o dito francês pelo <i>cortar as asinhas</i> do brasileiro” (p. 275).</p>	<p>“Com efeito, sob os passos de todo aquele que acha, vê-se como que surgir o que eu chamaria a <i>reivindicação hermenêutica</i>, que é justamente aquela que procura – que procura a significação sempre nova e nunca esgotada, mas ameaçada de ser cortada pela raiz* por aquele que acha” (n. 148, p. 39).</p> <p>—</p> <p>*N.T.: “A expressão no original é ‘<i>coupée en herbe</i>’, cortar cerce, pela base, pela raiz, e não ‘<i>couper l'herbe sous les pieds de quelqu'un</i>’ em que M.D. Magno se baseou para traduzir por ‘cortar as asinhas de’” (p. 39).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Eis o trecho segundo a transcrição alternativa:

*On voit comme surgir, sous les pas de quiconque trouve, ce que j'appellerai* “la revendication herméneutique” *qui est justement celle qui cherche, celle qui cherche la “signification” toujours neuve et jamais épuisée, qui serait, au principe, menacée d'être coupée dans l'œuf par celui qui trouve!* (LACAN, 1964, p. 6).

Nota-se aí a razão para a variância observada relativamente ao tempo do verbo “chamar”: enquanto Magno utiliza o futuro do presente do indicativo, “chamarei”, em consonância com a versão milleriana, Berliner opta pelo futuro do pretérito, “chamaria”, conforme a transcrição Staferla<sup>29</sup>. No mesmo fragmento, destaca-se também, na tradução de Magno, a expressão “sob os voos de” como tradução para o que em Lacan (tanto na versão milleriana quanto na transcrição Staferla) corresponde à expressão “*sous les pas de*”. Em uma

<sup>29</sup> Note-se que, na língua-fonte, ambas as formas verbais são quase homófonas: a diferença entre *appellerai* [apelɛʁe] e *appellerais* [apelɛʁɛ], na fala, localiza-se apenas no fonema vocálico final, que passa de fechado a aberto.

busca online, não foi encontrado nenhum outro registro de “sob os voos de” que não a própria tradução de Magno, o que faz com que permaneça incerta a razão de sua escolha pela palavra “voos” – talvez uma rima semântica com o significante “asinhas”, usado por ele mais adiante.

Isto nos leva à divergência central entre as duas traduções deste excerto: aquela relativa à expressão “*couper en herbe*”. Magno, em sua tradução – conforme ele mesmo declara na nota que acompanha o texto, reproduzida no quadro acima –, parte da expressão “*couper l’herbe sous les pieds de quelqu’un*”, que se aproxima da expressão em língua portuguesa “puxar o tapete de alguém”, e que ele traduz por “cortar as asinhas”. No entanto, a expressão usada por Lacan – como se pode perceber no texto<sup>30</sup> e conforme aponta Berliner em sua nota de rodapé, também reproduzida no quadro acima – é outra: “*couper en herbe*” (empregada por ele na voz passiva, “*être coupée en herbe*”), de uso relativamente corrente em língua francesa, porém não dicionarizada.

Diante dos versos de Aragon reproduzidos por Lacan na abertura da segunda lição de seu *Seminário 11* (Quadro 27), Magno e Berliner tomam decisões simetricamente opostas: o primeiro traz os versos já em tradução ao português – presumivelmente de sua autoria –, com nota para o poema em sua língua-fonte ao fim do livro (p. 275); ao passo que a última opta por trazer, no corpo do texto, os versos na língua-fonte, e, em nota de rodapé, sua própria tradução ao português.

### Quadro 27 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (c)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<i>“Vainement ton image arrive à ma rencontre</i>	“É em vão que tua imagem chega ao meu encontro	<i>“Vainement ton image arrive à ma rencontre</i>
<i>Et ne m’entre où je suis qui seulement la montre</i>	E não me entra onde estou, que mostra-a apenas	<i>Et ne m’entre où je suis qui seulement la montre</i>
<i>Toi te tournant vers moi tu ne saurais trouver</i>	Voltando-te para mim só poderias achar	<i>Toi te tournant vers moi tu ne saurais trouver</i>
<i>Au mur de mon regard que ton ombre rêvée</i>	Na parede do meu olhar tua sombra sonhada.	<i>Au mur de mon regard que ton ombre rêvée</i>

<sup>30</sup> No texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Na transcrição Staferla, nota-se um fato curioso; a expressão encontrada é outra: “*couper dans l’œuf*”, uma variação de “*tuer dans l’œuf*” [matar no ovo], que significa acabar com algo desde seu início – sentido também bastante próximo do “cortar pela raiz” trazido na tradução de Berliner, ou ainda, alternativamente, da expressão “matar no berço”, à qual nenhum dos tradutores recorreu.

<p><i>Je suis ce malheureux comparable aux miroirs</i>  <i>Qui peuvent réfléchir mais ne peuvent pas voir</i>  <i>Comme eux mon oeil est vide et comme eux habité</i>  <i>De l'absence de toi qui fait sa cécité</i>" (p. 21).</p>	<p>Eu sou esse infeliz comparável aos espelhos  Que podem refletir mas que não podem ver  Como eles meu olho é vazio e como eles habitado  Pela ausência de ti que faz sua cegueira" (p. 25).</p> <p>—</p> <p>*N.T.: "No original:  <i>Vainement ton image arrive à ma rencontre</i>  <i>Et ne m'entre où je suis qui seulement la montre Toi te tournant vers moi tu ne saurais trouver</i>  <i>Au mur de mon regard que ton ombre révèle</i>  <i>Je suis ce malheureux comparable aux miroirs</i>  <i>Qui peuvent réfléchir mais ne peuvent pas voir Comme eux mon oeil est vide et comme eux habité De l'absence de toi qui fait sa cécité</i>" (p. 275).</p>	<p><i>Je suis ce malheureux comparable aux miroirs</i>  <i>Qui peuvent réfléchir mais ne peuvent pas voir</i>  <i>Comme eux mon oeil est vide et comme eux habité</i>  <i>De l'absence de toi qui fait sa cécité*</i>" (n. 151, p. 38).</p> <p>—</p> <p>*N.T.: "Em vão tua imagem vem ao meu encontro/ E não me entra onde estou quem somente a mostra(o)/ Voltando-te para mim só poderias achar/ Na parede do meu olhar tua sombra sonhada // Sou esse infeliz comparável aos espelhos/ Que podem refletir mas não podem ver/ Como eles meu olho está vazio e como eles habitado / Da ausência de ti que faz sua cegueira" (p. 39).</p>
--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

As traduções que ambos fazem dos versos de Aragon apresentam, ainda, divergências que vão além de sua localização no texto ou no paratexto, como pode ser observado no quadro acima; entretanto, por não se tratar propriamente do texto lacaniano, tais divergências não serão aqui discutidas.

Logo no início do trecho contido no Quadro 28, abaixo, Magno propõe uma tradução não usual – a gíria de língua portuguesa “sacar” – para o verbo *saisir* presente no texto lacaniano, e apresenta no paratexto uma discussão detalhada sobre as razões de sua escolha (ao passo que Berliner traz, simplesmente, o verbo “captar”).

**Quadro 28 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (d)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p><i>“Ils saisiront, je pense, ceux-là, – je m’excuse d’être aussi allusif – ils saisiront la saveur du fait qu’Aragon – dans cette œuvre admirable où je suis fier de trouver l’écho des goûts de notre génération, celle qui fait que je suis forcé de me reporter à mes camarades du même âge que moi, pour pouvoir encore m’entendre sur ce poème – Aragon fait suivre son poème de cette ligne énigmatique – Ainsi dit une fois An-Nadjî, comme on l’avait invité pour une circoncision”</i> (p. 21-22).</p>	<p>“Eles sacarão*, eu acho, esses tais, – desculpo-me por ser tão alusivo – eles sacarão o sabor do fato de Aragon, – nessa obra admirável onde me orgulho de encontrar o eco dos gostos de nossa geração, que faz com que eu seja forçado a me reportar a meus camaradas da mesma idade que eu, para poder ainda me entender sobre esse poema – Aragon faz seguir seu poema com esta linha enigmática – Assim disse uma vez An-Nadjî, quando o convidaram para uma circoncisão” (p. 26).</p> <p>—</p> <p>*N.T.: “Traduziremos frequentemente o verbo <i>saisir</i> pelo português <i>sacar</i>, o qual, além de ter no português oficial significação mais aproximada do verbo francês do que as frequentes traduções por <i>compreender</i>, <i>perceber</i>, <i>aperceber-se</i> etc., foi retomado pela língua, no reforço da gíria, a ser reconhecido, e já bem entronizado na fala cotidiana do brasileiro, como a mais precisa, se não preciosa, tradução, a nosso ver, do <i>saisir</i> do francês” (p. 275).</p>	<p>“Esses, penso, captarão – peço desculpas por ser tão alusivo, – eles captarão o sabor do fato de que Aragon – nessa obra admirável onde me orgulho de encontrar o eco dos gostos de nossa geração, aquela que faz com que eu seja forçado a me remeter a camaradas da mesma idade que eu para ainda poder me entender sobre esse poema – de que Aragon faz seu poema ser seguido do seguinte verso enigmático: <i>Ainsi dit une fois An-Nadjî, comme on l’avait invité pour une circoncision</i>” (n. 151, p. 39).</p> <p>—</p> <p>*N.T.: “Assim disse uma vez An-Nadjî, quando o convidaram para uma circoncisão” (p. 39).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Renunciando a uma apreciação do mérito estético da escolha do tradutor – mas sem deixar de observar certa estranheza na combinação da gíria, marca de oralidade, com a conjugação do verbo no futuro do presente, que, no português brasileiro, dificilmente se emprega em outro contexto que não a língua escrita –, vale apontar o quanto sua tradução e a

defesa de suas escolhas apresentada no paratexto vão ao encontro do que propõe Jesuino-Ferretto (2011): levar em conta a própria teoria lacaniana da linguagem e sua estrutura no processo tradutório, produzindo “textos em que o traço da operação poética que produz o efeito de sentido não seja apagado” (JESUINO-FERRETTO, 2011, p. 67, tradução minha).

Mais adiante há, no mesmo trecho, uma nova divergência entre os tradutores quanto à reprodução de um verso de Aragon por Lacan: Berliner, tal como antes, reproduz o verso em francês no corpo do texto, indicando sua tradução em nota de rodapé; Magno, ao contrário, traz o verso traduzido diretamente no corpo do texto, desta vez sem incluir em qualquer parte o texto de partida. O tradutor também muda a grafia do nome próprio An-Nadjî, retirando o *j*, no que parece ser, por sua falta de propósito ou sentido aparente (uma vez que o nome permanece bastante estrangeiro mesmo com a adaptação), mais um erro tipográfico do que um ato intencional. Imediatamente antes do verso, há uma divergência entre os textos de chegada no que se refere à pontuação: Magno mantém o travessão presente na versão milleriana do seminário<sup>31</sup>, enquanto Berliner o substitui – nesta como em outras passagens – por dois-pontos, de uso mais habitual em língua portuguesa.

No excerto contido no Quadro 29, abaixo, faz-se evidente ainda uma vez o desejo de Magno por manter-se colado o mais possível à sintaxe francesa:

#### Quadro 29 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (e)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
“ <i>Croyez bien que moi-même, je ne la rouvre jamais qu’avec précaution</i> ” (p. 26).	“Podem crer que, eu mesmo, eu não a reabro jamais sem precaução” (p. 31).	“Creiam-me, eu mesmo nunca a reabro sem tomar precauções” (n. 151, p. 45).

Fonte: Elaborado pela autora.

Lacan emprega a forma tônica do pronome pessoal de primeira pessoa do singular, *moi*, reforçada pelo determinante *même* – que só pode estar ligado à forma tônica, e não à átona, *je*,

<sup>31</sup> A transcrição Staferla, tal como a tradução de Berliner, introduz o verso de Aragon com o uso de dois-pontos, e não travessão – o que nos remete ao problema discutido no terceiro capítulo (seção 3.3) deste trabalho, quanto ao caráter originalmente oral dos *Seminários* e a mediação que constitui o ato de transcrevê-los – processo no qual a pontuação tem de ser, como pontua Jacques-Alain Miller (*apud* LACAN, 2008, p. 269), inventada.

que seria a forma requerida para ocupar a função sintática de sujeito da oração. Assim, faz-se necessário ao autor pospor a forma átona do pronome pessoal à sua forma tônica reforçada, resultando em dois pronomes pessoais de primeira pessoa do singular, algo não raro em língua francesa. No português, não há problema em o pronome pessoal do caso reto de primeira pessoa do singular, “eu”, ser reforçado pelo pronome demonstrativo “mesmo”, e, portanto, não há nenhum impedimento a que a locução “eu mesmo” exerça a função sintática de sujeito da oração, não sendo necessária, portanto, uma repetição do pronome pessoal.

É desta forma que procede Berliner, fazendo de “eu mesmo” o sujeito do verbo “reabrir”, sem qualquer repetição. Magno, entretanto, parece sentir-se compelido a seguir à risca a estrutura sintática da língua francesa – o que nem é exatamente possível, pois o uso da forma oblíqua do pronome pessoal de primeira pessoa do singular, “mim”, não é suportado pela língua portuguesa no ponto em que Lacan empregou *moi*, de modo que o tradutor vê-se obrigado a usar duas vezes a forma “eu”, produzindo um efeito de tartamudez ou hesitação ausente no texto-fonte. Outro resultado de sua escolha é a não diferenciação entre o que é o estilo singular de Lacan e o que é meramente efeito das diferenças sintáticas entre a língua de partida e a de chegada, criando, para retomar a formulação de Berliner (2013, p. 22), “um estranhamento não intencionado” pelo autor.

No Quadro 30, a seguir, destaca-se uma passagem em que Berliner utiliza o campo paratextual para, em nota, reconhecer o histórico de traduções (ao português e a outras línguas) que precedem seu próprio esforço tradutório e, dialogando com elas, demarcar sua diferença e mesmo apontar, explicitamente, um erro que ela se propõe a corrigir:

**Quadro 30 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (f)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
<p>“<i>Le terme de Signor, de Herr, passe dans les dessous – le maître absolu, ai-je dit en un temps, la mort pour tout dire, est là disparue. Et, aussi bien, ne voyons-nous pas, là derrière, se profiler tout ce qui nécessite Freud à trouver dans les mythes de la mort du père la régulation de son désir?</i>” (p. 29).</p>	<p>“A palavra <i>Signor, Herr</i>, passa por baixo – o senhor absoluto, eu disse uma vez, a morte, para dizer tudo, desaparece ali. E também, será que não vemos, lá detrás, perfilar-se tudo que Freud necessita para encontrar nos mitos da morte do pai a regulação de seu desejo?” (p. 34).</p>	<p>“O termo <i>Signor, Herr</i>, passa para baixo – o mestre absoluto, disse eu uma vez, a morte em suma, desaparece ali. Mas não vemos também, lá atrás, desenharem-se tudo o que obriga* Freud a encontrar nos mitos da morte do pai a regulação de seu desejo?” (n. 151, p. 49).</p> <p>—</p>

		*N.T.: “As várias traduções consultadas cometeram um erro de leitura neste trecho, erro cheio de implicações teóricas e clínicas. No original: ‘ <i>se profiler tout ce qui nécessite Freud à trouver dans les mythes de la mort du père la régulation de son désir?</i> ’. A construção ‘ <i>nécessiter qqn à faire</i> ’, também usada em português (‘necessitar alguém a’) apesar de pouco usual, significa ‘exigir, obrigar, coagir alguém a’” (p. 49).
--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora.

De fato, a expressão francesa “*nécessiter quelqu’un à*” tem o sentido de “pôr alguém em necessidade de” (PAUTEX, 1862, p. 195, tradução minha), “reduzir [alguém] à necessidade de fazer algo” (BESCHERELLE, 1874, p. 624, tradução minha), de modo que o que Lacan se pergunta se não vemos desenhar-se ou perfilar-se lá atrás não é aquilo de que Freud necessita, mas o que o *obriga* a encontrar nos mitos da morte do pai a regulação de seu desejo.

O trecho reproduzido no Quadro 31, abaixo – que, ademais, não apresenta grandes divergências quanto aos processos de retextualização –, foi selecionado pelo que representa em termos de explicitação e reconhecimento, no âmbito de uma questão vocabular, da dívida de Berliner em relação à primeira tradução. Por se tratar de um diálogo estabelecido entre textos (tradução e retradução), entende-se que o aspecto preponderante aqui é o da intertextualidade.

### Quadro 31 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (g)

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2006)
“Wiederholen. <i>Rien n’a plus fait énigme [...] que ce</i> Wiederholen, <i>qui est tout près, aux dires des étymologistes les plus mesurés, du</i>	“Wiederholen. Nada se torna maior enigma [...] do que esse <i>Wiederholen</i> que está muito perto, no dizer dos etimólogos, do <i>haler</i>	“Wiederholen. Nada foi mais enigmático [...] que esse <i>Wiederholen</i> , que se aproxima muito, segundo os etimólogos

<p>haler – <i>comme on fait sur les chemins de halage – tout près du haler du sujet, lequel tire toujours son truc dans un certain chemin d'où il ne peut pas sortir</i>” (p. 50).</p>	<p>francês, do <i>sirgar</i> – como se faz nas trilhas de <i>sirgagem</i> – muito perto do <i>sirgar</i> do sujeito, o qual puxa sempre seu trem* por um caminho de onde não pode sair” (p. 52-53).</p> <p>—</p> <p>*N.T.: “No original, o termo é <i>truc</i>, com a ambiguidade de ‘trólei’ e de ‘troço’, pelo que escolhemos o ‘trem’, do brasileiro nordestino, que tem essa conotação” (p. 276).</p>	<p>mais comedidos, do <i>sirgar</i> – como se faz nos caminhos de <i>sirga</i> – se aproxima muito do <i>sirgar</i> do sujeito, que vai sempre puxando seu trem* por um certo caminho do qual não pode sair” (n. 152, p. 67).</p> <p>—</p> <p>*N.T.: “Devo essa tradução do francês <i>truc</i> a M.D. Magno” (p. 67).</p>
--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Na descrição deste conceito fundamental da psicanálise que é a repetição (aqui referida em sua forma verbal germânica *Wiederholen* [repetir], para a qual nem o texto-fonte nem as traduções apresentam o “equivalente” em português), Lacan usa a imagem da *sirga* (em francês, *haler*): termo náutico de origem obscura que significa “ação ou resultado de *sirgar*, de puxar embarcação ao longo da margem de rio por meio de cabo ou corda” (AULETE, 2014).

Ao desenvolver a metáfora, explicitando em parte seu sentido, uma vez que o *haler* também não é um termo de uso tão corrente em língua francesa, Lacan faz uso do vocábulo *truc*, que tem, entre suas muitas acepções, a de “palavra pela qual se designa qualquer coisa” (LAROUSSE, 2008, tradução minha). Trata-se de um uso muito parecido com o que se faz em Minas Gerais da palavra “trem”, achado muito feliz de Magno (ainda que incorretamente atribuído por ele ao Nordeste do Brasil), posto que traz em si, juntamente, sua acepção geral: “meio de transporte formado por vários vagões rebocados por uma locomotiva” (AULETE, 2014) ao longo de uma trilha da qual não pode sair – imagem bastante afim à metáfora lacaniana da *sirga*.

No excerto abaixo (Quadro 32), por fim, ilustra-se em nota de rodapé o trânsito de Berliner entre o texto estabelecido por Miller – ao qual ela adere no corpo de sua tradução – e



a versão alternativa do seminário<sup>32</sup>, num ponto em que ambas divergem quanto ao sujeito de uma oração:

**Quadro 32 – Comparativo entre texto-fonte e traduções: aspectos intertextuais (h)**

Lacan (1973)	Tradução de Magno (1985)	Tradução de Berliner (2007)
<p>“Où est-elle, la réalité, dans cet accident? – sinon qu’il se répète quelque chose, en somme plus fatal, au moyen de la réalité – d’une réalité où celui qui était chargé de veiller près du corps, reste encore endormi, même d’ailleurs quand le père survient après s’être réveillé” (p. 57).</p>	<p>“Onde está ela, a realidade, neste acidente? senão que algo se repete, mais fatal em suma, <i>por meio</i> da realidade – de uma realidade em que aquele que estava encarregado de velar junto ao corpo ainda permanece dormindo, mesmo aliás quando o pai acode depois de ter acordado” (p. 60).</p>	<p>“Onde está ela, a realidade, nesse acidente, senão que algo se repete*, mais fatal em suma, <i>por meio</i> da realidade – de uma realidade onde aquele que estava encarregado de velar junto ao corpo continua adormecido, aliás mesmo quando o pai aparece depois de ter despertado” (n. 154, p. 40-41).</p> <p>—</p> <p>*N.T.: “Miller: <i>sinon qu’il se répète quelque chose</i> = senão que algo se repete; estenografia: <i>sinon qu’il [l’accident] répète quelque chose</i> – senão que ele [o acidente] repete algo” (p. 41).</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Depreende-se deste trecho, bem como de outros nos quais o cotejamento com estenografias, transcrições alternativas e traduções a outros idiomas se faz presente na tradução de Berliner, que tal diálogo intertextual sustentado pela tradutora parece ter em vista não a afirmação de qualquer espécie de verdade última ou sentido unívoco do texto lacaniano, mas, ao contrário, o propósito de apresentar ao público, na língua-alvo, um texto que contemple as múltiplas leituras possíveis do discurso enunciado por Lacan.

<sup>32</sup> Na passagem correspondente da transcrição Staferla, lê-se: “*Et où est-elle la réalité dans cet accident, sinon qu’il répète quelque chose en somme plus fatal, au moyen de la réalité, d’une réalité où celui qui était chargé de veiller près du corps reste encore endormi, même d’ailleurs quand le père survient après s’être réveillé?*” (LACAN, 1964, p. 30).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da tradução através dos séculos tem se realizado, ela mesma, como *bricolage*, muito mais do que como fazer científico – o que, longe de negar seu espaço justo de análise pela via do discurso acadêmico, nos leva de volta à recusa de Berman (1985/2013) do par conceitual teoria/prática. Tal como a psicanálise, a atividade tradutória reinventa-se sempre no caso a caso, na lida direta com o texto. Habitando um espaço babélico, que recusa qualquer totalização (BERMAN, 1985/2013), a tradução enquanto prática necessariamente se debruça e medita sobre outras áreas, sem no entanto perder seu estatuto de sujeito e objeto de um saber próprio, fundado na letra; a tradução, enquanto saber *sui generis*, recusa ser identificada e objetificada por outros saberes, mas de forma alguma se furta à reflexão sobre tais saberes.

Compreendendo-se a tradução como método de leitura e de análise (e de pesquisa e de pensamento) – o que parece se colocar de forma consciente no texto de Berliner, e de forma inconsciente no texto de Magno –, denota-se a especificidade da tradução de teoria e, nesse âmbito, a tradução da psicanálise emerge como campo essencialmente fronteiriço entre tradução e psicanálise. Afinal, a atitude epistêmica da psicanálise – e, de forma mais específica, da psicanálise lacaniana, que nos concerne aqui enquanto objeto – requer uma atitude tradutória que não seja a sua negação. Nesta área de interseção e convergência entre duas práxis orientadas pelo discurso, os usos da língua ganham relevo particular.

Na América Latina – de onde se enuncia este metadiscurso e também as traduções de Lacan aqui analisadas –, a língua – ou, melhor, as línguas – tem sua materialidade e ecos próprios, dando forma e inscrevendo nos corpos (materiais ou sutis) as relações de poder instituídas pela colonialidade. Afinal, a dominação linguística foi parte fundante do projeto colonial, e a hierarquização entre línguas – privilegiando os idiomas europeus para fins de comunicação e produção de conhecimento teórico, ao passo que subalternizando os demais (MIGNOLO, 2017) – tem seus efeitos até hoje, em diversos campos do conhecimento.

A psicanálise tampouco escapa aos efeitos de ser uma teoria importada (SOUZA JR., [2021]), e as relações dos analistas com a língua própria e a língua do outro são, não raro, marcadas por um profundo mal-estar. Além da influência universal da matriz colonial de poder, os psicanalistas lacanianos de além-mar também estão sujeitos, em sua lida com a alteridade (e a autoridade) linguística, às “vicissitudes transferenciais com os estrangeiros que foram seus mestres e analistas, direta ou indiretamente” (GOLDENBERG, 1994).

O lugar ocupado pela América Latina no cenário psicanalítico internacional após a morte de Lacan (1981), no entanto, exige que esta posição seja revista, e que esta diferença seja sustentada, a despeito do mal-estar. A partir da década de 1980, por fatores que vão desde a dispersão migratória de intelectuais europeus no pós-guerra até a recepção da psicanálise como movimento de contracultura em meio aos regimes ditatoriais instituídos na América Latina, integrando-a a teorias pós-coloniais autóctones, tem-se que hoje países como Brasil e Argentina apresentam cenários muito mais vivos e complexos para o desenvolvimentos do campo psicanalítico que suas paragens de origem (TAVARES, 2011), tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito clínico – facetas indissociáveis, enfim, da práxis de que se constitui a psicanálise.

Uma das condições que possibilitaram a assimilação do discurso psicanalítico enquanto movimento contracultural em países latinos – e, em especial, no Brasil – foi, pode-se aventar, a alteridade constitutiva do projeto de construção de uma identidade nacional que incorporasse o par dialético natureza/civilização – sendo a natureza identificada com as línguas e culturas originárias (subalternizadas à condição de exotismo produtor de folclore pelo projeto de dominação colonial), e a civilização associada à cultura europeia (produtora de ordenação e racionalidade). O impasse posto por um tal projeto civilizatório seria tomado como o principal objeto de reflexão pelo movimento antropofágico.

Esta teoria pós-colonial, em sua potência de ruptura com o discurso higienista hegemônico, abriu as veredas que viabilizaram a compreensão do próprio a partir de uma lente autóctone em diálogo com a alteridade do estrangeiro, tornando possível, assim, que uma teoria traduzida de além-mar fosse, aqui, não apenas repetida, mas reelaborada de modo a dar conta da realidade concreta do sistema de chegada, na integralidade de suas contradições. Pôde-se produzir no país, assim, a partir de uma desnaturalização do estrangeiro e de um desreque do próprio, uma nova compreensão de si mesmo enquanto identidade nacional, em um processo que passa pelo reconhecimento do status da língua materna e pela disposição de deslocar a verdade colonial posta no lugar de mestre, e sustentada por toda uma logística de produção do saber geradora de relações de apagamento e opressão.

Entendendo-se a tradução não como mera transferência de substância (sentido, conteúdo), mas como uma negociação entre a retórica (estilo, forma) e a sistematicidade lógica das línguas, uma mediação política entre a autoridade das línguas envolvidas parece estar em jogo. Neste esforço inicial de pesquisa, buscou-se apontar, em suas origens e efeitos, os principais fatores que informam a constituição da psicanálise lacaniana enquanto discurso e

suas traduções ao português brasileiro, analisando-se, para tanto, duas traduções distintas de uma mesma obra, separadas temporalmente por um intervalo de 21 anos.

Com base na relação intrínseca entre episteme, estilo e língua em Lacan, buscou-se na experiência de cada processo de retextualização analisado como e de acordo com que estratégia se materializaram as escolhas dos respectivos tradutores, no que concerne aos aspectos vocabulares, sintáticos e intertextuais do discurso lacaniano.

Pelo escopo necessariamente restrito de um trabalho de dissertação, não foi possível aqui levar a cabo uma investigação aprofundada no campo da sociologia da tradução, capaz de listar o conjunto dos seminários lacanianos oficialmente traduzidos no Brasil – elencando dados como ano de publicação na França, ano em que foram ministrados, outras línguas para as quais foram traduzidos, ano de publicação da tradução brasileira, bem como tradutores e editoras envolvidas no projeto – e, ao mesmo tempo, inventariar a multiplicidade de transcrições e traduções alternativas atualmente em circulação no país. Uma tal investigação contribuiria largamente para lançar luz sobre as circunstâncias políticas e linguísticas que pautaram, de início, a recepção da psicanálise lacaniana no Brasil, deslindando também suas implicações sobre as produções teóricas posteriores do campo em terreno e língua nacional – o que permitiria também identificar em que medida as traduções mais recentes, de produção e circulação ainda restrita ao âmbito das escolas psicanalíticas, como a de Berliner, se situam em regime de continuidade ou ruptura com a tradição instituída por pioneiros como Magno.

Espero que este trabalho tenha, assim, e a despeito de suas limitações, lançado as bases para uma reflexão ampla acerca das ambiguidades em jogo no estabelecimento da psicanálise lacaniana no Brasil, compreendendo o papel central da tradução no debate sobre o lugar da brasilidade nos desenvolvimentos da teoria psicanalítica – o que é determinante, enfim, do potencial desta teoria de fazer-se viva e sustentar um diálogo aberto com a realidade nacional em suas contradições e singularidades.

## REFERÊNCIAS

ABNT. **NBR 10520**: informação e documentação – citações em documentos – apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. Disponível em: <http://www2.uesb.br/biblioteca/wp-content/uploads/2016/05/NBR-10520-CITAÇÕES.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2019.

ALBERTI, Sonia; ELIA, Luciano. Psicanálise e ciência: o encontro dos discursos. **Mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 779-802, set. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v8n3/10.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.

ALTHUSSER, Louis. Freud e Lacan. *In*: ALTHUSSER, Louis. **Freud e Lacan, Marx e Freud**. Tradução: Walter José Evangelista. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 45-71. Publicado pela primeira vez em 1964.

ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. *In*: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 1-6. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2019. Publicado pela primeira vez em 1928.

ASSIS ROSA, Alexandra. Descriptive Translation Studies (DTS). *In*: GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc (org.). **Handbook of Translation Studies volume 1**. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 94-104. Disponível em: <https://benjamins.com/online/hts/articles/des1>. Acesso em: 2 jan. 2020.

AULETE Digital. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014. Disponível em: <http://www.aulete.com.br>. Acesso em: 20 jul. 2019.

BECHARA, Evanildo (org.) **Vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2017. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 16 out. 2020.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Tradução: Susana Kampff Lages. *In*: HEIDERMANN, Werner (org.). **Clássicos da teoria da tradução**. 2. ed. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. v. 1. p. 201-231. Publicado pela primeira vez em 1923.

BENVENISTE, Émile. Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana. *In*: BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. Tradução: Maria da Gloria Novak, Luiza Neri. São Paulo: Edusp, 1976. p. 81-94. Publicado pela primeira vez em 1966.

BERLINER, Claudia. Experiência tradutória com o *Seminário 11* de Jacques Lacan: a visibilidade do tradutor. *In*: TAVARES, Pedro Heliodoro; PAULA, Marcelo Bueno de; COSTA, Walter Carlos (org.). **Psicanálise e tradução**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. p. 21-33.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução: Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2. ed. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. Publicado pela primeira vez em 1985.

BESCHERELLE, Louis-Nicolas. **Dictionnaire national ou Dictionnaire universel de la langue française**. 15. ed. Paris: Garnier Frères, 1874. Tome second. Digitalized by Internet Archive with funding from Toronto University. Disponível em: <https://archive.org/details/dictionnaire-nati02besc>. Acesso em: 12 fev. 2020.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Unesp, 1990.

BRASIL. Senado Federal. Secretaria Especial de Editorações e Publicações. **Acordo ortográfico da língua portuguesa**. Brasília: Senado Federal, 2009. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/182955>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUFFON, Georges-Louis Leclerc. **Discours sur le style**. 5. ed. Paris: Librairie Charles Delagrave, 1894. Disponível em: <https://epub.ub.uni-muenchen.de/41202/1/8P.gall.2269.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2019.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. Plano piloto para poesia concreta. **Noígrandes**, São Paulo, n. 4, 1958. Disponível em: <http://tropicalia.com.br/en/leituras-complementares/plano-piloto-para-poesia-concreta>. Acesso em: 22 jun. 2020.

CAMPOS, Haroldo de. O afreudisíaco Lacan na galáxia de la língua (Freud, Lacan a escritura). **Afreudite**: revista lusófona de psicanálise pura e aplicada, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 1-22, 2005. ISSN 1646-3722. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/afreudite/article/view/824>. Acesso em: 21 abr. 2019. Publicado pela primeira vez em 1989.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. *In*: CAMPOS, Haroldo de. **Da transcrição**: poética e semiótica da operação tradutora. Belo Horizonte: Viva Voz, 2011. p. 31-46. Publicado pela primeira vez em 1962.

CAMPILLO, Antonio. El autor, la ficción, la verdad. *In*: **Daimon**: revista internacional de filosofía, Murcia, v. 5, p. 25-45, 1992. Disponível em: <https://revistas.um.es/daimon/article/view/12311>. Acesso em: 12 out. 2020.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Tradução: J. Guinsburg e Míriam Schnaiderman. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. Publicado pela primeira vez em 1925.

CESAROTTO, Oscar; LEITE, Márcio Peter de Souza. **Jacques Lacan: uma biografia intelectual**. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2010.

CESAROTTO, Oscar. O discurso lacaniano. *In*: PINTO, Manuel da Costa (org.). **O livro de ouro da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. p. 341-350.

CHENG, François. Faute de mieux. **L’Ane**, Paris, n. 4, p. 42-43, fev./mars 1982.

CHEVITARESE, André Leonardo. A “resposta” que Derrida não concedeu a Sokal: a desconstrução do conceito de contexto. *In*: DUQUE-ESTRADA, Paulo César (org.). **Às margens: A propósito de Derrida**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 1-22. Disponível em: <https://docplayer.com.br/18010357-A-resposta-que-derrida-nao-concedeu-a-sokal.html>. Acesso em: 24 fev. 2020.

CIPRO NETO, Pasquale. Quem ama (,) educa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 nov. 2005. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1011200506.htm>. Acesso em: 11 set. 2019.

CONTANT, Chantal. Les virgules et le verbe. **Bescherelle: Conjugaison, grammaire, orthographe, bons usages (blogue)**, Montréal, 23 jan. 2017. Ponctuation et typographie, [s.n.]. Disponível em: <http://bescherelle.ca/virgule/>. Acesso em: 11 set. 2019.

COSTA, Walter Carlos. Notas sobre três traduções do *Seminário Livro 3* de Lacan. *In*: COSTA, Walter Carlos; TAVARES, Pedro Heliodoro; ROSSI, Emiliano de Brito (org.). **Psicanálise entre línguas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. p. 139-151.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. *In*: DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. Tradução: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes, Pérola de Carvalho. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 407-226. Publicado pela primeira vez em 1967.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução: Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. Publicado pela primeira vez em 1987.

DIAS, Maurício Santana. Em nome do Pai: a construção do mito Lacan. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 abr. 2001. Mais!. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0804200104.htm>. Acesso em: 21 jun. 2019.

DICIONÁRIO Informal: significados, definições, sinônimos, antônimos, relacionadas, exemplos, rimas, flexões. Brasil: 2020. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br>. Acesso em: 12 out. 2020.

DICIONÁRIO Priberam da língua portuguesa. Portugal: Priberam, 2011. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 15 jan. 2020.

FACCHINETTI, Cristiana. Histórias da digestão do discurso psicanalítico no Brasil – saúde mental e cultura. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 92-96,

2002. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/7771/5619>. Acesso em: 27 ago. 2019.

FARIA, Ernesto. **Dicionário latino-português**. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003.

FREITAS, Luana Ferreira de. **Tradução comentada de A Sentimental Journey de Laurence Sterne**. 2007. Tese (Doutorado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FREUD, Sigmund. Contribuição à história do movimento psicanalítico. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 11**: Totem e tabu, “Autobiografia”, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 245-327. Publicado pela primeira vez em 1914.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 2**: Estudos sobre a histeria (1893-1895), em coautoria com Josef Breuer. Tradução: Laura Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Publicado pela primeira vez em 1893, com acréscimos feitos 1985.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 16**: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 13-74. Publicado pela primeira vez em 1923.

FREUD, Sigmund. Sobre a dinâmica da transferência. *In*: FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução: Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. Publicado pela primeira vez em 1912.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Sobre os primórdios da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP**. São Paulo: Edusp, 2020.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 2. ed., 24. reimpr. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GLYNOS, Jason; STAVRAKAKIS, Yannis. Posturas e imposturas: o estilo de Lacan e sua utilização da matemática. Tradução: Flávia Maria Samuda. **Ágora**: estudos em teoria psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 111-130, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/agora/v4n2/v4n2a09.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2019.

GOLDENBERG, Ricardo. “O mal-estar no português ou Olha quem está falando!”. **Boletim de novidades** (Pulsional Revista de Psicanálise), São Paulo, n. 57, jan. 1994. Disponível em: [https://ricardogoldenberg.com.br/wp-content/uploads/2014/07/olha-quem-esta-falando\\_ricardo-goldenberg.pdf](https://ricardogoldenberg.com.br/wp-content/uploads/2014/07/olha-quem-esta-falando_ricardo-goldenberg.pdf). Acesso em 28 fev. 2020.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução: Alceu Dias Lima *et al.* 2. ed., 2. reimpr. São Paulo: Contexto, 2013. Publicado pela primeira vez em 1979.

HOLMES, James. The name and nature of Translation Studies. *In*: VENUTI, Lawrence (org.). **The Translation Studies reader**. New York: Routledge, 2000. Publicado pela primeira vez em 1972.



JAKOBSON, Roman. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. *In*: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução: Izidoro Blikstein, José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969. p. 34-62. Publicado pela primeira vez em 1963.

JESUINO-FERRETTO, Angela. Lacan deve falar português? **Correio da Appoa**, Porto Alegre, n. 67, p. 16-18, abr. 1999.

JESUINO-FERRETTO, Angela. Lacan peut-il parler brésilien? **La revue lacanienne**, Toulouse, n. 11, p. 65-71, 2011. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-la-revue-lacanienne-2011-3-page-65.htm?contenu=resume#>. Acesso em: 11 mar. 2019.

JESUINO-FERRETTO, Angela. O bilinguismo do tradutor. **Alea: estudos neolatinos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 354-360, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alea/v11n2/v11n2a12.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2019.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KEHL, Maria Rita. Ética e técnica. *In*: PINTO, Manuel da Costa (org.). **O livro de ouro da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. p. 341-350.

LACAN, Jacques. Abertura desta coletânea. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 9-11. Publicado pela primeira vez em 1966.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496-533. Publicado pela primeira vez em 1957.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 869-892. Publicado pela primeira vez em 1965.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324. Publicado pela primeira vez em 1953.

LACAN, Jacques. **Le Séminaire, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse**. Texte établi par Jacques-Alain Miller. Paris: Éditions du Seuil, 1973.

LACAN, Jacques. Lituraterra. *In*: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 15-25. Publicado pela primeira vez em 1971.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Betty Milan. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Publicado pela primeira vez em 1975.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M.D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Publicado pela primeira vez em 1973.

LACAN, Jacques. O Seminário – livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, I. A excomunhão. Tradução: Claudia Berliner. **Correio da Appoa**, Porto Alegre, n. 148, p. 31-44, jul. 2006a. Publicado pela primeira vez em 1973.

LACAN, Jacques. O Seminário – livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, II. O inconsciente e a repetição. Tradução: Claudia Berliner. **Correio da Appoa**, Porto Alegre, n. 151, p. 38-50, out. 2006b. Publicado pela primeira vez em 1973.

LACAN, Jacques. O Seminário – livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, III. O sujeito da certeza. Tradução: Claudia Berliner. **Correio da Appoa**, Porto Alegre, n. 151, p. 51-66, out. 2006b. Publicado pela primeira vez em 1973.

LACAN, Jacques. O Seminário – livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, IV. A rede dos significantes. Tradução: Claudia Berliner. **Correio da Appoa**, Porto Alegre, n. 152, p. 56-68, nov. 2006c. Publicado pela primeira vez em 1973.

LACAN, Jacques. O Seminário – livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, V. Tiquê e autômaton. Tradução: Claudia Berliner. **Correio da Appoa**, Porto Alegre, n. 154, p. 33-49, jan. 2007. Publicado pela primeira vez em 1973.

LACAN, Jacques. **Séminaire 11**: fondements de la psychanalyse. Nouvelle transcription Staferla. Paris: ELP, 1973. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S11/S11%20FONDEMENTS.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2019.

LACAN, Jacques. **Séminaire 24**: l'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre. Nouvelle transcription Staferla. Paris: ELP, 1976-1977. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S24/S24%20L'INSU....pdf>. Acesso em: 29 jan. 2020.

LAMBERT, José. Sobre a descrição de traduções. Tradução: Marie-Hélène Catherine Torres, Lincoln Fernandes. In: GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (org.). **Literatura e tradução**: textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro, 2011. p. 208-223. Publicado pela primeira vez em 1985.

LAROUSSE dictionnaire de français. Paris: Hachette, 2008. Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais-monolingue>. Acesso em: 7 jul. 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A ciência do concreto. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Tradução: Tânia Pellegrini. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2008. p. 15-49. Publicado pela primeira vez em 1962.

MENDES, João Ribeiro. Um modo de fazer filosofia: a ontologia histórica de Ian Hacking. **Diacrítica**, Braga, v. 26, n. 2, p. 105-120, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/dia/v26n2/v26n2a07>. Acesso em: 22 ago. 2020.

MESCHONNIC, Henri. **Pour la poétique II**. Paris: Gallimard, 1973.

MICHAELIS dicionário brasileiro da língua portuguesa. Versão online. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 16 out. 2020.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução: Marco Oliveira. **Revista brasileira de ciências sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, jun. 2017. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092017000200507](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200507). Acesso em: 22 ago. 2020.

MILAN, Betty. Difusão da psicanálise lacaniana no Brasil. *In*: MILAN, Betty. **Trilogia Psi**. São Paulo: EMM, 2018. p. 292-302. Publicado pela primeira vez em 1994. Disponível em: <https://www.bettymilan.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Trioloiga-PSI-Betty-Milan.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MILAN, Betty. Entrevista a Alain Didier-Weill. **YouTube**. Canal Betty Milan (1h 1 min 21 s), 21 jul. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XyajT1-9Z8A>. Acesso em: 19 jun. 2020.

NAGEM, Glaucia; GUARRESCHI, Luciana. O Seminário, livro 13: o objeto da psicanálise, de Jacques Lacan. **Stylus: revista de psicanálise**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 135-145, dez. 2018. Disponível em: <http://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/355/247>. Acesso em: 23 jul. 2020.

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. La traduction portugaise des Écrits de Jacques Lacan. **Marges linguistiques**, Saint-Chamas, v. 2, n. 8, p. 64-75, nov. 2004.

PAUTEX, Benjamin. **Errata du Dictionnaire de l'Académie française**. 2. ed. Paris: J. Cherbuliez, Hachette, 1862.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em: 12 ago. 2020.

REUILLARD, Patricia. A tradução dos seminários de Jacques Lacan. **Trabalhos em linguística aplicada**, Campinas, n. 50.2, p. 393-411, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v50n2/10.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2019.

REUILLARD, Patricia. **Neologismos lacanianos e equivalências tradutórias**. 2007. Tese (Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RODRIGUES, Sérgio. Sê-lo-á ou sê-lo-ia? Cultor da mesóclise, Temer pode virar uma. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 maio 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergio-rodrigues/2017/05/1887186-se-lo-a-ou-se-lo-ia-cultor-da-mesoclise-temer-pode- virar-uma.shtml>. Acesso em: 11 dez. 2019.

RÓNAI, Paulo. **Escola de tradutores**. 6. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

ROUDINESCO, Elisabeth. **História da psicanálise na França: a Batalha dos Cem Anos**. Volume 2: 1925-1985. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. Publicado pela primeira vez em 1986.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Jacques Lacan**: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Publicado pela primeira vez em 1993.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Publicado pela primeira vez em 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Publicado pela primeira vez em 1916.

SCHNEIDERMAN, Stuart. **Jacques Lacan**: a morte de um herói intelectual. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. Publicado pela primeira vez em 1983.

SOKAL, Alan; BRICMONT, Jean. **Imposturas intelectuais**: o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos. Tradução: Max Altman. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. Publicado pela primeira vez em 1997.

SOUZA JR., Paulo Sérgio de. A língua do outro e a nossa: política, tradução e psicanálise. **Estudos avançados**, São Paulo, [2021]. No prelo.

SOUZA JR., Paulo Sérgio de. Uma zona linguística franca: o psíquico. *In*: COSTA, Walter Carlos; TAVARES, Pedro Heliodoro; ROSSI, Emiliano de Brito (org.). **Psicanálise entre línguas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016. p. 17-26.

TAVARES, Pedro Heliodoro. **Versões de Freud**: breve panorama crítico da tradução de sua obra. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Traduzir o Brasil literário**: história e crítica. Tradução: Clarissa Prado Marini, Sônia Fernandes, Aída Carla Rangel de Sousa. Tubarão: Copiart, 2014. v. 2.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. **Stylistique comparée du français et de l'anglais**. Paris: Didier, 1972. Publicado pela primeira vez em 1958.

VINOKUR, Val; RÉJOUIS, Rose. On Collaborative Translation. *In*: LEVINE, Suzanne Jill; LATEEF-JAN, Katie (org.). **Untranslatability goes global**. New York: Routledge, 2018.

ZAHAR. **Sobre o fundador**: Perfil Jorge Zahar, Rio de Janeiro, [2012]. Disponível em: <https://zahar.com.br/apresentacao/sobre-o-fundador>. Acesso em: 4 set. 2020.